



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



O *STRESS* NO TRABALHO DO DOCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO

Katia Miluska Díaz Dextre

São Carlos – SP

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



O STRESS NO TRABALHO DO DOCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO

Katia Miluska Díaz Dextre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, na Linha de Pesquisa “Estado, Política e Formação Humana”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva

São Carlos - SP

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Katia Miluska Diaz Dextre, realizada em 27/09/2021.

Comissão Julgadora:


Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva (UFSCar)


Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani (UNICAMP)


Prof. Dr. João dos Reis Silva Junior (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

CAPÍTULO 1 - A PESQUISA¹

1.1. Introdução

Atualmente, o *stress* se constitui um grande problema da vida laboral moderna. Vivemos num mundo no qual o *stress* está em alguma atividade do ser humano, desde uma competição de jogos esportivos ou de outra natureza, até atividades profissionais. A crescente complexidade da sociedade, nestes tempos da quarta revolução industrial, termo acunhado por Schawab (2016), contribui para que os indivíduos tenham que se adaptar a maiores influências, exigências e tensões no dia a dia.

No mundo competitivo, em que muitas vezes vivemos produzindo situações com máxima eficiência e outras organizações trabalhistas esperam produtividade, isso implica no trabalhador um esforço para satisfazer as demandas que a organização espera obter. Amplamente, o *stress* no trabalho tem sido reconhecido como um problema de saúde ocupacional na medida em que afeta a saúde física e mental, o desempenho e a satisfação laboral do trabalhador. Além disso, o prolongado desgaste mental conduz ao profissional até um nível do *stress*, no qual suas atividades acabam não sendo bem sucedidas. Também, pode até sofrer o *Burnout* (esgotamento interno) que se manifesta na relação entre aquele que cuida do seu cliente ou usuário, presente sobretudo entre os profissionais que trabalham em serviços de saúde ou educação. A incorporação da noção de *burnout* ao estudo do *stress* é uma inquietante constatação: a cilada psíquica da relação entre aquele que trabalha e o cliente. (DEJOURS, 1992).

Os trabalhos do campo científico saúde mental e trabalho apresentam o grande desenvolvimento nos últimos anos no Brasil, manifestado em distintos estudos, tais como os publicados nas coletâneas “A danoção do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico” (SILVA FILHO; JARDIM, 1998), ademais “Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho: aspectos teóricos, metodológicos, interventivos e preventivos” (SCHMIDT; CASTRO; CASADORE, 2018). Nestas, e em alguns artigos científicos (BERNARDES; ARAÚJO; PINHO; CONCEIÇÃO, 2010; CUNHA, 2014; GONÇALVES; STEIN; KAPCZINSKI, 2008; HARDING et. al., 1980) são referidos o uso do *Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)* para mapeamento e identificação de transtornos mentais comuns (TMCs). Ao passo que nos estudos sobre *stress* são referidos

¹ A presente pesquisa recebeu financiamento da CAPES (cota de bolsas do PPGE-UFSCar).

instrumentos para sua detecção e caracterização, como o *Inventário de Sintomas de Stress* (ISSL), de Lipp (LIPP; GUEVARA, 1994; LIPP, 2004).

Um dos instrumentos para o procedimento de coleta de dados gerais da presente pesquisa foi um Questionário, adaptado da Tese de Silva (2005), dividido em duas partes: Parte A, composto por três itens que correspondem ao Inventário de Sintomas do *Stress* de Lipp, o ISSL (LIPP; GUEVARA, 1994); e Parte B, intitulada “Trabalho, saúde e vida familiar”, composta no item 1 pelo *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), versão brasileira (PALÁCIO; JARDIM; RAMOS; SILVA FILHO, 1997). Os itens 2 e 3 desta Parte B são de questões elaboradas por esta pesquisadora junto de seu orientador (vide Questionário no Apêndice 1).

Baseado no uso dos instrumentos e questões complementares do Questionário foram revelados sintomas de *stress* e identificação de suas diferentes fases em docentes da Pós-Graduação de uma renomada Universidade pública do Estado de São Paulo, também, transtornos mentais comuns. Após aplicação do Questionário foram realizadas 7 entrevistas semiestruturadas (vide, comentários à frente). Realizou-se um estudo de delineamento metodológico de cada questionário respondido pelos docentes, caracterizando uma abordagem qualitativo-quantitativa do tipo descritivo e transversal.

Participaram da resposta para o Questionário 24 docentes, também, identificamos 8 docentes (33.33% da amostra) com *stress*. Além da identificação de existência ou não do *stress* em cada um dos docentes foram verificadas a fase (alerta, resistência, quase exaustão ou exaustão), quais eram os tipos de sintomas prevalentes (físicos ou psicológicos). Os resultados são descritos e analisados no Capítulo III.

A apresentação desta versão da Dissertação de Mestrado e dos dados de pesquisa foi organizada em quatro partes que lidam com a complexidade da temática e da assunção da articulação do *stress* com o trabalho - no caso em questão, do trabalho do docente da Pós-Graduação.

Neste primeiro capítulo, abordamos o objeto, objetivos, hipótese e justificativa da pesquisa realizada. Portanto, consideramos os aspectos teóricos, os métodos e procedimentos utilizados, assim como o contexto e os seus participantes.

No segundo capítulo está incluída uma revisão da literatura do conceito de *stress*, com destaque às relações entre trabalho e *stress*, que tem despertado grande interesse na comunidade científica nacional e internacional. Entender os processos que levam ao surgimento do *stress* é adequado para conhecer as opiniões e conclusões de autores e investigadores existentes na literatura relacionados com o *stress*. Ressaltamos a

importância de se abordar os aspectos psicossociais e socioinstitucionais, de modo a discutir as condições de risco do *stress* e seu impacto na saúde dos trabalhadores.

Consideramos as consequências da intensificação e precarização do trabalho na saúde e subjetividade do docente universitário, de forma a abordar os referidos aspectos psicossociais do docente da Pós-Graduação de forma integrada aos aspectos socioinstitucionais e vice-versa.

No terceiro capítulo são descritos e analisados os dados do Questionário aplicado junto ao corpo docente de um Programa de Pós-Graduação de uma Universidade pública do Estado de São Paulo. Trata-se de programa considerado de excelência e de elevado reconhecimento, e inserção internacional. Foram elaborados gráficos e quadros estatísticos sobre o trabalho docente, a relação com o *stress* e processos de saúde-doença.

No quarto capítulo apresentamos algumas sistematizações preliminares, comentários acerca das entrevistas semiestruturadas de modo a indicar algumas categorias de análise.

Não obstante, indicamos as referências bibliográficas mencionadas nos capítulos, seguidas de Apêndice e Anexo.

1.2. Objetivos, hipóteses e problema de pesquisa

O objetivo geral da pesquisa é investigar a psicodinâmica do *stress* e possíveis implicações para a saúde e subjetividade de docentes do Programa de Pós-Graduação da renomada Universidade pública do Estado de São Paulo.

A hipótese é a da existência de docentes (homens e mulheres) com *stress* e que tal condição possa se relacionar com a intensificação do trabalho, acarretando em sofrimento psíquico, problemas de saúde e/ou de saúde mental, tais como os Transtornos Mentais Comuns (TMCs).

Com base na análise crítica dos modelos de avaliação e do gerencialismo, consideramos repercussões negativas ao trabalho e saúde docente (GAULEJAC, 2007). Se metas e objetivos são exigidos em contextos e relações de trabalho avessos à sua concretização, podem ocorrer o sofrimento patogênico, *stress* e/ou adoecimento.

Dessa forma, levando as considerações, estabelecemos como objetivos específicos:

- ❖ Identificar existência ou não de *stress*, e nos casos positivos, em qual fase (alarme, resistência, quase exaustão e exaustão);

- ❖ Identificar índices positivos de transtornos mentais comuns;
- ❖ Caracterizar o cotidiano de trabalho, a existência de pressões e conflitos relacionados às demandas do modelo de gestão e avaliação do trabalho;
- ❖ Levantar dados indicativos de intensificação do trabalho docente.

Os objetivos e hipótese referidos podem ser relacionados a uma correlação de inúmeros fatores desde os mais amplos como: sociais, institucionais e organizacionais às situações vivenciadas no trabalho e cotidiano. Encontra-se um conjunto de interação de aspectos físicos, psicológicos e psicossociais na determinação do *stress*.

Podem determinadas questões elucidar caminhos para construir respostas em nosso problema e objeto de pesquisa, tais como: até que ponto a intensificação do trabalho tem como efeitos o sofrimento ou desgaste do docente? Como o docente lida com as condições do trabalho desfavoráveis ao cumprimento das exigências acadêmicas? Quais são as consequências do trabalho para a subjetividade e saúde docente?

1.3. Justificativa e considerações preliminares sobre referencial teórico e objeto da pesquisa

Apresenta-se pesquisadores da Psicodinâmica do Trabalho que indicam que a intensificação do trabalho traz dois aspectos contraditórios e indissociáveis importantes: o prazer e o sofrimento (DEJOURS, 2004a; SILVA, 2015; 2013a; SILVA; MANCEBO, 2014; RUZA, 2017). Além disso, consideram que a intensificação do trabalho do docente pode ser relacionada à competitividade que existe nas relações de trabalho nas instituições educacionais, tanto do Ensino Básico quanto do Ensino Superior (LÉDA; RIBEIRO; SILVA, 2015; SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009).

No caso do sofrimento, ressaltamos suas correlações com o adoecimento, *stress* e/ou síndrome do *burnout*. A depressão, distúrbios mentais, comportamentais afetivos e do humor são adoecimentos constantes dos docentes. O *stress* em fase resistência indica luta do sujeito na preservação do sentido do trabalho em situações adversas objetivas, que são subjetivadas de formas singulares (SILVA, 2005). A fase de exaustão pode evoluir para o quadro de *burnout*, ou seja, em esgotamento mental que se mescla a sentimento de frustração, podendo ocasionar isolamento, fobia social, processos dissociativos e de despersonalização. Em general, a síndrome é ocasionada pelo consumo excessivo de energia psíquica, cognitiva e emocional que está presente em muitos casos de docentes, supostamente como resultado da intensificação do trabalho. Inclusive, o *Burnout* parece

ser forjado por injunções paradoxais das demandas de desempenho do modelo *gerencialista* (CASTRO; ZANELLI, 2010). O modelo *gerencialista* “evoca sua dimensão narcísica e o trabalhador satisfazer seus fantasmas de onipotência e seus desejos sucesso, contra uma adesão total e uma mobilização psíquica intensa”. (GAULEJAC, 2007, p. 117).

Segundo (CODO E VASQUES-MENEZES, 2000) a síndrome do *Burnout* pode ser analisada separadamente como um problema com três variáveis, sendo níveis que podem ser altos moderados e baixos:

- Exaustão emocional relacionada ao esgotamento da energia e os recursos emocionais próprios;
- Despersonalização relacionada a sentimentos e atitudes negativas;
- Falta de envolvimento pessoal no trabalho.

As contribuições da Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 2004a) e da Psicossociologia (GAULEJAC, 2007) nos remetem à questão do sentido do trabalho e do par contraditório prazer-sofrimento. Permitem-nos indagar: haveria impedimentos, adversidades em relação ao trabalho autônomo e dotado de sentido do docente da pós-graduação? Em que medida os modelos de avaliação do trabalho acarretam desgaste docente?

A prática de docência no Ensino Superior no Brasil, segundo alguns pesquisadores (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR; 2009; SILVA, 2013b; 2016), envolve um processo de intensificação e precarização do trabalho do professor. A precarização e intensificação do trabalho podem ser relacionadas a algumas considerações sobre o Estado e a política (MASCARO, 2013), assim como aos modelos de gestão e organização do trabalho de cariz gerencialista (GAULEJAC, 2007). Tal processo pode ter como consequência sofrimento patogênico, *stress* e/ou adoecimento.

Nas últimas décadas, a intensificação do trabalho pode ser relacionada ao desemprego crescente que afeta tanto as economias periféricas quanto as economias avançadas, o qual pode conduzir os trabalhadores, que se mantêm no trabalho, em situações de stress, produzidos pelos ritmos cada vez mais intensos de trabalho.

Com relação à precarização é conhecido que o trabalhador terceirizado ou subcontratado não se insere na situação típica do servidor público. Não obstante, o servidor público, na Educação Brasileira, pode-se encontrar, muitas vezes, em situações de precariedade e de precarização do trabalho, ainda não em relação à sua permanência no trabalho. Porém, ocorre um processo de flexibilização em andamento (reformas previdenciária e trabalhista) que passa a colocar em risco a dita estabilidade ou as condições contratuais e salariais, ou, no mínimo, gerar o sentimento de vulnerabilidade, de maneira a articular a precarização objetiva com a precarização subjetiva (LINHART, 2009).

A intensificação do trabalho na pós-graduação foi relacionada por outros pesquisadores como resultado da competitividade e da flexibilização dos processos de trabalho. Sendo passível de se manifestar em formas de sofrimento, *stress* e/ou adoecimento dos atores educacionais. Dessa maneira, visamos investigar se novas e crescentes demandas de trabalho na pós-graduação, acrescidas às demais funções docentes na Universidade, podem estar resultando em mal-estar e adoecimento.

De acordo com Silva e Mancebo (2014) argumentamos que a intensificação do trabalho e a sociabilidade produtiva englobam, de forma contraditória, prazer, sofrimento e defesas patogênicas. Sendo frutífera para a análise das relações, indissociabilidade entre subjetividade e sociabilidade, articulações das contribuições da Psicodinâmica do Trabalho e Psicossociologia que levem em conta a análise do contexto político e econômico (SILVA, 2013a).

Também, apontamos o *burnout* como uma das consequências da intensificação do trabalho. Ela tende a se intensificar diante da crise do modelo taylorista-fordista e da reestruturação produtiva sob a égide do modelo pós-fordista. Essa crise ganhou contornos mais nítidos nos anos 70. Seus traços mais evidentes foram: concentração de capitais, fusões entre empresas monopolistas e oligopolistas, aumento acentuado das privatizações e queda da taxa de lucro (ANTUNES, 2009).

A precarização e intensificação do trabalho não ocorrem somente na Educação (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009), mas em múltiplas categorias profissionais e em diferentes situações do mundo do trabalho (DAL ROSSO, 2008). As oportunidades de trabalho especificamente de emprego em muitos lugares estão saturadas ou em baixa oferta. De forma desproporcional, novas profissões surgem e outras desaparecem,

trazendo como consequência a formação de um contingente de trabalhadores não empregados e não empregáveis (CASTEL, 2001).

As análises do campo da Educação Básica, Educação Superior e dos efeitos dos processos de intensificação e precarização no trabalho, como a manipulação da subjetividade e o adoecimento, podem ser relacionadas à forma política do Estado, derivada da forma valor ou forma mercadoria (MASCARO, 2013). A matriz das formas de sociabilidade, presentes na forma política do Estado, gerencialismo pelo filósofo adotado, nos remete à expropriação, alienação e reconhecimento fetichista.

Como antes mencionado, a intensificação do trabalho pode ser relacionada ao desemprego. Atualmente, temos taxas elevadas de desemprego que estão se ampliando não somente nas economias periféricas, também nas economias avançadas, nas últimas décadas:

[...] ao mesmo tempo em que se acirram mundialmente os problemas sociais e de desemprego, se verifica que, os trabalhadores que se mantêm no trabalho, são sujeitos a ritmos cada vez mais frenéticos de trabalho, em jornadas que, costumeiramente, extrapolam os limites antes melhor protegidos por contratos de trabalho (CASTEL, 2001).

No período pós-fordista, no Estado neoliberal, com a flexibilização do trabalho, se torna corriqueira a invasão do tempo de vida social pelas atividades de trabalho. Comumente, são usadas as frases como: "Eu preciso ter mais tempo", "eu acabo utilizando o espaço da família para fazer o trabalho que a gente não consegue fazer tudo aqui". Assim, muitos professores empenhados nas atividades de docência e no fazer científico podem não conseguir fazer uma distinção ou separação entre o tempo da vida privada e o tempo do trabalho e da vida acadêmica (LÉDA; RIBEIRO; SILVA, 2015).

A precarização social do trabalho docente, na Educação e em outras áreas, se caracteriza por um desmonte dos direitos sociais e do trabalho, assim do sistema de proteção social. Essa perda de um pilar sólido de direitos sociais e do trabalho se expressa historicamente na passagem das políticas desenvolvidas em nome da integração para políticas conduzidas em nome da inserção (CASTEL, 2001).

Tal desmonte se coaduna a um processo de *empresariamento* da Educação Básica e de significativa participação do conhecimento derivado de pesquisas da Educação Superior no processo de valorização do capital. Portanto, amplia-se a participação dos interesses do setor privado na elaboração, execução e avaliação das políticas educacionais, também nos modos de avaliação e financiamento (FREITAS, 2009). Assim, se reconfiguram as práticas educacionais e a própria natureza do trabalho do docente.

A Universidade sofre uma série de mudanças nos últimos anos. A crítica à realidade social tende a diminuir e prevalecer práticas meritocráticas que reproduzem e inserem no interior da Universidade aspectos da realidade social antes criticados. O gerencialismo é um deles (GAULEJAC, 2007). Sendo os modelos de avaliação uma expressão do gerencialismo e da meritocracia.

Existem dados sobre afastamento de docentes por problemas de saúde, tais como os coletados na UFF, neles se indicou que, dos 208 afastamentos de docentes em 2012, 72 foram por transtornos mentais e de comportamento, havendo prevalência dos quadros depressivos, seguidos pelos de ansiedade e *stress* (SILVA, 2015).

Por último, a intensificação do trabalho pode ser relacionada a conflitos de identidade profissional:

Professores da Educação Básica se sentem assistentes sociais, psicólogos, pais, gestores, “bombril” ou “árvores para todas as estações”, mas não professores. Professores da Educação Superior meros produtores de *papers*, a toque de caixa, sem devido aprofundamento. Produz-se assim, um conflito entre valores pessoais e práticas cotidianas, alienadas e estranhadas. Entre identidades subjetivamente apropriadas e identidades socialmente atribuídas (SILVA, 2016, p.30).

O trabalho intensificado na Educação Superior, no caso de docentes foram descredenciados da pós-graduação, e de alguns que, em condições de se aposentar, optaram por fazê-lo, “mas não sem hesitação e/ou conflito, ou ainda, mágoa face à pressão e ao que se reiterou como competitividade, individualismo e relações de trabalho esgarçadas ou dilaceradas” (SILVA, 2013a, p.78). Conforme aponta Silva (2013a, p.78), “os professores foram categorizados como *desqualificados/improdutivos* e

produtivos/engajados”; mas nessas categorizações havia uma série de distinções e aspectos plurais.

O pai do *stress* aborda os agentes estressores que afetam ao sujeito, também argumenta que existem três fases do *stress*: alarme, resistência e exaustão (ARANTES; VIERA, 2010). Na fase de resistência se produz um desgaste mental que se torna crônico na fase de exaustão (LIPP, 2004).

Podemos pensar que o *stress* relacionado com o trabalho ou atividade profissional possa ser uma consequência das políticas que as organizações de trabalho elaboram para conseguir maior eficiência. Neste ponto de vista esta situação se caracteriza como problemática sócio-coletiva-organizacional que transcende os aspectos individuais.

Relacionado com o *stress* existem fatores internos que tem a ver com a subjetividade ou mais com a manipulação da subjetividade. As organizações de trabalho entendem e sabem como dirigir o sujeito para que ele seja convencido a ser parte da organização. Ao longo do tempo uma das situações poderia ser observada que são características de *normopatía* (FERRAZ, 2002), em que o sujeito desenvolve uma maneira aparente de se adaptar ao sistema sócio-coletivo-organizacional. Porém, o importante é considerar que um nível de *stress* pode ser correto como argumenta (SELYE, 1965), mas se for excessivo pode implicar em processo de adoecimento.

O conhecimento da psicodinâmica do *stress* pode ser de muita ajuda para reconhecer os efeitos e a prevenir uma doença como resultado do excessivo desgaste mental ou do *burnout*, encontrado na atividade profissional. Nestes tempos, a atividade do docente universitário não só tem como função o ensino, também deve realizar investigações de impacto sobre a sociedade. Esta situação implica que ele mesmo deve produzir investigações que implicam um esforço mental contínuo, sujeitando-se ao desgaste mental no contexto de uma sociabilidade competitiva e produtivista.

1.4. Procedimentos metodológicos da pesquisa

Buscamos evidenciar a suposta condição de vulnerabilidade ao sofrimento patogênico, *stress* e adoecimento por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas.

O questionário permite mapear transtornos mentais comuns pelo *Self Report Questionnaire* (SRQ-20), cientificamente validado e apontado como útil no

“rastreamento” (*screening*) da saúde mental de coletivos (PALÁCIOS et. al., 1998), assim como a (não) existência de *stress*, e qual fase (alarme, resistência, quase exaustão e exaustão), também, por meio do Inventário de Sintomas do *Stress* (ISS), validado (LIPP; GUEVARA, 1994). O questionário inclui os dois instrumentos que foram acrescentadas questões sobre saúde e vida pessoal do docente, a partir de adaptação do questionário utilizado por Silva (2005) em sua Tese de Doutorado sobre *stress* no trabalho de guardas municipais.

O questionário foi aplicado em uma amostra com docentes de uma renomada Universidade Pública de São Paulo, o programa de pós-graduação se caracteriza por alta produtividade e excelência acadêmica. O questionário foi sistematizado em termos de suas variáveis, correlações e previamente analisado antes da realização das entrevistas semiestruturadas.

Após análise do questionário entrevistamos sete (7) docentes. Empregamos um conjunto de técnicas de pesquisa que evidenciam a perspectiva dos sujeitos investigados por: gênero; estado civil; idade dos docentes; tempo de trabalho, horas de trabalho por dia, disciplinas por semestre na graduação, disciplinas por semestre na pós-graduação; entre outros. Além disso, presença e/ou ausência de indicadores de sofrimento, *stress* e/ou adoecimento, conforme análise preliminar do questionário. As entrevistas semiestruturadas tiveram como tema central as dimensões objetivas e subjetivas do trabalho do docente (pressões; dilemas; contradições; conflitos) e suas repercussões em termos de saúde-doença, reconhecimento (não reconhecimento) e sofrimento-prazer.

1.5. Resultados preliminares e esperados

Os questionários foram sistematizados e tabulados conforme suas múltiplas variáveis e correlações. Dados brutos foram agrupados em Quadros e Gráficos que indicam a existência e/ou características dos processos de saúde-doença (sofrimento, *stress* e/ou adoecimento) relacionados ao trabalho, dinâmica universitária, coletiva e organizacional, assim como à vida pessoal e familiar (dados apresentados no Capítulo III).

Os dados do questionário serão contrapostos a dados objetivos da instituição, das condições de trabalho e dos processos de precarização e intensificação do trabalho. Ambos dados (do trabalho e da instituição; do questionário) e suas análises preliminares, serão aprofundadas com base na triangulação com os conteúdos e análises das entrevistas

semiestruturadas. Consideramos que as entrevistas semiestruturadas permitem o aprofundamento de questões qualitativas insuficientemente apreendidas por meio do questionário, com destaque às questões do reconhecimento e do prazer-sofrimento. As entrevistas foram transcritas (vide Apêndice 4), a partir de leituras e releituras iniciais indicamos categorias de análise preliminares (vide, capítulo IV) sujeitas a sucessivas recategorizações. Desse modo, pretendemos construir inferências e interpretações relacionadas às análises do Questionário e dos dados objetivos da instituição e do trabalho docente.

De maneira geral, a pesquisa contribui para a compreensão da psicodinâmica do trabalho e do reconhecimento do docente da Pós-Graduação da Universidade Pública de excelência. Impasses, dilemas, conflitos e situações vivenciadas no trabalho, podem ser relacionados aos processos de saúde-doença, (não) reconhecimento, ao par contraditório e indissociável, prazer-sofrimento.

CAPÍTULO II: *STRESS*, TRABALHO E EDUCAÇÃO

Nesse capítulo está incluída uma revisão da literatura do conceito de *stress*, relações entre trabalho e *stress*, que tem despertado grande interesse na comunidade científica nacional e internacional. Além disso, entender os processos que levam ao surgimento do *stress* é adequado para conhecer as opiniões e conclusões de autores e investigadores existentes na literatura relacionados com o *stress*. A seguir, abordamos os aspectos psicossociais, discutindo as condições de risco, seu impacto na saúde dos trabalhadores e suas relações com os aspectos socioinstitucionais.

2.1. As distintas concepções de *stress*

As visões da Psicologia Comportamental e Cognitiva sobre o *stress*, de formas explícitas, adotaram e ampliaram a difusão do conceito de *stress* que adentrou o campo da saúde que ultrapassou a conexão originária, da Física. Tal inserção deste conceito no campo da saúde foi possibilitada por meio da experimentação científica. Esta ocorreu pioneiramente com o trabalho do médico endocrinologista, bioquímico e professor de Histologia, Hans Selye, reconhecido como o “pai do *stress*”. Ele cunhou a palavra *stress* com a seguinte conotação: “estado de tensão não específico de um ser vivo, que se manifesta por mudanças morfológicas tangíveis, em diferentes órgãos e particularmente nas glândulas endócrinas” (SELYE, 1952, p.20).

A concepção de Selye (1946; 1952; 1965) é certamente uma das concepções mais difundidas. Conforme apontam Margis, Picon, Cosner e Silveira (2003) foi introduzida pelo fisiologista canadense em 1936. O *stress* é compreendido como uma resposta adaptativa do organismo ante diversos estressores. Selye (1965) refere-se aos aspectos agradáveis e desagradáveis do *stress*, e o caracteriza como um conceito polivalente e fenômeno ubíquo. O termo “resposta ao *stress*” é usado em alusão à resposta não específica do corpo a um estressor ou situação estressante. O termo estressor refere-se ao estímulo ou situação que causa a resposta ao *stress*. Porém, o termo *stress* passou a ser usado tanto para se referir à resposta como à situação desencadeante de seus efeitos, conforme apontam os referidos autores:

Em 1936 o fisiologista canadense Hans Selye introduziu o termo ‘*stress*’ no campo da saúde para designar a resposta geral e inespecífica do organismo a um estressor ou a uma situação estressante. Posteriormente, o termo passou a ser utilizado tanto

para designar esta resposta do organismo como a situação que desencadeia os efeitos desta. (MARGIS et. al., 2003, p.65).

Neste contexto, Selye comentava nas suas conferências que o termo *stress* não podia ser traduzido com precisão em outros idiomas, assim que batizou definitivamente seu nascente conceito. Utilizou-o para denominar o conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço de adaptação.

Na atualidade, em virtude da grande disseminação histórica do conceito de *stress*, podemos aprender a reconhecer quais são os estímulos estressantes mais característicos da era contemporânea, por exemplo, reais e não imaginários, como a velocidade das transformações sociais, da cultura, da política, do conhecimento e que consequências trazem sobre a saúde.

Experimentalmente, o médico austro-húngaro comprovou a relação entre o *stress* e processos biológicos como: alterações nas glândulas suprarrenais, descarga de adrenalina, desaparecimento dos eosinófilos no sangue, atrofia do timo e dos gânglios linfáticos e aparecimento de úlceras sangrando, e também propôs uma classificação de distintas etapas do mesmo, a saber: fase de alarme; fase de resistência; fase de exaustão. (SELYE, 1965).

Na fase de alarme há uma mobilização das forças de defesa contra o agente estressor e a manifestação da tríade biológica ou atlas do *stress* (SELYE, 1965)

A fase de resistência se caracteriza por estágio de adaptação ou resistência à exposição contínua ao agente estressor. Tal fase, acumula-se no córtex reserva de secreção hormonal – ao invés de seu descarregamento na circulação e de seu consequente gasto, tal como na fase anterior (SELYE, 1965).

Na fase de exaustão a adaptação adquirida é desfeita, de modo a gerar um esgotamento, caso contrário um colapso do organismo, com a desapareção total de resistência.

Na formulação de Massini (1984), exposta na tese de livre docência de Estudo das cardiopatias coronárias, sob o ponto de vista da lei de acidentes do trabalho, encontramos:

A busca de uma definição correta para o termo *stress* é muito difícil, pois ele é a síntese de vários fatores, que foram estudados

isoladamente por médicos, psicólogos, sociólogos e filósofos. O stress é uma palavra-chave, que indica um fator ou a junção de vários fatores [...] e o que permitiu a união de todos estes fatores em uma única palavra, *stress*, foi que eles são capazes de gerar no organismo uma resposta que para todos eles são semelhantes (MASSINI, 1984, p. 17).

Em relação às alterações somáticas “a resposta a situações estressantes é uma resposta complexa, que envolve o sistema endócrino, cardiovascular e respiratório”. (MASSINI, 1984). Além disso, a autora considera que Selye foi o primeiro que definiu o *stress* como síndrome, e diz:

Em um sentido mais amplo, *stress* é uma sobrecarga dos recursos do corpo, a fim de responder a alguma circunstância ambiental [...] a reação do *stress* é uma mobilização das defesas do corpo, um antiquado mecanismo bioquímico de sobrevivência, permitindo aos seres humanos adaptarem-se a fatos hostis ou ameaçadores (MASSINI, 1984, p.18).

Memorizando e compreendendo a crítica apontada por Selye, o *stress* é o estereótipo das respostas corporais para se adaptar às influências, exigências e tensões. Algum nível de *stress* é sempre encontrado no corpo. Felton (1998) comenta que o *stress* é tensão mental e corporal resultante de fatores que tendem a alterar um equilíbrio existente, ou ainda, *stress* é a soma de reações biológicas a um estímulo adverso, físico, emocional ou mental, interno ou externo, que tende a perturbar a homeostase do organismo.

Entretanto, Felton (1998) considera que existe uma uniformidade maior na caracterização do conceito de *stress*; já se passaram quase 85 anos, desde as primeiras comunicações de Selye, e ainda estão preservadas suas três fases: alarme, resistência e exaustão ou colapso. Também, o termo estressor foi incorporado como uma qualificação ativa tanto tempo para que o mesmo ocorra como *burnout*, o seja, o aumento do *stress* gera a síndrome do *burnout*.

Na década de 1970, o termo *burnout* voou do campo da ciência dos foguetes para o campo das ciências da saúde. Expressão originalmente usada em 1949 para se referir ao colapso dos motores dos jatos e dos foguetes, importada por Herbert Freudenberger em

1973, para o campo da saúde; especificamente, para o campo da psiquiatria. Desse modo, para designar a manifestação mais radical do *stress* em sua fase mais aguda ou de esgotamento. *burnout* nos anos 90 foi chamada depressão ou “esgotamento da resistência física/emocional ou da motivação dando resultado o *stress* ou frustração prolongados”. (FELTON, 1998, p. 237). Burnout na essência tem como significado:

[...] exaustão física e emocional, em geral causada pelo *stress* no trabalho, sendo frequentemente mais afetados os profissionais da área de serviços humanos. Como um resultado adicional do *stress* ocupacional - inicialmente descrito nos anos 50 por Hans Selye, como “a resposta não específica do corpo a alguma exigência feita a ele” – tem-se falta de coragem (desânimo) no local de trabalho. É visto, como um conjunto de respostas psicológicas (tensão) para o *stress* específico decorrente da interação constante com pessoas carentes. (FELTON, 1998, p.238).

Seligmann-Silva (2011), ao abordar os três referenciais teóricos e modelos de estudos dos problemas de saúde mental relacionados ao trabalho as quais são : teorias do *stress*; modelo psicanalítico; modelo do desgaste; aponta insuficiências e alguns avanços do modelo das teorias do *stress*. Destacamos que estes avanços teóricos permitem considerar os “fatores” cognitivos, psicossociais e mentais. (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.128-130). No que tange à síndrome de *burnout*, podemos relacioná-la à fase de exaustão do *stress*. O *burnout* não se caracteriza como uma doença. Mas pode incluir um distúrbio bio-psíquico, como o esgotamento. Ainda, a despersonalização, desumanização e falta de realização no trabalho e na vida.

Deste modo, o estudo permite avanços em relação aos estudos sobre o desgaste que são circunscritos ao aspecto orgânico. Reinhold (2002), ao abordar o conceito *burnout*, contextualiza o *stress* na realidade profissional e institucional, de forma a não hipervalorizar os aspectos cognitivos e comportamentais.

Ocorre uma semelhança das compreensões de Selye (1965) e Felton (1998) acerca do termo estressor como estímulo ou condição adversa que causa o *stress*. O *stress* é tensão mental e corporal resultante de fatores que tendem a alterar um equilíbrio existente, ainda, a soma de reações biológicas a um estímulo adverso, físico, emocional ou mental, interno ou externo, que tende a perturbar a homeostase do organismo.

Há no mundo mais de 110 mil publicações abordando diferentes aspectos do conceito de *stress* nos campos do saber que na maioria inclui profissionais das áreas das Ciências Humanas e da Saúde.

Selye, como referido na citação de Margis et. al. (2003), no início usava o termo *stress* tanto para o estímulo quanto para a resposta. Posteriormente, introduziu o termo estressor e concorda com a existência de diferentes estressores, e até com a proposição de que o mesmo estressor possa provocar diferentes lesões em diferentes indivíduos, em decorrência dos fatores condicionantes internos; por exemplo, idade, gênero ou externos (dieta, drogas etc), capaz de promover ou inibir um ou outro dos efeitos do *stress*. Por outro lado, todos esses agentes fazem demandas crescentes sobre o corpo para que este se reajuste. Essas demandas não são específicas, exigindo adaptação a uma situação-problema, independentemente de qual ela possa ser. Mesmo assim é essa exigência não específica a essência do *stress*.

A concepção de *stress* deve ser entendida, em um sentido amplo, germinada dentro da ideia de desgaste e por oposição à de resistência. Embora, o conceito de *stress* não tenha nascido vinculado a uma análise do trabalho, a própria expressão foi derivada de um conceito de metalurgia, significando uma deformação produzida por uma força, uma pressão e por analogia foi ampliada para nomear qualquer manifestação de desgaste, tanto somática quanto mental. Passou de uma concepção física a uma concepção médica e psicológica, abrindo campo para a ausculta e escuta dos sofrimentos tanto somáticos quanto psíquicos decorrentes, também, do trabalho. A consideração aos distintos modelos de compreensão dos problemas de saúde mental relacionados ao trabalho, e do *stress*, em particular, a autora propõe uma “abordagem integradora”, com destaque ao conceito de “desgaste”. (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.135).

Portanto, se a concepção pioneira (SELYE, 1965) favoreceu reflexões sobre adaptação do organismo e destaque aos fenômenos bioquímicos (MARGI et. al, 2003), outras concepções surgiram, de modo a melhor elucidar os aspectos sociais e psicossociais do *stress* (SCHMIDT; CASTRO; CASADORE, 2018; SCHMIDT et. al, 2018; SILVA-JUNIOR; FISCHER, 2018), e suas relações com o trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989; SELIGMANN-SILVA, 1995; LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 1999; SILVA, 2005). No Brasil, as proposições de Seligmann-Silva (2011; 1995) permitem aprofundar a noção de desgaste, desde um ponto de vista do materialismo histórico-dialético, empreendida originalmente por Laurell e Noriega (1989), que

compreendem o desgaste como uma perda de capacidade corporal e psíquica. Também a perda se relaciona à noção de deformação, isto é, à “utilização deformada e deformante das potencialidades psíquicas, assim como do próprio corpo” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.135).

A partir das articulações e reflexões de Seligmann-Silva (2011;1995) podemos elaborar uma definição do conceito de *stress* compatível à visão sociológica/psicossociológica de natureza crítica, assim como às abordagens multidisciplinares, à Psicopatologia e Psicodinâmica do Trabalho (FACAS, 2018) e à Psicossociologia (CASADORE, 2018). Tais abordagens permitem o conhecimento de que o *stress* é um processo acumulativo de desgaste pessoal, coletivo e organizacional que (des)mobiliza forças defensivas e/ou resistência ao (des)equilíbrio somato-psíquico. Também, ressaltam que o *stress* é favorecido por relações de poder, de dominação fertilizadas tanto na gestão e organização do trabalho, idem, nas condições sócio-culturais e econômico-político, ou seja, condições que estruturam uma realidade macrossocial marcada pela progressiva precarização e intensificação do trabalho.

No que tange às modalidades do discurso científico sobre o *stress*, a concepção dominante se estruturou a partir das contribuições originais à Medicina (SELYE, 1965) e subsequentes da Psicologia Comportamental-Cognitiva (LIPP, 1996; 2000; 2002). Posteriormente foram construídas compreensões e formulações do conceito de sofrimento e desgaste em outros referenciais, tais como da Psicopatologia e Psicodinâmica do Trabalho, e das contribuições de Seligmann-Silva (1995), que embasam nossas reflexões e construções nesta Dissertação.

Desse modo concordamos com Silva (2005) que indica ser importante contrapor os conceitos de desgaste e sofrimento “às visões sobre o *stress* provindas da Psicologia Comportamental-Cognitivista e da Medicina”, de modo a promover análises sobre as “afecções corpóreo-psíquicas” e um “alargamento da compreensão do conceito *stress*” (SILVA, 2005, p 122).

Portanto, Seligmann-Silva (2011) aponta os três modelos teóricos das relações entre o adoecimento e o trabalho, as quais são: teorias sobre o *stress*; a corrente pautada pelo referencial psicanalítico à Psicodinâmica do Trabalho; e a materialista histórico-dialética, que adota o conceito de desgaste (SELIGMANN-SILVA, 1995; SCHMIDT et. al. 2018; GLINA, 2010).

O primeiro modelo comporta os estudos sobre *stress*, tal como os do “*stress* fisiológico”, tributários de Selye (1965), e que apresentam alguns desdobramentos importantes, que ganham novos contornos, quer seja na abordagem do *burnout* (esgotamento profissional) ou “*stress* sociológico”, quer seja no “*stress* psicológico” (de enfoque cognitivista). Sendo que, nos dois casos, e de certo modo, cada qual à sua maneira, são melhor abordados os fatores psicossociais do processo saúde-doença no trabalho (SCHMIDT et. al., 2018; SILVA-JUNIOR; FISCHER, 2018; GLINA, 2010).

O segundo modelo, como apontado, se destaca pelos estudos da Psicodinâmica do Trabalho (SELIGMANN-SILVA, 1995), fundamentalmente embasados na Psicanálise (SCHMIDT et. al., 2018), também na Sociologia e Ergonomia (SILVA, 2005). Nesta vertente, a dinâmica da relação do homem com o seu trabalho merece destaque, e mais particularmente, o par sofrimento-prazer e os conceitos de trabalho prescrito e trabalho real (SCHMIDT et. al., 2018; DEJOURS, 2004a; 2004b; 1997; 1994; RUZA, 2017).

Em geral, o *stress* por si não é suficiente para desencadear doenças orgânicas ou pode provocar uma disfunção significativa na vida da pessoa. Para que isso ocorra é necessário que outras condições sejam satisfeitas, como uma vulnerabilidade ou mesmo a vivência de situações denominadas síndromes subjetivas pós-traumáticas.

O terceiro modelo do desgaste mental, ancora-se no materialismo histórico-dialético, que foi o impulsionamento a partir da obra de Laurell e Noriega (1989), que abordaram o desgaste de operários; no Brasil foi apropriada de forma peculiar e inovadora pela referida proposta de paradigma integrador da autora Seligmann-Silva (1995).

Faz-se justiça a Selye (1965) e devemos considerar o enfoque “fisiológico”, de maneira que libertou a construção do conceito de *stress* de restritos parâmetros. Hoje, enriquece-se com releituras, passados mais de meio século. O que permite que se amplie por diferentes campos teóricos e práticos.

Assim, várias definições de *stress* foram formuladas. A suposta “falha” em chegar a uma definição comum, amplamente aceitável e inequívoca, pode ter várias explicações: uma delas é a de que o conceito se espalhou tanto, e de que foram usados tantas situações e cenários diferentes, por inúmeros pesquisadores, profissionais, entre outros.

Torna indubitável examinar os efeitos do *stress* sobre a saúde, o conceito precisa considerar diversos componentes, fatores ou determinantes em jogo. A existência de múltiplas abordagens pode contribuir para a compreensão da complexidade do fenômeno do *stress*, em que pese distinções epistemológicas inegáveis. Por isso, a dificuldade no uso preciso do termo não deve ser considerado uma falha, senão um decorrente desafio para críticas e debates (SELIGMANN-SILVA, 1995).

Segundo Seligmann-Silva (2011):

O modelo centrado no conceito de desgaste mental pode ser tomado como um paradigma integrador se contemplado em face dos outros modelos teóricos antes considerados, pois permite compreender as interações entre: a) os “fatores” ambientais e psicossociais objetivados pelos estudos do *work-stress*; b) o mundo subjetivo e a identidade permanentemente envolvidos nas transformações de seu micro e macro contextos e nas elaborações de *sentido* vinculadas às transformações – aproximando-se assim também da PDT; c) as diferentes esferas da vida social onde se desenvolvem relações de poder – que, quando desvantajosas para a integridade e estabilidade mental do trabalhador, acarretarão o *desgaste* (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.137, grifos da autora).

A visão da autora pode ser cotejada a outras, como a de Lazarus e Folkman (1984), que resguardados em sua visão, passível tanto elogios como de críticas, propõem um determinado modo integral de compreensão do *stress* (Figura 2.1), relativamente distinto. Como se nota, na proposição destes autores há alusão ao *coping*, compreendido como grupo de estratégias que consistem em processos cognitivos dirigidos a lidar com emoções ativadas por certos eventos, para que assim se possa manter o equilíbrio emocional. O que caracteriza uma perspectiva cognitivista na qual aspectos psicossociais são em parte considerados.

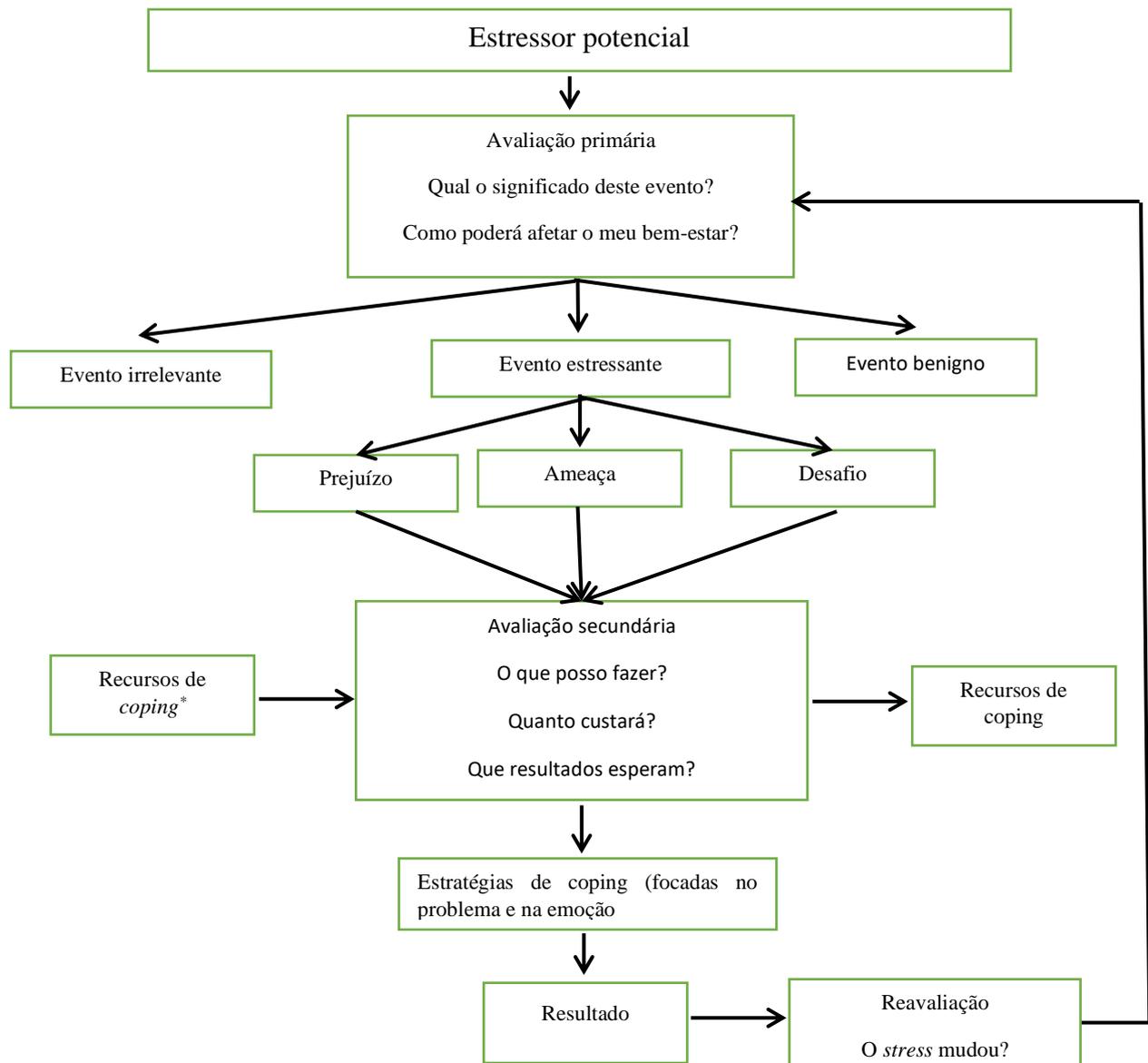


Figura 2.1-Modelo de processamento do *stress* e *coping* (Lazarus e Folkman, 1984).

Ressaltamos a necessidade de se fazer uma distinção entre três tipos de *stress* a partir das reflexões suscitadas pelo esquema apresentado por tais autores: o sistêmico ou fisiológico, atribuído aos distúrbios de sistemas de tecidos; o psicológico, referente a fatores cognitivos que levam a uma avaliação da ameaça; e o social, quando ocorre o rompimento de uma unidade social. Em tal compreensão, e outras similares, há aspectos que não podem ser negados.

Consideramos que as discussões sobre o *stress* apontam a importância do desenvolvimento de resiliências e estratégias adaptativas de *coping*. Porém, as adaptações não são consistentes. Lipp e Guevara (1994) no artigo sobre a validação do Inventário de

Sintomas de *Stress*, com base nas pesquisas realizadas, propuseram a inserção de uma fase do *stress* não indicada por Selye (1965): a fase de quase-exaustão. Podemos compreender que esta fase é indicativa de circunstância na qual o *stress* cuja característica se assimila à do *burnout* (fase de exaustão), se coloca de forma latente, como algo insidioso, passível a explodir. A análise das entrevistas poderá explicitar melhor esta consideração.

Portanto, faz-se necessário problematizar a questão da adaptação do trabalhador aos fatores estressores, apresentando críticas ao trabalho, ao desenvolvimento histórico deste na sociabilidade do capital (ANTUNES, 2009; SILVA, 2013b) e aos formatos organizacionais correspondentes (GAULEJAC, 2007; ENRIQUEZ, 1997b; CASTRO; ZANELLI, 2010) de modo a evidenciar as relações entre *stress* e trabalho.

2.2. As relações entre trabalho e *stress*

O campo que se beneficiou com os estudos do *stress* foi do trabalho, com o desenvolvimento do conceito de *stress* profissional e/ou *stress* ocupacional. Os estudos sobre doenças correlacionadas ao *stress*, causadas ou desencadeadas por acontecimentos excepcionais e situações do mundo contemporâneo em situações extremas são outra vertente que toma como pressupostos, de forma explícita ou não, a existência de estressores intrínsecos aos meios social e laboral.

Segundo Selye (1965) o *stress* é relacionado às situações em que a pessoa se situa em um ambiente que contém distintos fatores estressores e demandas adaptativas excessivas diante das quais não contém recursos adequados para enfrentá-las.

Vários autores (DEJOURS, 1986, 1988; ARANTES, 2010; FERRAZ, 2002; SATO, 1998; LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 1999) escreveram sobre a relação entre *stress* e trabalho, observando que os sujeitos que tinham alguma doença dele decorrente, era porque geralmente sentiam-se pressionados pelas atividades do trabalho e premidos por tempo insuficiente para realizar suas tarefas e obrigações. Os trabalhadores com pouco tempo livre de sua atividade profissional costumeiramente não encontram tempo para desfrutar de suas vidas pessoais, por exemplo, interações sociais, familiares, entre outros, vividas e cheias de tensões no dia a dia.

O tempo passa rápido e o trabalhador é incitado a gerar produtividade. A competitividade se instala, tornando as situações ansiogênicas (desconforto físico ou

psíquico). O controle e pressão são interiorizados como desejo imperativo e engendram um tipo de programa e de tempo de cenas no qual muitos trabalhadores se enlaçam, de forma perigosa, conquanto prejudiciais à sua saúde e imersos em sistemas de poder e dominação (RUZA, 2017; SILVA, 2013b; 2016; SELIGMANN-SILVA, 2011).

Seligmann-Silva (2011) considera que a corrente voltada para a utilização do referencial psicanalítico na análise dos problemas de saúde relacionados ao trabalho se caracteriza por ser uma psicanálise contextualizada. A autora sintetiza algumas das contribuições da Psicodinâmica do Trabalho (PDT) e da Psicossociologia. Em relação à primeira, indica que há fontes organizacionais que engendram determinadas dinâmicas psíquicas que bloqueiam a criatividade. A PDT trabalha com duas categorias: os fenômenos psíquicos e os intersubjetivos, que conectam ao âmbito microsocial da situação de trabalho. Discute-se também o sentido do trabalho e suas possibilidades patogênicas e/ou sublimatórias, conforme características da gestão e organização do trabalho e os processos de reconhecimento (ausência de reconhecimento) do trabalho. A perspectiva psicossociológica, por sua vez, apresenta críticas ao modelo de gestão que, em nome da “excelência”, “institui uma tecnologia de mascaramento para a superexploração” e a “produção de danos à saúde mental” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.468).

Ao abordar o conceito de trabalho (DEJOURS, 2009; 2004a; 2004b; 1992) ressalta as diferenças entre o trabalho prescrito e o real. A prescrição se impõe ao trabalhador e se traduz no planejamento, nos objetivos das tarefas, na definição de regras comportamentais, no estabelecimento de normas e nos procedimentos técnicos, nos estilos de gerenciamento, nas pressões e nos regulamentos do modo operatório. O real do trabalho representa aquilo que, na experiência do trabalho, se dá a conhecer ao sujeito por sua resistência ao domínio e imperativos do prescrito. O real do trabalho mobiliza a inventividade do trabalhador frente aos obstáculos que as próprias prescrições impingem à realização da atividade ou tarefa. E se relaciona ao *savoir faire*, à competência, ao conhecimento e até à ciência. A experiência do real no trabalho se traduz pelo confronto com o fracasso quando da tentativa de se realizar a tarefa dentro das rígidas normas prescritas.

A constatação da defasagem entre o trabalho prescrito e o real fez com que o médico francês defina o trabalho como atividade coordenada de homens e mulheres para fazer o que não pode ser obtido pelo estrito cumprimento das prescrições, quer dizer, ao

que deve ser “ajustado, rearranjado, imaginado, inventado, acrescentado pelos homens e pelas mulheres para levar em conta o real do trabalho (DEJOURS, 1992). Caso não haja espaço para a inovação do trabalhador, sem o engajamento do corpo, da inteligência humana e da cooperação, a execução mecânica limitada das prescrições pode levar ao que é conhecido como *greve de zelo* ou *operação padrão* e que corresponde a um ato de bloqueio da produção. Esse ato possui caráter político e tem o objetivo de mostrar a ineficácia das prescrições, ao mesmo tempo que visa ao reconhecimento da importância do engajamento do trabalhador para o desenvolvimento de suas atividades.

O autor afirma que, se o trabalho for de livre escolha e organizado, ele proporciona equilíbrio e prazer, já que possibilita a descarga da carga psíquica. Dessa forma, identificar quais os componentes do trabalho que se opõem à descarga de energia pulsional é uma maneira de proporcionar a inscrição do desejo no trabalho (DEJOURS, 1994).

Podemos dizer que no ambiente de trabalho algumas condições podem representar sobrecargas e propiciarem o *stress*. A insatisfação no trabalho também pode colaborar para tal quadro. Geralmente ela é decorrente do conteúdo não significativo da atividade. Aliada à carga de trabalho, pode gerar a uma maior insatisfação, que por conseguinte leva a uma maior sobrecarga de *stress*.

Dentre os estudos das relações entre homem e trabalho e suas consequências para a saúde mental, destaca-se a corrente francesa de pensamento, denominada Psicopatologia do Trabalho, que se construiu com base nas concepções e pesquisas desenvolvidas por (DEJOURS, 1992, 2004a, 2004b). Segundo o autor, essa abordagem tem por objeto de pesquisa a vida psíquica no trabalho e, como foco, o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e a transformação do trabalho em fonte de prazer.

A relação entre satisfação no trabalho, uma menor carga mental e um maior comprometimento com o trabalho não é tão simples nem tão fácil de mensurar, por isso a necessidade de se pesquisarem todas as variáveis possivelmente relacionadas, bem como as diversas áreas que o trabalho abrange. Há de ressaltar-se que o sofrimento psíquico não é linear, pois depende do contexto, da história de vida e do encadeamento dos eventos em uma situação concreta. O sofrimento psíquico foi responsável, na década de 90, pela segunda causa de afastamento no trabalho (CODO & JACQUES, 2002).

Continuar este estudo do campo do trabalho e *stress* é muito importante, dado que o fazer dos sujeitos se deparam com estímulos estressores que poucos conseguem fugir. Por outro lado, a sociedade não deve ser sociabilizada para o trabalho, senão para a vida.

Especificamos que o termo do trabalho, desde a antiguidade, tem várias interpretações, tais como dor, sofrimento e punição. Mesmo assim, compreendemos que o trabalho cria a dimensão de atividade e produz coisas úteis. Analisando o trabalho, é possível considerá-lo qualitativo e concreto, aí o valor de uso. Mas também quanto frênico e abstrato, à imagem e semelhança dos imperativos mercantis e diluição do sentido (GAULEJAC, 2007). Aí sua redução ou subsunção ao valor de troca.

O trabalho é uma atividade que gera troca (social e combinada) e interações contraditórias. Para (DEJOURS, 1992; 2004a; 2004b), passíveis de promover tanto a sublimação como o adoecimento. Também, o trabalho é antagonismo, podendo converter-se no positivo e negativo, para gerar o *stress*. Ainda, assumir formas e expressões *cooptadoras*, alienadas e alienantes. Gera estranhamento em três dimensões: nos processos de produção; no produto do trabalho; e estranhamento em relação ao gênero humano, forjado à reificação (SILVA, 2016; 2013b).

Principalmente na abordagem da relação do trabalho e *stress*, inclui-se uma possibilidade de alusões a aspectos presentes nos docentes da Pós-Graduação da presente pesquisa. Realizadas as coletas de 24 questionários e as 7 entrevistas (referidas no Capítulo 1, e a ser detalhadas nos capítulos III e IV), pode-se afirmar que foi possível traçar uma sistematização de manifestações de comportamentos dos docentes decorrentes da dinâmica laboral e institucional. Poderosos e devastadores efeitos existenciais do *stress* foram identificados ao final da avaliação do *Stress* e na caracterização de suas fases e sintomas.

Alguns trabalhadores apresentaram, ainda que com intensidades distintas, comportamentos com três componentes do *burnout*: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal. Os sujeitos participantes da pesquisa manifestaram ser atingidos e/ou conviver com um conjunto de estímulos estressores. Ademais, alguns servidores foram identificados com Transtornos Mentais Comuns, o que pode implicar em riscos à manutenção da integridade da saúde mental. Nas manifestações (des)funcionais de trabalho se destacaram situações (des)favoráveis vivenciadas no trabalho e nos entornos familiares e social contraditórias e de distintas características.

Dejours (2004b, 1992) foi autor necessário para as incursões em nossa busca de decifrar a psidodinâmica do *stress* e do mundo do trabalho, sem deixar de levar em conta as contribuições pioneiras do “pai do stress”, Selye (1965), e outros autores supramencionados que não hesitam em reconhecer as inevitáveis aproximações entre o *stress* e atividade humano-social central do ser social: o trabalho.

As relações do trabalho e *stress* revelam a importância do livro “A loucura do trabalho” de Dejours (1992). Uma inegável contribuição para o conhecimento e reflexão sobre o *stress* e as situações dos trabalhadores de muitas profissões, pois aborda a carga própria de sofrimento de cada um deles, em termos objetivos e subjetivos. O que muda é a parte e a intensidade do ser humano que é mais atingida, seja física, mental ou emocional. E a Psicodinâmica e a Psicopatologia do Trabalho permitem aprofundar a compreensão sobre os sofrimentos psíquico e psicossomático.

O reconhecimento de *burnout* como uma manifestação de *stress* em fase de esgotamento tornou-se uma evidência preocupante, sobretudo quando se torna uma manifestação comum entre os trabalhadores. Há uma concepção no estudo de Felton (1998) de que as políticas de saúde e a administração dos profissionais institucionalizados, e dos modelos organizacionais e de gestão diríamos nós, acompanhando as pesquisas e proposições teóricas de Dejours (1992), Gaulejac (2007) e Enriquez (1997b), que são responsáveis por grande parte do *stress* nos trabalhadores, profissões e ocupações.

Nesse sentido, o autor aborda os vários aspectos relacionados ao *stress*, assim como considera-o como uma problemática ocupacional por excelência. Dentre os aspectos de sua observação se destacam o excesso de tensão ou elevada monotonia como fatores estressores. Também desaca o conceito de *burnout*, relacionando-o ao *stress* crônico, ou seja, ao acúmulo de relações tensas e intensas no trabalho, elevadas expectativas profissionais e expectativas dissociadas dos resultados atingidos na prática profissional. Limongi-França (1999, p.48-51).

Para Seligmann-Silva (2011), faz-se necessário considerar os distintos níveis de desgaste que acometem o ser social trabalhador, tais como o desgaste orgânico, as variações do mal-estar (fadiga física e mental) e os desgastes que afetam a subjetividade e identidade. A subjetividade e identidade são considerados como “processos em permanente transformação, dotados de historicidade e mobilizados em múltiplas

interações que podem ter caráter estruturante, (des)estruturante e (re)estruturante” (SELIGMANN-SILVA, 2001, p.137). Nesse sentido, podemos considerar aspectos do atual contexto da Universidade, que induz o trabalho do professor-pesquisador para a produção de mercadoria, isto é, conhecimento matéria-prima para a produção do valor (SILVA JÚNIOR, 2017), assim como conjuntural (situação da pandemia) que tende a acirrar o trabalho com estreita vinculação com as tecnologias e tecnociência, com poucas mediações humanas, de modo a reduzir a sociabilidade humana e a tornar sujeitos mais vulneráveis ao adoecimento, ou ainda, às novas configurações do *stress* e novos colapsos da identidade e subjetividade.

2.3. O *stress* como desgaste socioinstitucional e biopsíquico

Interpretamos os diferentes destaques dos autores renomados em suas áreas de atuação e contribuintes com base nas concepções originais de Selye (1936; 1946); com suas teorias psicológicas, enfoques cognitivistas, psicossociais, biológicos, comportamentais (LIPP, 1996; 2000a; 2002; 2004), enredados no mundo do desgaste.

Ressaltar o conceito desgaste é compreender não como um mero resultado de esforços físicos ou psíquicos e/ou da “objetividade” de fatores estressores mais intensos. Em outras palavras, não se trata de um conceito que se limita à questão quantitativa nem tampouco à questão das “forças” ambientais. O desgaste possui caráter qualitativo. Nesse sentido, articula-se forma direta ao conceito dejouriano de “carga psíquica” (DEJOURS, 1994, p.25-28).

O modelo do desgaste mental no trabalho proposto por Seligmann-Silva (1995, p.290) para compreender é essencial para compreender e dar conta da complexidade da “conexão trabalho-psiquismo”.

Conforme aponta Silva (2005) há convergências teóricas possibilitadas por tal modelo. Uma delas se relaciona à proposição de Dejours (1994) que considera quanto menor a participação do trabalhador na organização e controle da sua atividade, maiores as possibilidades de que seja desfavorável à saúde mental. Silva (2005, p.139-140) com base na proposta do paradigma integrador, define o *stress* como um “processo dialético e defensivo de desgaste ao mesmo tempo psíquico, corpóreo, social e organizacional”.

Uma referência mais explícita aos aspectos socioinstitucionais como agentes estressores (DEJOURS, 1992; 1993; 1994; 2009) se pergunta por que muitas vezes os trabalhadores não adoecem de fato pelo desgaste causado pelo par *stress*-trabalho. Em

muitos casos o autor percebe que o equilíbrio conseguido era instável: os indivíduos opunham uma enorme força contra as pressões organizacionais desestabilizadoras, cujo resultado era o de estarem sempre em equilíbrio precário. Também, Dejours (1992) observa que este estado de normalidade poderia implicar em equilíbrio saudável. Logo, a normalidade é um fenômeno complexo e passou a ser objeto de pesquisa e preocupação por parte deste pesquisador. Neste momento é que, para abarcar novos fenômenos, o pai da psicodinâmica passa a denominar sua atividade de Psicodinâmica do Trabalho. Que segundo nossa compreensão, dada a imbricação entre trabalho e *stress*, poderia também ser nomeada como *Psicodinâmica do Stress* (DEJOURS, 1994).

O aporte de Biaggio (2000) ao conjunto de estudos comportamentais-cognitivistas pode também ser mencionado. Conforme indica Silva (2005, p.67), a contribuição desta autora acerca das ditas “fontes internas” do *stress*, publicadas na coletânea organizada por Lipp, diferencia-se dos demais autores “por ser estruturado com alusão à concepção freudiana acerca da dos temas ansiedade e medo”. A autora relaciona o *stress* tanto ao medo no real como no abstrato, ou ainda, à intensa e frequente ansiedade e angústia do dia a dia. A autora distingue traço de ansiedade de estado de ansiedade: o “traço de ansiedade” é considerado estrutural ou crônico, e diferenciado do “estado de ansiedade”, compreendido como momentâneo ou agudo (BIAGGIO, 2000, p.53-55).

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2018) aponta que 1 de cada 10 pessoas no mundo (cerca de 10%) sofre algum distúrbio mental relacionado aos aspectos psicossociais e processos de saúde-doença dos trabalhadores em algum momento da vida. Frente a esse cenário é necessário compreendermos a subjetividade no campo da saúde do trabalhador e do trabalho.

No trabalho organizacional-coletivo tem havido desconsideração às necessidades de crescimento e desenvolvimento profissional dos trabalhadores que possam propiciar um sentir pleno. Há situações de trabalho intenso e precário que impedem, quando não deformam, a desejada realização pessoal. O que mais importa para o gerencialismo (GAULEJAC, 2007) é a estruturação produtiva, organizacional e a valorização do mercado. Além disso, implica em precarização da ética e incitação ao individualismo, em detrimento do coletivo (SELIGMANN-SILVA, 2011). Além disso, um quadro generalizado de precarizações sujeita, mais os trabalhadores ao *stress* psicológico. A questão do gerencialismo - “gerenciamento desgastante” é apontada por Seligmann-Silva (2011, p.469) como uma das múltiplas formas da precarização que induzem uma “precarização da saúde”. A autora, as precarizações: social, econômica, ambiental, do

trabalho, das organizações, da ética, dos laços, vínculos e relacionamentos- produzem uma precarização da saúde física e da saúde mental, além de propiciar “condições da subjetividade e outras dinâmicas” (“captura da subjetividade”) que engendram “esforços desesperados” e “armadilhas poderosas”, sob a “pressão do medo” e metas “de excelência” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 475).

Os trabalhadores cujo perfil é do *stress* ou mesmo adoecimento, geralmente enfrentam variações impostas pelas necessidades das organizações do trabalho nas quais o processo de adaptação vivenciado é desgastante e conflitivo em relação aos seus ideais e identidade.

Tal aspecto é apontado por Gaulejac (2007), que analisa os fundamentos da ideologia e do poder do gerencialismo. O autor caracteriza as bases funcionalistas, objetivistas e supostamente neutras do gerencialismo, de modo a criticar a concepção da organização como um dado inquestionável e do trabalhador como mero recurso aos objetivos e metas da organização. Tal ideologia que implica em altas exigências de trabalho em condições desfavoráveis busca se justificar pela meritocracia e ideal da excelência. Consideramos que o discurso e a prática gerencialista se fazem presentes na Universidade.

O nexo entre doença e condições desfavoráveis de trabalho é passível de ser demonstrado, mas tem gerado conflitos entre o mundo produtivo, empresas, trabalhadores, previdência social, entre outros. Nesse contexto são mencionados os transtornos por comprometimento da saúde mental ligados ao *stress* no trabalho (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.12). Conforme indicam tais autores: “Glinas e colaboradores (2001) recomendam que deva ser analisado o ambiente, a organização do trabalho e também a percepção do trabalhador a respeito da influência do trabalho no seu adoecimento” (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.12).

O *stress* ocupacional é uma resposta às solicitações impostas pelos gestores, exigências e acúmulos de pressões no trabalho. Tais situações são difíceis de se lidar e desafiam a capacidade de adaptação dos trabalhadores. Conforme apontam dois pesquisadores:

A Organização Internacional de Trabalho descreve a presença frequente de estressores psicossociais nas condições do trabalho. Por vezes, tais acontecimentos ultrapassam a capacidade humana de adaptação, traduzindo-se em problemas. O risco psicossocial

seria a resposta subjetiva do trabalhador à sua interação com as condições ambientais e organizacionais do trabalho (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.13).

Da mesma forma, OIT (2010) inclui uma nova lista com uma série de doenças profissionais reconhecidas internacionalmente, desde doenças causadas por agentes químicos, físicos e biológicos até doenças de origem respiratória e da pele, transtornos do sistema osteomuscular e câncer profissional. Primeira vez, incluíram na lista da OIT os transtornos mentais e do comportamento. A brecha permite o reconhecimento do início profissional de doenças que não figuram na lista desde sempre. É importante que seja estabelecido o vínculo entre os fatores de riscos da atividade laboral e as doenças contraídas pelo trabalhador. Dessa maneira, a OIT tem a necessidade de avaliar os riscos psicossociais como medida preventiva; devendo ser uma prioridade nas organizações. Porém, podemos dizer: “É difícil avaliar os riscos psicossociais, mas não impossível!”²

Assim mesmo, autores mencionados por Silva-Júnior e Fischer (2018, p.13-14) os principais fatores psicossociais no trabalho são relacionados ao “conteúdo do trabalho”, “contexto do trabalho” e “condições ambientais”.

Em relação ao conteúdo do trabalho são alistados:

- Conteúdo das tarefas: monotonia, repetitividade, subutilização de habilidades, tarefas sem sentido, tarefas desagradáveis ou repugnantes;
- Carga e ritmo de trabalho: sobrecarga ou pouca carga de trabalho, trabalhar sob pressão de tempo;
- Horário de trabalho: pouca flexibilidade nos horários, longas jornadas, trabalho em horários na qual não tem convívio social, horários imprevisíveis, esquema de turnos mal concebidos;
- Participação e controle: baixa participação na tomada de decisões, pouco controle em relação aos métodos de trabalho, ritmo de trabalho, horário e ambiente de trabalho (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.13-14).

Entretanto, em relação ao contexto do trabalho:

² Tradução e reescrita livre da autora com base em OIT (2010).

- Desenvolvimento de carreira, status e salário: insegurança no trabalho, baixa perspectiva ou pouca possibilidade de promoção, trabalho de baixo valor social, pagamento por produtividade, sistemas de avaliação de desempenho pouco claros ou injustos, ser mais qualificados ou ter baixo nível de qualificação para o trabalho;
- Papel na organização: ambiguidade de papéis, papéis conflitantes dentro do mesmo trabalho, responsabilidade por pessoas, continuamente lidar com outras pessoas e seus problemas;
- Relações interpessoais: precariedade nas relações com supervisores, baixo apoio social dos colegas, *bullying*, assédio e violência no trabalho, isolamento físico ou social, não existir procedimentos estabelecidos para enfrentar com problemas ou reclamação;
- Cultura organizacional: má comunicação, liderança “pobre”, falta de clareza sobre objetivos organizacionais e estrutura organizacional;
- Interface do trabalho-casa: demandas conflitantes entre trabalho e vida pessoal, pouco apoio no trabalho aos problemas domésticos, pouco apoio no trabalho para os problemas do trabalho (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.14).

Assim, os autores apresentam as “condições ambientais”, a saber: “agentes físicos e químicos, iluminação deficiente ou excessiva; odores incômodos e outros” (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.14).

O ambiente repercute os efeitos às situações estressoras no trabalho, como psicológicos, comportamentais, distúrbios cognitivos:

Ao longo do tempo, a interação com estressores desfavoráveis está relacionada a queixas psicossomáticas, sintomas psiquiátricos e alterações do bem-estar (ILO, 1984). O esgotamento físico-mental, frustração psicológica, falta de prazer e apatia para desenvolver estratégias de enfrentamento predispõem ao adoecimento mental, especialmente transtornos depressivos (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.14).

Silva Júnior e Fischer (2018) se referem a dois modelos teóricos que buscam analisar situações laborais, estressores psicossociais prejudiciais e seus efeitos na saúde do trabalhador. São exemplos de constructos teóricos que se desenvolveram a partir das

teorias do *stress*, e que podem contribuir para a análise crítica do desgaste mental no trabalho dominado.

Segundo Seligmann-Silva (2011), descreve o primeiro Modelo Demanda-Controle. No Brasil, a maioria das pesquisas com trabalhadores em absenteísmo-doença de larga duração demonstrou transtornos mentais comuns de avaliação dos fatores psicossociais no trabalho a partir do estudo das dimensões deste primeiro modelo. Basicamente ele aponta que quanto maior a demanda de trabalho e menor o controle do trabalhador sobre seu trabalho, mais estressante será o trabalho (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.15).

Ademais, anota o segundo modelo Desequilíbrio Esforço-Recompensa, a qual “baseia-se na reciprocidade de intercâmbio na vida profissional, descrevendo como fonte de ganho de autoestima, eficácia e integração social por meio de troca social” (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.18). Segundo tal perspectiva, a situações de trabalho se caracteriza como estressora quando há alto esforço e baixa recompensa (desequilíbrio). Trata-se da “hipótese interativa”: o “desequilíbrio esforço-recompensa com excesso de comprometimento” se constitui como “a pior situação para a saúde do trabalhador” (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2018, p.20).

Portanto, ressalta-se a necessidade de um acompanhamento sistêmico e ação primária na prevenção de atividades ocupacionais e aos fatores psicossociais de risco à saúde no trabalho. Os estudos devem avaliar a frequência e gravidade dos danos à saúde dos trabalhadores expostos.

Segundo o autor “a economia política elege como objeto o comportamento humano e suas palavras de ordem são: competência, habilidade, proatividade, competitividade, ousadia, entre outras”. (ARAUJO, 2012, p.43). Além disso, as proposições de Araújo são comentadas com eloquência por Casadore (2018):

Essa apreensão do sujeito como empreendedor não se restringiria a um mundo empresarial, mas se expande às demais instâncias da vida humana, que incorpora a lógica do capital como razão e fundamento da sociedade. Portanto, o sujeito restrito da razão, apreendido em sua condição operacional, capturado e convencido a seguir as advertências do mercado, do consumo sem maiores questionamentos, aqueles enaltecidos e evidenciado pela lógica neoliberal [...] (CASADORE, 2018, p.37-38).

Ainda assim, a compreensão dos riscos psicossociais relacionados ao trabalho, temos que analisar situações de trabalho no campo da teoria Psicodinâmica do Trabalho que se dedica a identificar as condições em função das quais a relação entre sujeito e trabalho pode evoluir para quadros de adoecimento ou ao contrário, à construção da saúde mental. Tal perspectiva funda-se em uma teoria do sujeito que envolve tanto a psicanálise quanto a teoria social (DEJOURS, 2009; SILVA, 2013a; 2013b).

Segundo Dejours (2009) a psicodinâmica do trabalho coloca o sofrimento no centro da relação psíquica entre os trabalhadores e dinâmica laboral do dia a dia, tratando de procurar libertar dessa vivência que os atormenta. Portanto, o sofrimento não pode ser entendido como uma consequência lamentável e patogênica do trabalho. Ao contrário, pode ser um ponto de partida para a saúde. O sofrimento manifesta e traz como contrapartida a possibilidade de mobilização subjetiva e o reconhecimento para que o sujeito experimente reinvenções do prescrito e se transforme. Nesse sentido, o prazer é derivado das operações da subversão do sofrimento.

Segundo a crítica do médico psiquiatra Dejours (1986) o corpo está em constante movimento e nunca se encontra em estabilidade. Assim, é como se estivesse representando nosso campo da astronomia que está em constante movimento. Dessa maneira, “o estado de saúde não é certamente um estado de calma, ausência de movimento, conforto, bem estar e de ociosidade” (DEJOURS, 1986 p.8). Basear-se na fisiologia do movimento do organismo relacionada ao nível psíquico é pensar e relacionar entre a saúde e angústia.

Não se trata de fazer desaparecer a angústia. Aliás, nunca chegaríamos a isso (...). Consequentemente, não se trata de acabar com a angústia, mas de tornar possível a luta contra ela, de tal modo que se a resolva, que se acalme momentaneamente, para ir em direção a outra a angústia. Assim que, não é questão de aprisioná-la de uma vez por todas, pois não existem situações assim (DEJOURS, 1986).

A Psicodinâmica do Trabalho é um campo de estudo que não se ocupa somente da compreensão do princípio de doença ou o final da linha, no qual algo não vai bem em termos do equilíbrio psicossomático. Mas visa, sobretudo, entender a saúde como algo dinâmico. Como algo que se constrói ao longo da vida. Podemos dizer que a saúde é

um modo de enfrentar adversidades no qual o sujeito obtém sucesso nesta empreitada. Alguns pontos são ressaltados, por exemplo: identidade psíquica que tem que ver com o modo de existência (pertencimento e singularidade); o também como uma obra coletiva, espaço privilegiado onde passamos a maior parte do tempo. Para a Psicodinâmica do Trabalho, trabalhar, no sentido da ação humano é algo central para o ser humano. Por meio do trabalho as pessoas podem manifestar sua utilidade, criatividade e singularidade, usando sua inteligência e predisposições, para que sejam reconhecidos os trabalhadores e reforçadas suas identidades.

Os estudos sobre o trabalho e seus impactos na subjetividade atuam no sentido da defesa da busca de melhores condições e relações. Se busca ressaltar que o adoecimento pode ocorrer no contexto da terceirização, pois neste se amplia o desgaste mental dos trabalhadores. Verificam-se inclusive aumento do número de acidentes no trabalho, lesões osteomusculares, transtornos mentais, entre outros (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Por isso, interpretar a terceirização é importante apontar que nos anos 70, se processou a passagem do *fordismo* ao *toyotismo*. Existe a dita flexibilidade do trabalhador terceirizado (que se relaciona ao objetivo de redução de custos de produção). Se cobra maior produtividade, mas com menores salários, e num contexto de maior adoecimento dos trabalhadores. A terceirização nos anos 90 implicou em uma intensificação da exploração do ritmo de trabalho, e transformação das legislações do trabalho e do sistema de proteção social (CASTEL, 2001). No decorrer do tempo, no período pós-fordista no qual se consolida o modo de produção *toyotista*, tais mudanças nas legislações trabalhistas e previdenciárias, teve como consequência, menos recursos, redução de férias, terceirização, entre outros.

A política orçamentária se estrutura de acordo com o espírito do capitalismo e a vida parece poder ter espaço somente fora do trabalho. Observamos por exemplo na situação atual, trabalhos e trabalhadores que são obrigados a se adaptar à pandemia de maneira rígida e não flexível. Eis, o engodo do trabalhador dito flexível. A classe trabalhadora heterogênea, diversificada no setor industrial, fica fragmentada com um processo que substituí a mão de obra e reduz drasticamente o emprego.

Portanto, a discussão sobre *stress* e trabalho se enriquece com a contribuição de distintos modelos e referenciais teóricos, sobretudo quando se articulam em torno do conceito integrador de desgaste, proposto por Seligmann-Silva (2011). Enquanto um

paradigma integrador, permite estabelecer relações entre os “fatores” ambientais e psicossociais (estudos do *work-stress*), mundo subjetivo e identidade (PDT) e diferentes esferas da vida social e relações de poder (modelo do desgaste). Nesse sentido, faz-se possível considerar os entrecruzamentos de determinações de diferentes instâncias do desgaste mental relacionado ao trabalho. Conforme aponta a autora, “o modelo teórico de desgaste mental, fundamentado no conceito geral de desgaste estabelecido por Laurell e Noriega”, proposto por ela, possibilita uma “visualização em três níveis”, de modo a “integrar um conjunto de contribuições elaboradas por diferentes autores”. Como assevera Silva (2015), o *stress* se configura como um fenômeno no qual se influenciam mútua e reciprocamente, o desgaste sócio-institucional e o bio-psíquico.

2.4. O *stress* no trabalho docente

Dada a estreita interdependência entre educação, condições de trabalho, vida e saúde, os estudos, as pesquisas e intervenções neste âmbito tem forte vocação transdisciplinar, com ênfase nos fatores socioculturais indispensáveis para a compreensão dos aspectos orgânico-funcionais e psíquicos que privilegia contribuições teóricas provenientes da psicologia social crítica, sociologia do trabalho e da psicodinâmica do trabalho.

Iremos considerar brevemente dois aspectos relacionados ao *stress* do/no trabalho docente: a intensificação e precarização do trabalho; o par sofrimento-prazer no trabalho e os processos de saúde-doença.

A despeito do prejuízo à saúde dos trabalhadores, o *stress* no trabalho do docente gera lucro a empresários e instituições vinculadas às práticas educativas do trabalhador, afirmando um alto preço pago pelas sociedades industrializadas ao seu contingente humano.

Constatamos o exposto em Sguissardi e Silva Junior (2009), que consideram que os docentes aderem e acentuam, na prática universitária, a massa do mais “valor” (mercadoria e relações sociais). Tenhamos em conta que a mercadoria do trabalho não é igual ao valor de troca, senão social, representada no *quantum* de trabalho (maior riqueza material), produzindo um dado capital qualitativamente. O trabalhador docente vende a força do trabalho que está vinculada à sua capacidade física e mental, gerando *stress* em si e nas formas de sociabilidade de seu trabalho.

Como aponta Silva (2013a), não raro os docentes se entregam à sociabilidade produtivista:

Muitos professores, grosso modo, se aprisionam aos seus desejos e símbolos de prestígio e poder. “Apaixonam-se” pela imagem de si enaltecida/auto enaltecida, e, assim, submetem-se ao cotidiano estressante/competitivo e até mesmo às “férias no papel” (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, p.139-141, 2009). Fascinados pela “possibilidade de alcançar o pódio dos melhores na disputa por reconhecimento profissional”, tendem a se comportar de “forma servil à organização” (CALGARO; SIQUEIRA, 2008, p.128) (SILVA, 2013a, p.85-86).

Vale considerar a seguir alguns aspectos do contexto da intensificação e precarização do trabalho relacionados aos efeitos sobre a subjetividade e à saúde dos docentes mencionados na introdução do presente item.

2.4.1. A intensificação e precarização do trabalho e o *stress* do docente

O trabalho é intensificado à exaustão, as relações de trabalho são colocadas num estado de precariedade e as relações humanas são degradadas em razão do ápice da alienação. As demandas das novas tarefas no mundo do trabalho produzem um aumento de desgaste mental, trazendo causas e efeitos no *stress* e vice-versa

O capital ao explorar a força do trabalho apoia-se não só na sua capacidade útil de trabalho, mas também no saber que, de modo geral de faz presente no trabalhador como parte do “saber social” produzido no âmbito da sociedade. Esse trabalhador está em constante articulação dialética com os meios de produção e com os meios de circulação do processo global de acumulação capitalista, pelas forças produtivas industriais e financeiras (ANTUNES, 2009).

Quando um projeto mental se atualiza na prática, os sujeitos que o realizam gastam um volume variável de suas energias físicas ou psíquicas. A ideia de que todo o ato de trabalho dos docentes envolve gasto de energia, portanto exige esforço do trabalhador, está na raiz da noção de intensidade. O trabalhador pode gastar mais ou menos de suas energias, mas sempre gasta alguma coisa.

Tenhamos em conta que a intensidade do trabalho tem que ver com a maneira como é realizado o ato de trabalhar. Esse é o primeiro elemento a destacar sobre intensidade, isso quer dizer que se refere ao grau de consumo de energias realizadas pelos trabalhadores, isto é do trabalhador docente. Além disso, os docentes se intensificam em seguir produzindo artigos; e ainda nestes tempos o trabalhador será exigido por um empenho e desempenho maior, seja física, intelectual e psiquicamente. E cada vez mais na sua exploração e auto exploração, terá que combinar e ter condições de conhecimento na tecnologia. Tudo isto leva a implicações de *stress*.

Silva (2016) aponta para a precarização e intensificação do trabalho como fenômeno social e institucional presente no mundo do trabalho de modo geral, e com algumas especificidades no campo da Educação Superior. Dal Rosso (2008) caracteriza de forma detalhada a intensificação do trabalho, e Silva (2016) salienta o quanto ela se imbrica à questão da precarização. Considerações sobre este processo de degradação e precarização do trabalho já foram expressas neste trabalho em pontos anteriores, e não nos alongaremos nessa discussão, de modo a evitar reiterações excessivas. Não obstante, faz-se necessário uma breve consideração complementar.

Silva (2016) aponta para a ideologia gerencialista e sua pragmática funcionalista, relacionadas à forma política do Estado, derivada da forma-valor (MASCARO, 2012). Considera que o gerencialismo (GAULEJAC, 2007) se faz presente nas práticas universitárias e, particularmente, na intensificação do trabalho. Assevera que a intensificação do trabalho se expressa nas políticas educacionais da pós-graduação brasileira (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009).

Dal Rosso (2008) dedica um item do capítulo “A intensificação do trabalho e os trabalhadores” para abordar a intensificação do trabalho e saúde. Este autor indica que o “trabalho é transformado, redesenhado, precarizado e intensificado” (DAL ROSSO, p.136). E argumenta que desta reconfiguração resulta um “conjunto de problemas de saúde de natureza diversa. Em decorrência das crescentes exigências emocionais e mentais do trabalho” (DAL ROSSO, 2008, p.136-137).

Sguissardi e Silva Júnior (2009) realizaram pesquisa em sete instituições federais de ensino (Ifes) da região sudeste do Brasil. Na ocasião pesquisavam a expansão das Ifes no governo Lula. Apesar dos aspectos positivos da expansão em si e da maior inclusão de setores populacionais historicamente excluídos da Universidade pública, os autores

indicam que o crescimento das instituições privadas era tão significativo como, e que se mantinha no Brasil a predominância da esfera privada e lucrativa na Educação Superior. Mais do que isso, indicavam que havia uma tendência na expansão que inseria na Universidade pública características de gestão e uma racionalidade de suas práticas reconfiguradas de caráter privatista.

Ao apresentar inúmeros dados da expansão, os autores evidenciaram que ela ocorria de modo a ampliar a proporção de estudantes para cada docente, que havia aumento de matrículas e de estudantes que era significativamente maior que o da contratação de docentes. E quando consideravam o aumento de estudantes em comparação ao de técnicos administrativos, a desproporção era ainda mais ampla.

O que ora reiteramos se relaciona à já mencionada tríade, precarização, intensificação e extensão do trabalho. Embora não fosse objeto da pesquisa de Sguissardi e Silva Júnior (2009), os autores dedicaram item de um dos capítulos para apontar questões relacionadas à saúde. Apresentaram relatos de docentes com *stress*, sofrimento e adoecimento físico e/ou psíquico, com efeitos sobre a subjetividade. Vários dos aspectos abordados sobre saúde e subjetividade desta obra são retomados e comentados em inúmeros trabalhos de Silva (2016; 2015; 2013a, 2013b).

O “estresse do trabalho”, “depressão forte”, “pânico”, “gastrite hemorrágica” e “úlcera intestinal” foram relacionados ao cotidiano de trabalho sob pressão (Sguissardi; Silva Júnior, 2009, p.171; p.237-238), sendo estas formas de adoecimento de cunho depressivo e psicossomático apontadas por outros pesquisadores que tomaram como objeto o trabalho e saúde do professor universitário (Lacaz, 2010; Leite, 2011; Bianchetti; Machado, 2007). (SILVA, 2013a, p.81).

Silva (2016) aduz que a intensificação do trabalho se relaciona a uma sociabilidade produtiva, tal como antes referido neste trabalho. Seligmann-Silva (2011) desenvolve uma série de reflexões sobre a relação entre a intensificação do trabalho e a precarização, compreendida em suas múltiplas facetas. No capítulo intitulado “Precarização da saúde mental na precarização social e do trabalho”, inicia se referindo a um paradoxo entre a expansão econômica e a expansão da precarização. Argumenta que a primeira se nutriu da segunda. A autora se refere a uma “dilacerante precarização social”

ou “escalada da precarização” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.458-459). “Insegurança”, “incerteza”, “precariedade”, “dilaceramento dos laços”, “fragilização do tecido social”, “apagamento da ética”, “captura da subjetividade”, “expropriação da subjetividade” e “individualismo” são termos evocados (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 458-491). Essa escalada da precarização implica na precarização da saúde mental.

A relação da precarização com a intensificação do trabalho ocorre na medida em que se institui uma injunção da rapidez e da produtividade. Os “tempos necessários ao trabalho mental cognitivo e afetivo” são desconsiderados e a “degradação da sociabilidade” induz a “hiperatividade” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 475-479). Os “critérios de avaliação” geram o “sentimento de injustiça”; “o rendimento contabilizado para a meta do último mês não considera o desempenho dos meses ou anos passados”, mesmo que tenham sido excelentes, e assim se instaura um “sentimento de que a justiça foi ferida”, de modo a produzir “tristeza”, “raiva”, “ressentimento”, “perturbações do sono”, e ainda, “pela via psicossomática”, “aumento de pressão arterial”, “taquicardia” e sintomas como “dor de cabeça” e “cólicas intestinais”, entre outros (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.476).

A precarização e intensificação do trabalho que prejudicam a saúde do docente, redundam em processos de adoecimento que tendem a se desenvolver de forma sorrateira (SILVA, 2015; SILVA, 2013a; SILVA; MANCEBO, 2014). E como veremos a seguir, se conectam a uma contraditória relação de sofrimento-prazer do docente.

2.4.2. O par sofrimento-prazer no trabalho e os processos de saúde-doença

Hipócrates, “pai da medicina”, conhecedor do sofrimento humano da antiga Grécia durante o chamado século de Péricles, afirmava que a importância do serviço médico é estar ao lado do que sofre. Além disso, demonstrou que o sofrimento podia ser aliviado não só por intermédio de magia. Assim outros médicos gregos contribuíram para o avanço da medicina. Por este motivo, as ciências exatas passaram a ter grande influência de criar um ambiente de enfrentamento das doenças.

O trabalho e os destinos do sofrimento foram estudados no século XX pelo “pai da psicanálise”, o médico neurologista Sigmund Freud (1930/1990). O autor estabelece que os homens buscam, por um lado, evitar a dor e o desprazer, por outro lado, experimentar sensações de prazer. Para o ele, a vida é árdua e inclui sofrimentos, decepções e até mesmo tarefas impossíveis. Os sofrimentos vêm de três direções: “de

nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução”; “do mundo externo, que podem voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas”; e de “nossos relacionamentos com outros homens” (FREUD, 1930/1985, p.95).

As vivências de sofrimento geradas pelo meio social são as que mais exigem e desgastam energias das/nas pessoas. Segundo Freud (1930/1985, p.105), há uma “fonte social do sofrimento” derivada da “inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade”. Nessas vivências estão incluídos os problemas nas relações sociais no dia a dia e no trabalho.

Freud ressalta que:

(...) No entanto, como caminho da felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. A grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis (FREUD, 1930/1990, p. 99).

Dentre as contribuições de Dejours destacamos as do texto intitulado “Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho” (DEJOURS, 2004b), assim como as de Ruza (2017), cuja Tese de Doutorado toma como objeto de pesquisa docentes de pós-graduação de um programa dito de excelência.

Dejours (2004b, p.143) “o campo específico da psicopatologia do trabalho é o campo do sofrimento, de seu conteúdo, de sua significação e de suas formas”. O autor afirma que o “sofrimento só pode ser captado por meio de defesas”, e que os “sistemas defensivos” podem ser “objeto de uma exploração específica pela organização do trabalho” (DEJOURS, 2004b, p.145). Em muitos casos ocorrem “processos compulsivos de auto-aceleração diretamente explorados”, numa espécie de “*frenesi*” (DEJOURS, 2004b, p.145-146). Ao que relaciona à alienação: “é quando surge, inevitavelmente, a questão da alienação. Alienação pelo trabalho, bem como pela organização do trabalho” (DEJOURS, 2004b, p.147). Por outro lado, pondera que também é possível ocorrer outros destinos ao sofrimento do/no trabalho. Pois, o trabalho pode ser “instrumento de prazer e de equilíbrio psíquico ou mesmo somático” (DEJOURS, 2004b, p.149).

Essa “dialética desejo/sofrimento” apontada por Dejours (2004b, p.150) é analisada por Fiuza (2017) em sua pesquisa sobre trabalho do docente da pós-graduação.

Em artigo relativo a tal pesquisa, Ruza e Silva (2017) indagam se as transformações produtivas na pós-graduação manteriam o prazer no trabalho suspenso.

Os autores consideram que há uma série de entraves ao reconhecimento e prazer no trabalho, ainda que este não esteja eliminado. Apontam que os docentes vivenciam vários conflitos relacionados às exigências institucionais. De modo que ocorrem processos de manipulação da identidade e subjetividade dos docentes. A questão norteadora era a seguinte: “o sofrimento no trabalho encontraria possibilidades de, pela mediação do reconhecimento, se transmutar em prazer?” (RUZA; SILVA, 2017, p.1).

Na sua pesquisa, Ruza (2017) coletou e analisou dados e documentos institucionais de uma Universidade pública, a UNESP. Aplicou um questionário a professores de dois programas de pós-graduação de elevada performance acadêmica. Realizaram entrevistas semiestruturadas sobre trajetória acadêmica e de trabalho na instituição. O referencial teórico foi o da Psicodinâmica e Psicossociologia do Trabalho.

Ruza e Silva (2017, p.1) argumentam que “o prazer-sofrimento são elementos imbricados e que coexistem em todas as dimensões do trabalho do professor, ainda que determinadas atividades e relações gerem potencialmente maior prazer, e outras, maior sofrimento” Ao que acrescentam:

“A intensificação do trabalho, o desgaste frente às exigências de rotinização das tarefas e o significativo número de referências ao estresse e/ou adoecimento foram evidenciados. Mas há aspectos que ora se contrapõem, ora ofuscam esses indicadores de sofrimento” (RUZA; SILVA, 2017, p.1)

E concluem que num “jogo intrincado do par antitético prazer-sofrimento” há várias “possibilidades para as subjetividades docentes, que se situam entre o sofrimento patogênico e o sofrimento criativo”. Eis então aspecto a ser investigado na presente pesquisa.

Conforme aponta Seligmann-Silva (2011, p.483), estudos na perspectiva da PDT divulgados na revista *Travailler* referem-se à “hiperatividade” e “servidão voluntária”. O desgaste mental no trabalho dominado, numa “realidade laboral multifacetada, intensificada e precarizada, vem sendo fonte de crescente mal-estar e adoecimento psíquico” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.485). A doença da gestão, referida por Gaulejac (2007), resulta em uma corrida desenfreada pela produtividade, de modo a

configurar novas patologias da sobrecarga e da solidão. O sofrimento psíquico tende a ser ignorado ou banalizado. O reconhecimento não se efetiva, pois o trabalhador é sujeito a modelos e critérios de avaliação que se relacionam a uma neurose de excelência. O prazer fica em grande medida impedido, prazer fetichizado, alienado. Os vínculos afetivos se empobrecem, no interior das relações de trabalho ou mesmo na vida pessoal (HELOANI, 2003).

Seligmann-Silva (2011) refere-se à desafetação ou alexitimia para explicar o apagamento de manifestações afetivas ou embotamento afetivo. As “descargas de tensão” se dão “através da ação”, de modo que a atividade pode assumir uma “conotação de verdadeira adição”: “manter-se em atividade frenética é a forma que muitos trabalhadores adotam para conter outras expressões da raiva suscitada pela humilhação” dos modelos de gestão doentes e alienantes. Assim, ocorre a “expropriação da subjetividade” sob a égide do desgaste, argumenta Seligmann-Silva (2011, p.152).

CAPÍTULO III: DADOS DO QUESTIONÁRIO SOBRE *STRESS* E TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS.

3.1. Os dados pesquisados e caracterização dos sujeitos da pesquisa

Conforme indicado no Capítulo I, um dos instrumentos para o procedimento de coleta de dados foi um Questionário, adaptado da Tese de Silva (2005), composto de duas partes: Parte A “Questionário de Avaliação do *Stress*”; Parte B “Saúde, Trabalho e Família” (vide Apêndice II).

Parte A corresponde ao Inventário de Sintomas do *Stress* para Adultos de Lipp, o ISSL (LIPP; GUEVARA, 1994). Por meio deste instrumento pode-se identificar a presença ou não do *stress*, e nos casos positivos, em qual fase. Existem basicamente três fases: Alerta, Resistência e Exaustão. Posteriormente, se agregou uma quarta fase, denominada Quase Exaustão (LIPP; GUEVARA, 1994). Além da identificação da fase do *stress*, é possível também apontar para qual sintomatologia se faz prevalente. Existe uma série de sintomas que são indicados para que o respondente assinale, a maior parte se refere a sintomas somáticos, e outra a sintomas psicológicos.

A Parte B corresponde, no item 1, ao *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20). Trata-se de um instrumento de rastreamento de transtornos mentais comuns, não psicóticos, composto originalmente de 30 itens, mas que em sua adaptação, na versão brasileira, possui 20 itens (PALÁCIO, JARDIM, RAMOS, SILVA FILHO, 1997). Os itens 2 e 3 desta Parte B são de questões elaboradas por esta pesquisadora junto de seu orientador com base na Tese seguinte (SILVA, 2005). No item 2, o respondente podia assinalar uma ou mais possibilidades de situações vivenciadas no trabalho, a saber: realização, satisfação, excitação, irritação, conflito, agressividade, frustração e sofrimento.

No item 3 foram coletados outros dados sobre trabalho, saúde e vida familiar. Iniciam-se com dados do tempo em que o sujeito é professor na Universidade, número ou média de horas de trabalho diário, números de disciplinas por semestre na graduação e pós-graduação. Em seguida, tem 11 perguntas no qual poderia responder as opções “sim”, “não” ou “em termos” (vide Apêndice II).

Ao final do Questionário existia uma pergunta sobre a disponibilidade do docente em conceder posteriormente uma entrevista (no caso, semiestruturada – vide roteiro no

Apêndice I). Os dados das entrevistas e análise de suas categorias encontram-se no Capítulo IV desta Dissertação, intitulado “Dados e Análises das Entrevistas”.

Dada esta introdução explanatória, apresentamos a seguir, dados gerais de um total de 24 respondentes do Questionário, assim como uma síntese que elaboramos de cada questionário respondido pelos sujeitos. Apresentamos os gráficos relativos a algumas variáveis do corpo docente participante da pesquisa.

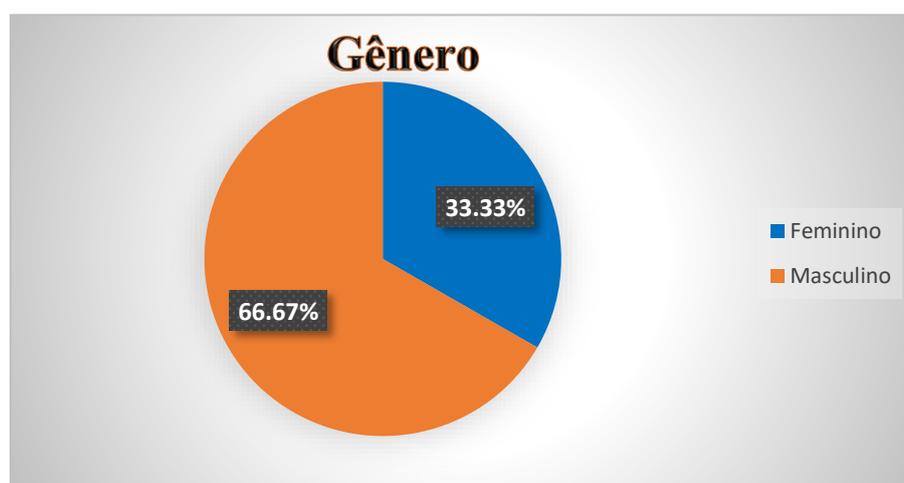


Gráfico 3.1 - Gênero: feminino são 8 docentes (33.33%) e masculino 16 (66.67%).

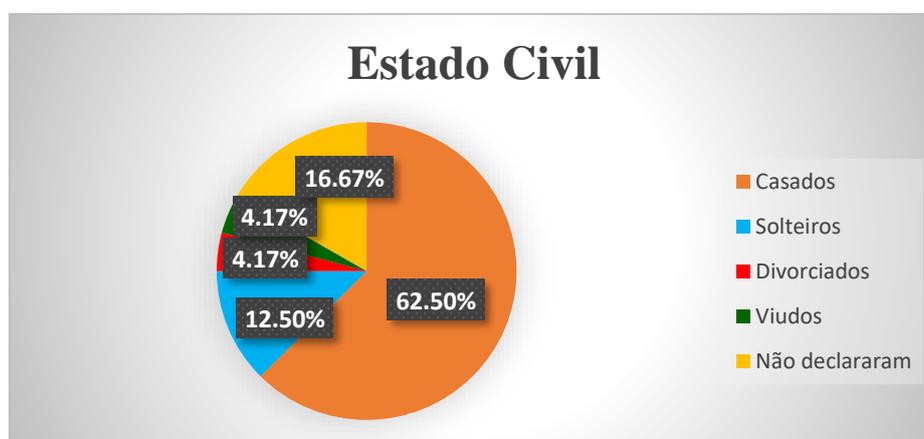


Gráfico 3.2 - Estado Civil: casados são 15 docentes (62.50%); solteiros 3 (12.50%); divorciados 1 (4.17%); viúvo 1 (4.17%) e 4 docentes (16.67%) que Não Declararam.

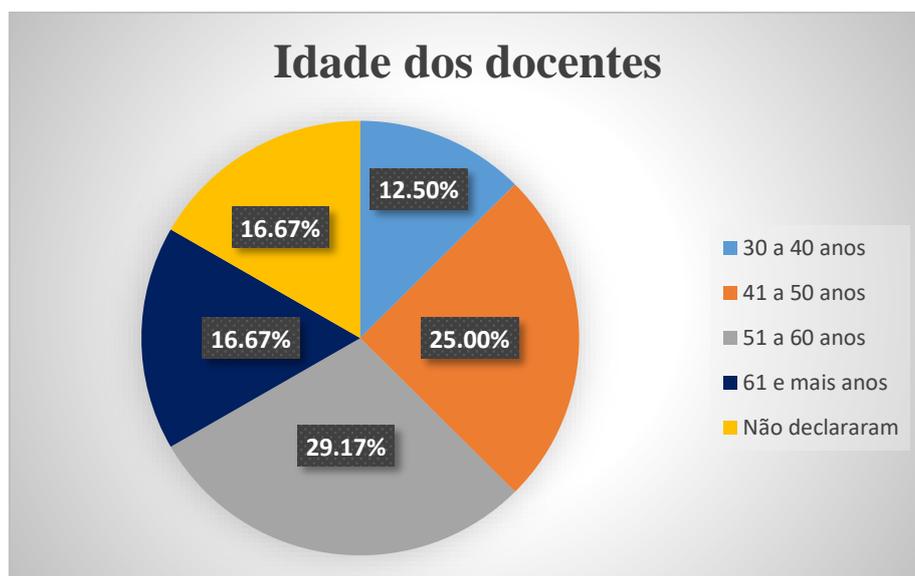


Gráfico 3.3 - Idade foi pesquisada em 5 intervalos: de 30 a 40 anos foram 3 docentes (12.50%); 41 a 50 anos 6 docentes (25.00%); 51 a 60 anos 7 docentes (29.17%); 61 e mais anos 4 docentes (16.67%) e por último, 4 docentes (16,67%) Não Declararam.

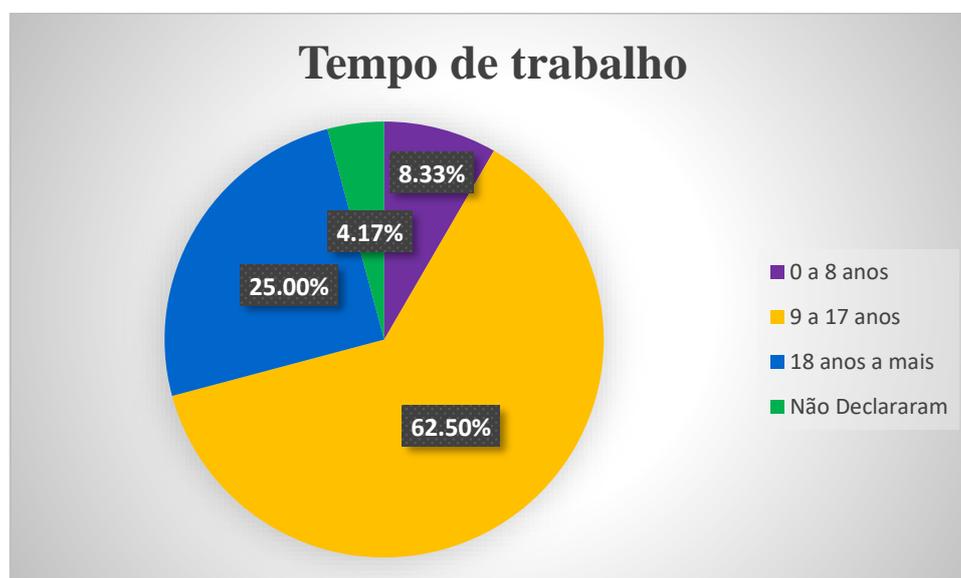


Gráfico 3.4 - Tempo de trabalho dos docentes do instituto da renomada universidade foi distribuído em 4 intervalos: 0 a 8 anos de trabalho, 2 docentes (8.33%); 9 a 17 anos de trabalho, 15 docentes (62.50%); 18 anos a mais de trabalho 6 docentes (25.00%) e 1 docente (4,17%) Não Declarou.



Gráfico 3.5 - Horas de trabalho por dia dos docentes do instituto e renomada universidade organizados em 4 intervalos: até 7 horas por dia de trabalho, 2 docentes (8.33%); 8 horas por dia 13 docentes (54.17%), 9 horas a mais trabalham 7 docentes (29.17%) e 2 docentes (8.33%) Não Declararam.

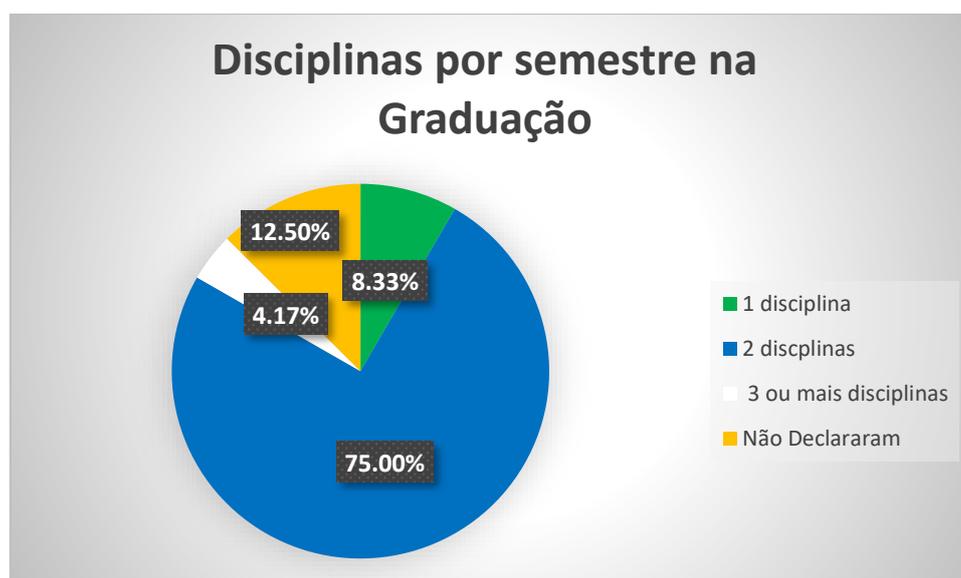


Gráfico 3.6 - Disciplinas por semestre na Graduação ministradas pelos docentes foram distribuídas em 4 alternativas: 1 disciplina foi assinalada por 2 docentes (8.33%); 2 disciplinas por 18 docentes (75.00%); 3 disciplinas ou mais foram indicadas por 1 docente (4.17%) e 3 docentes (12.50%) Não Declararam.

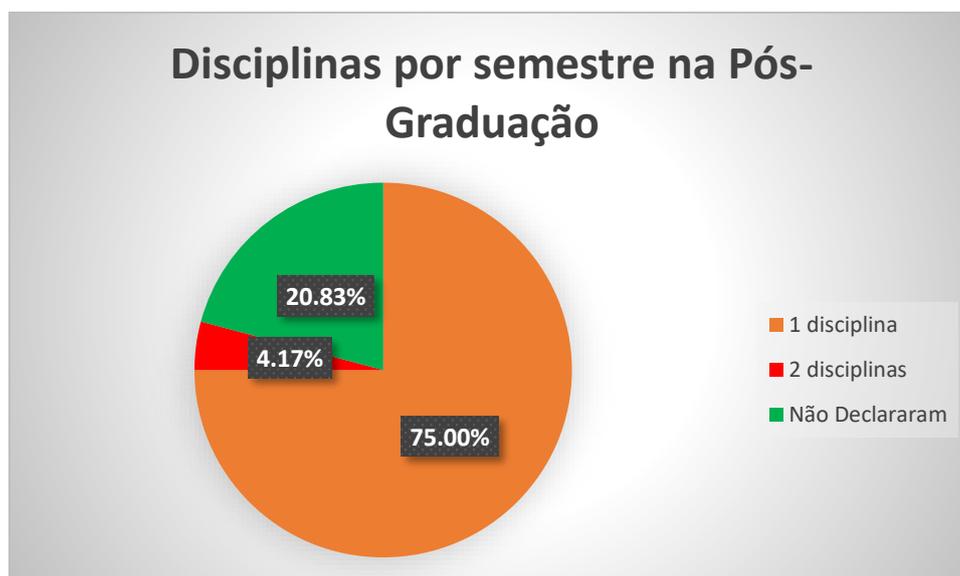


Gráfico 3.7 - Disciplinas por semestre na Pós-Graduação ministradas pelos professores foram divididas em 3 alternativas de resposta: 1 disciplina foi ministrada por 18 docentes (75.00%); 2 disciplinas por 1 docente (4.17%) e 5 docentes (20.83%) Não Declararam.

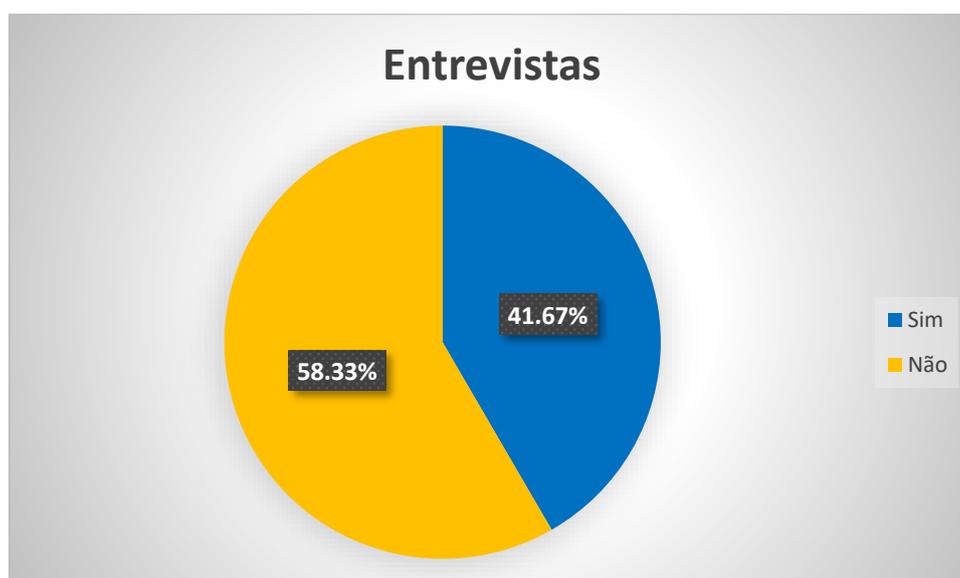


Gráfico 3.8 - Docentes que aceitaram conceder entrevistas pessoais: total de 10 (41.67%); sendo que 14 (58.33%) não se dispuseram.

Deste modo, podemos dizer que no conjunto de dados apresentados nos gráficos 3.1 a 3.8, prevaleceu, como sujeito típico: gênero masculino (66.67%), casado (62.50%), na faixa de idade entre os 51 a 60 anos (29.17%) e com 9 a 17 anos de trabalho na instituição (62.50%). Em termos de carga de trabalho, prevaleceu 8h/dia (54.17%), além disso, na maioria dos docentes levam 2 disciplinas na graduação (75.00%) e 1 disciplina

de pós-graduação (75.00%) por cada semestre. Do total de respondentes, prevaleceu a opção por não participar da segunda fase da pesquisa (58.33%), relativa às entrevistas semiestruturadas.

Em relação ao dado de 8h/dia de trabalho, outro item do Questionário (parte B – item três), na oitava pergunta “Você trabalha nos finais de semana”? Identificamos um total de 58.33% de docentes que responderam “sim”, sendo que, se acrescentarmos estes aos que responderam “em termos” (33.33%), teríamos um total de 91.66%, quer dizer 8.34% não trabalham no fim de semana, sendo que prevalece (em média) 8h/diárias durante a semana. No item a seguir, apresentamos sínteses dos questionários para evidenciar, em cada sujeito, tanto a carga de trabalho como outros aspectos que ainda iremos detalhar nos itens posteriores (como dados do ISSL e do SRQ-20, entre outros).

3.2. Sínteses dos Questionários

Como referido, foram 24 respondentes. Numeramos os questionários e usaremos a letra **Q** seguida de números (1 a 24), além disso, a letra “**f**” para gênero feminino e “**m**” para o masculino.

Q1f, casada, 45 anos de idade, 15 anos de idade como docente na universidade, não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 1, (obs.: estabelecemos como indicativo de transtornos mentais comuns os *scores* de 7 para cima). Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na Pós-Graduação. Assinalou a alternativa, “em termos” sobre a questão de seu trabalho ser prejudicial à saúde. Relata não se sentir mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Declara que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Também que preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho. Assegura uma alimentação saudável, faz exercícios físicos regulares e possui círculo de amigos ou familiares. Trabalha 8 horas por dia e também nos finais de semana. Não toma medicamentos e não apresenta problema de saúde.

Q2m, casado, 39 anos de idade, com 10 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 disciplina na pós-graduação. Assinalou a alternativa “em termos” ao considerar seu trabalho prejudicial à saúde. Afirma sofrer de depressão. Identificamos que apresenta *stress* (fase quase exaustão). O *score* do SRQ-20 foi 17. Nega sentir-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Declara que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima

dentro de casa. “Em termos”, refere preocupações e problemas em casa que lhe prejudicam no trabalho. Refere que “em termos” se alimenta de forma saudável. Afirma que faz exercícios físicos regulares. Possui círculos de amigos ou familiares. Confirma, “em termos” que trabalha nos finais de semana. Trabalha 8 horas/dia durante a semana. Afirma tomar medicamentos por problemas de saúde.

Q3m, casado, 65 anos de idade, com 13 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Nega ser seu trabalho prejudicial à sua saúde e não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Confirma preocupações no trabalho que lhe prejudicam o clima dentro de casa. Nega preocupações e problemas em casa que prejudicam no trabalho. Apontamos que não tem *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 1. Certifica alimentação de forma saudável. “Em termos” faz exercícios físicos regulares. Possui círculo de amigos ou familiares. Confirma “em termos” trabalhar nos finais de semana, e trabalhar por 8 horas por dia durante a semana. Também “em termos” considera sua vida sedentária. Não toma medicamentos e não apresenta problema de saúde.

Q4f, casada, 55 anos de idade, e 32 anos como docente na universidade. Instrui 2 disciplinas por semestre na graduação. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Indica que “em termos” sente-se mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Apresenta *stress* (fase de resistência). O *score* do SRQ-20 foi 7. Assim, “em termos”, indica que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Anuncia que preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho e alimentar-se de forma saudável. Não faz exercícios físicos regulares. Admite possuir círculo de amigos ou familiares. Refere não trabalhar nos finais de semana. Trabalha 8 horas por dia durante a semana. Considera a sua vida sedentária. Não toma medicamentos e refere não apresentar problema de saúde (apesar de haver indicativo de transtornos mentais comuns, dado o *score* 7 no SRQ-20 e a identificação de *stress* em fase de resistência).

Q5f, não declarou idade e nem estado civil. Atua 34 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não considera ser seu trabalho prejudicial à saúde, sem embargo tem problema de saúde (diabetes). No resultado do ISSL identificamos *stress* (fase de resistência). O *score* do SRQ-20 foi 4. Menciona não se sentir mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Além disso, não sente que problemas e preocupações no trabalho

prejudiquem o clima dentro de casa. Igualmente refere que preocupações e problemas em casa não lhe prejudicam no trabalho. Assinalou ter alimentação saudável. Faz exercícios físicos regulares e possui círculos de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana. Durante a semana trabalha 8 horas por dia. Toma medicamento por conta de diabetes (posteriormente na entrevista referiu tomar mais do que um medicamento).

Q6f, não declarou estado civil e idade; com 13 anos como docente na universidade. Ministra 2 a 3 disciplinas por semestre na graduação e eventualmente 1 disciplina por semestre na pós-graduação. “Em termos” considera seu trabalho prejudicial à saúde. Identificamos *stress* (fase de resistência). O *score* do SRQ-20 foi 6. Nega sentir-se mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Mas refere que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. “Em termos”, preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho. Confirma uma alimentação saudável e não faz exercícios físicos regulares. Além disso, “em termos” possui círculos de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana e 8 horas por dia durante a semana. Nega ter vida sedentária. Não toma medicamento e refere não apresentar problema de saúde.

Q7m, casado, 61 anos de idade, com 20 anos como docente na universidade. Leciona em média 1 disciplina na graduação e 1 na pós-graduação por semestre. Respondeu não considerar o seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 1. Não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Afirmo que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Nega que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Afirmo ter uma alimentação saudável. Faz exercícios físicos regulares. E possui círculos de amigos ou familiares. “Em termos trabalha nos finais de semana “. Refere trabalhar em média 6 horas por dia durante a semana. Toma medicamento, dado que apresenta problemas gástricos.

Q8m, casado, 54 anos de idade, com 17 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e respondeu que oferta de disciplinas na pós-graduação é “irregular”. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 4. Nega sentir-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Também considera que preocupações e problemas no trabalho não prejudicam o clima dentro de casa, e que preocupações e problemas em casa não lhe prejudicam no trabalho. Refere ter alimentação saudável, mas

não faz exercícios físicos regulares. Diz não possuir círculos de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana e 9 horas por dia durante a semana. Respondeu ter “em termos” uma vida sedentária. Não toma medicamentos, nem apresenta problema de saúde.

Q9m, não declarou estado civil e idade; está com 17 anos como docente na universidade. Instrui 2 disciplinas por semestre na graduação e respondeu que no semestre vigente não lecionou na pós (sem referir média de oferta por semestre). Refuta ser seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 2. Não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação, apesar de sentir que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Mas refere que por outro lado, preocupações e problemas em casa não lhe prejudicam no trabalho. Assevera uma alimentação saudável e faz exercícios físicos regulares. Respondeu não possuir círculos de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana. Durante a semana trabalha 8 horas por dia. Respondeu tomar medicamento, mas assinalou “não” à pergunta sobre se tem algum problema de saúde (na entrevista posterior à aplicação do Questionário, revelou ter um problema de saúde físico comum à sua idade).

Q10f, divorciada, de 52 anos de idade e com 17 anos como docente na universidade. Leciona 2 disciplinas por semestre na graduação, respondeu não lecionar neste semestre na pós, sem indicar a média de oferta. Não considera ser seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 4. Não se sente mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Nega sentir que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa. Rejeita que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Respondeu que não tem uma alimentação saudável e que não faz exercícios físicos regulares. Refere possuir círculos de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana, e referiu trabalhar 12 horas por dia durante a semana. Afirma ter uma vida sedentária. Não toma medicamentos e nem apresenta problema de saúde.

Q11m, casado, 44 anos de idade, com 16 anos como docente na universidade. Leciona 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 3. Não considera sentir-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Confirma sentir que preocupações e problemas e no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Ainda, sente que preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho. Afirma ter uma alimentação saudável, mas “em termos” faz exercícios físicos regulares.

Nega possuir círculo de amigos ou familiares. “Em termos” trabalha nos finais de semana. Trabalha 8 horas por dia durante a semana e refere ter uma vida sedentária. Toma medicamento e indicou ter asma.

Q12f, solteira, 34 anos de idade, com 5 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. “Em termos” considera seu trabalho prejudicial à sua saúde. Foi identificado *stress* (fase de resistência). O *score* do SRQ-20 foi 12. Respondeu “em termos” sentir-se mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Descreve sentir que preocupações e problemas e no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Nega que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Afirma uma alimentação saudável e fazer exercícios físicos regulares. Possui círculos de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana, e durante a semana trabalha 9 horas por dia. Toma medicamento, mas não indicou ter problema de saúde (apesar do SRQ-20 de *score* alto e a identificação do *stress* em fase de resistência).

Q13f, solteira, 47 anos de idade, com 15 anos como docente na universidade. Leciona 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Sustenta ser seu trabalho prejudicial à sua saúde, referiu que padece de enxaquecas fortes. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 9. Sente-se mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Informa sentir que preocupações e problemas e no trabalho prejudicam o clima dentro de casa, também preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho. Ratifica uma alimentação saudável. Refere fazer exercícios físicos regulares. Ainda, possuir círculo de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana. E durante a semana trabalha 8 horas por dia. Desconsidera ter uma vida sedentária. Toma medicamento, e como apontado, tem problema de saúde: “enxaqueca (incapacitante)”.

Q14m, casado, 41 anos de idade, com 9 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 4. “Em termos” sente-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Nega que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa, ou que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Indica ter uma alimentação saudável, além disso, faz exercícios físicos regulares. Possui círculo de amigos ou familiares e trabalha nos finais de semana. Trabalha 8 horas por dia durante a

semana. Nega tomar medicamento e refere ter problema de saúde: “colesterol alto (controlado)”.

Q15m, casado, 39 anos de idade, com 9 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Considera ser seu trabalho prejudicial à saúde. Confirmamos ter *stress* (fase de resistência). O *score* do SRQ-20 foi 11. Refere sentir-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Afirma que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Mas nega que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. “Em termos” referiu alimentação saudável. Não faz exercícios físicos regulares. Respondeu “em termos” à questão de possuir círculo de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana. Refere ainda trabalhar 15 horas por dia durante a semana. Respondeu que tem uma vida sedentária. Toma medicamento, mas negou ter problema de saúde (apesar de apresentar *stress* em fase de resistência, *score* alto do SRQ-20, alta carga de trabalho diário e ter considerado o trabalho prejudicial à saúde).

Q16m, casado, 60 anos de idade, com 13 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress*. O *score* do SRQ-20 foi 2. Não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação, e nem que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa. Informa que preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho. Refere ter uma alimentação saudável. Não faz exercícios físicos regulares. Possui círculos de amigos ou familiares. Nega trabalhar nos finais de semana. Durante a semana trabalha 6 horas por dia. Respondeu ter uma vida sedentária. Não toma medicamento e nem apresenta problema de saúde.

Q17m, casado, 56 anos de idade, com 32 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Apresenta *stress* (fase de resistência). O *score* do SRQ-20 foi 1. Nega sentir-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Não considera que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa, ou que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Assegura uma alimentação saudável, faz exercícios físicos regulares e possui círculo de amigos ou familiares. Respondeu “em termos” trabalhar nos finais de semana. Durante a semana

trabalha 8 horas por dia. Refere tomar medicamento e mencionar ter problema de saúde: “hipertensão”.

Q18m, não declarou estado civil e idade; encontra-se com 10 anos como docente na universidade. Leciona 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não apresenta *stress* e o *score* do SRQ-20 foi nulo (0 respostas “sim”). Não considera seu trabalho prejudicial à saúde e tampouco se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Não considera que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa, ou que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Assevera uma alimentação saudável, ademais faz exercícios físicos regulares. Possui círculo de amigos ou familiares. Respondeu “em termos” trabalhar nos finais de semana, e ainda, trabalhar 10 horas por dia durante a semana. Não toma medicamento e não apresenta problema de saúde.

Q19m, viúvo, 61 anos de idade, com 30 anos como docente na universidade. Instrui 1 disciplina por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não apresenta *stress* e teve *score* nulo (0) no SRQ-20. Não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação, nem tampouco que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa, ou vice-versa. Afirma ter alimentação saudável, assim como fazer exercícios físicos regulares. Possui círculo de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana. Durante a semana trabalha 8 horas por dia. Toma medicamentos e referiu problema de saúde: “hipertensão”.

Q20m, solteiro, 45 anos de idade, com 16 anos como docente na universidade. Ministra 1 ou 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 ou 2 na pós-graduação. Não apresenta *stress*. O SRQ-20 foi 5. “Em termos” considera seu trabalho prejudicial à saúde, mas nega sentir-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Ademais, não considera que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa, nem tampouco que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Refere que não tem uma alimentação saudável. Não faz exercícios físicos regulares. Confirma círculo de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana, e durante semana trabalha 8 horas por dia. Refere ter vida sedentária. Não toma medicamento e nem tem problema de saúde.

Q21m, casado, 59 anos de idade, com 1 ano como docente na universidade. Não declarou itens sobre quantas disciplinas leciona por semestre na graduação e na pós-graduação. Não apresenta *stress* e o SRQ-20 teve *score* nulo (0 respostas “sim”). Não

considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Confirma que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa. Mas refere que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Atesta alimentação saudável e “em termos” faz exercícios físicos regulares. Respondeu não ter círculo de amigos ou familiares. Ratifica trabalhar nos finais de semana. Não declarou quantas horas trabalha por dia durante a semana. “Em termos” aponta vida sedentária. Nega tomar medicamento e ter problema de saúde.

Q22m, casado, 41 anos de idade, com 10 anos como docente na universidade. Ministra 2 disciplinas por semestre na graduação e 1 na pós-graduação. Não apresenta *stress*. O SRQ-20 foi 4. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Sente-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Ademais, “em termos” considera que preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa, do mesmo modo, “em termos”, considera que preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho. Não tem alimentação saudável e não faz exercícios físicos regulares. Menciona possuir círculo de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana. E durante a semana trabalha 16 horas por dia. Não considera ter vida sedentária. Não toma medicamento e nem apresenta problema de saúde.

Q23m, casado, 56 anos de idade. Não declarou os seguintes itens: o tempo de trabalho como docente na universidade e quantas disciplinas lecionam por semestre na graduação e na pós-graduação. Não apresenta *stress* e o *score* do SRQ-20 foi nulo. Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Não se sente mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Não considera que preocupações e problemas no trabalho prejudiquem o clima dentro de casa, ou que preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Refere alimentação saudável e afirma fazer exercícios físicos regulares. Ademais possui círculo de amigos ou familiares. Não declarou se trabalha ou não nos finais de semana, nem tampouco quantas horas trabalha por durante a semana. Não toma medicamento e não apresenta problema de saúde.

Q24f, casada, 71 anos de idade, com 10 anos como docente na universidade. Leciona 1 disciplina por semestre na pós-graduação; no item horas de trabalho na graduação respondeu com número, mas com um traço (hífen). Não considera seu trabalho prejudicial à saúde. Apresenta *stress* (fase de resistência). O SRQ-20 foi *score* 5. Relata não se sentir mais nervosa desde seu ingresso no programa de pós-graduação. Sente que problemas e preocupações no trabalho prejudicam o clima dentro de casa, mas nega que

preocupações e problemas em casa lhe prejudiquem no trabalho. Afirma ter uma alimentação saudável e fazer exercícios regulares. Possui círculo de amigos ou familiares. Trabalha nos finais de semana, e durante a semana trabalha 10 horas por dia. Respondeu ter uma vida sedentária. Toma medicamentos e apresenta “alguns problemas crônicos” de saúde, que segundo sua resposta, estão “sob controle”, a saber: “pressão alta controlada com medicamentos, arritmia controlada com medicamentos”.

Observam-se acima sínteses e variações em relação às respostas do número de horas trabalhadas. Existe uma predominância de sujeitos que trabalham nos fins de semana. Há variação quanto ao fato de o trabalho ser ou não prejudicial à saúde ou ainda, se problemas no trabalho prejudicam o clima em casa e vice-versa. Predomina, quando se aponta estes dois últimos problemas, a assunção de que são os problemas do trabalho que mais influenciam ou prejudicam o clima em casa do que o inverso. Tais respostas serão mais bem comparadas no item quatro deste capítulo (demais dados do Questionário), assim como no item final (correlações dos dados do Questionário). Algumas respostas aparentam incoerência, como referir que tem problema de saúde, mas não toma remédio, ou que toma remédio, mas não tem problema de saúde; ou ainda, referir que não tem problema de saúde, mas termos identificado *score 7* ou mais no SRQ-20 e/ou termos identificado *stress* em fase de resistência. Alguns dos participantes que trabalham tanto no final de semana como mais de 8h diárias durante a semana, não apresentam *stress*, dados estes que serão mais bem elucidados neste capítulo, como no Capítulo IV “Dados e Análises das Entrevistas”. A seguir, abordaremos, nos itens 3.3 e 3.4, os dados do ISSL e do SRQ-20.

3.3. Dados do Inventário de Sintomas de *Stress* para adultos de Lipp (ISSL)

A porcentagem de docentes universitários da pesquisa com *stress* foi verificada por meio do Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL). Como antes já referido, os dados foram coletados junto ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação de excelência de uma renomada Universidade pública. O ISSL integrou o Questionário respondido pelos docentes, no qual se inseriram o SRQ-20 e outras questões elaboradas sobre saúde e trabalho, adaptadas da Tese de Doutorado de Silva (2005).

No Gráfico 3.9 e o Quadro 3.1 referem-se aos 24 docentes-orientadores aos quais foi aplicado o Questionário que incluía a avaliação sobre *stress* (ISSL). Apresentamos os percentis de docentes (homens e mulheres) com *stress* (por fases) e sem *stress*. Dentre os 24 participantes, verificou-se um total de 8 docentes com *stress* (33.33%) e de 16 docentes

sem *stress* (66.67%). Da totalidade dos 8 docentes estressados, 7 apresentaram *stress* em fase de resistência, e 1 em fase de quase-exaustão.



Gráfico 3.9 - Estressados (por fases): 29.17% (fase resistência) + 4.17% (fase quase exaustão) = **33.33%** - **Não estressados (66.75%)**.

QUADRO 3.1

Números absolutos e percentis gerais de docentes com *stress* e suas fases e docentes sem *stress*

Total de Questionários	Docentes sem <i>stress</i>	Docentes com <i>stress</i>	Fase de Alerta	Fase de Resistência	Fase Quase Exaustão	Fase de Exaustão
24 (100%)	16 (66.67%)	8 (33.33%)	0 (0%)	7 (29.17%)	1 (4.17%)	0 0%

Na amostra geral de 24 docentes (composta por 8 mulheres e 16 homens), 8 foram identificados(as) como estressados(as) (33.33%), sendo 5 mulheres estressadas (20,83% do total da amostra) e 3 homens estressados (12,5% do total da amostra) (obs.: 20,83% + 12,5% = 33,33%).

Deste modo, dada a diferença do número de participantes por gênero da amostra de 24 participantes, faz-se necessário se contrapor o percentil geral dos 8 ou 33.33% de sujeitos estressados (homens e mulheres), aos percentis específicos dos grupos de estressados (3 homens) e estressadas (5 mulheres).

Conforme apresentamos no Gráfico 3.10, relativo ao grupo de 8 mulheres, haviam 5 mulheres estressadas (62.50%) e 3 não estressadas (37.50%) dentre o total de 8 sujeitos (homens e mulheres) estressados(as). Podemos indicar, haver as mesmas 5 mulheres estressadas dentre as 8 participantes mulheres que compuseram a amostra de 24 participantes - alertamos, assim que 8 foi o número total de estressados(as) da amostra, ou 33.33%, como também o número de mulheres que participaram da pesquisa, dentre os 24 ou 100% dos participantes (o que nos indica, como já apontado, que as 5 mulheres estressadas corresponderiam a 20.83% do total de 24 participantes da amostra).

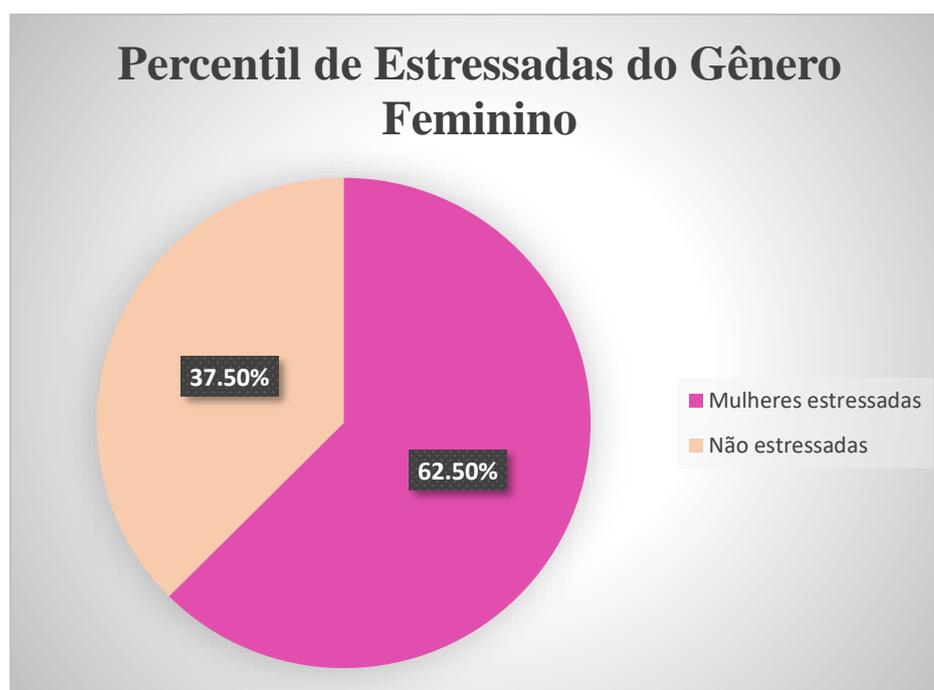


Gráfico 3.10 – Percentil de Estressadas do Gênero Feminino

Conforme apresentamos no Gráfico 3.11, relativo ao grupo de 16 homens, haviam 3 homens estressados (18.75%) e 13 não estressados (81.25%) dentre o total de 8 sujeitos (homens e mulheres) estressados(as). Se fôssemos considerar o total da amostra, de 24 participantes, conforme já apontado antes dos percentis de estressados por gênero dos Gráficos 3.10 e 3.11, o número de 3 participantes homens estressados seria de 12.5%.

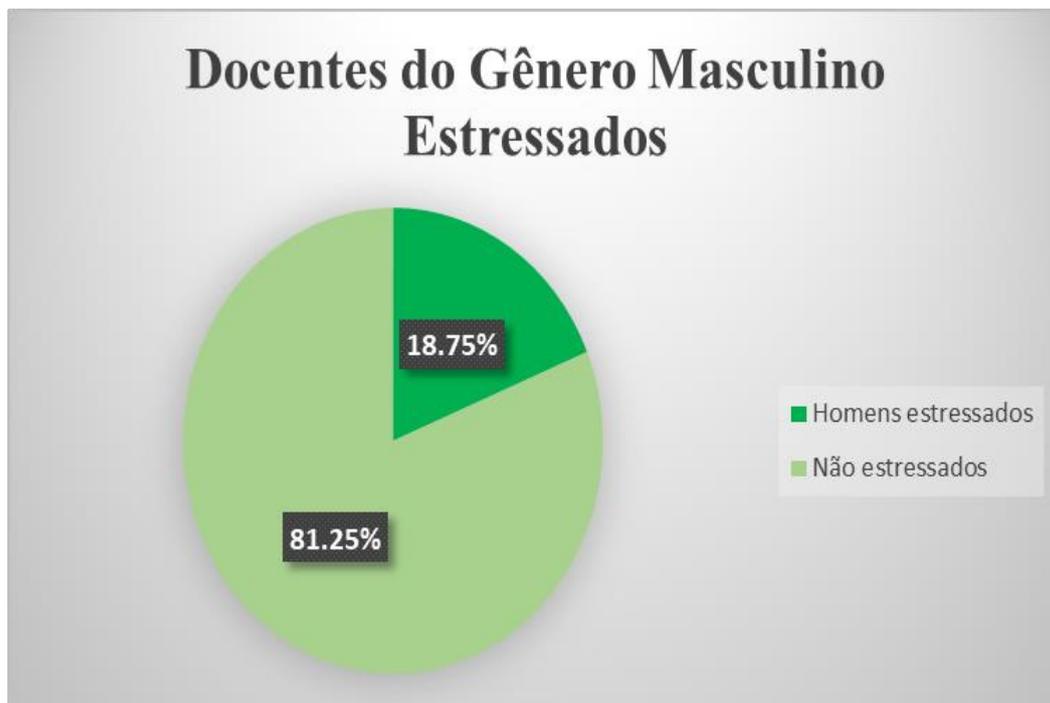


Gráfico 3.11 – Percentil de Estressados do Gênero Masculino.

A seguir, o Quadro 3.1, identificamos os 24 sujeitos por códigos, de modo a permitir identificar condição de gênero e existência ou ausência do *stress*; nos casos positivos: a qual fase se vincula (Alerta, Resistência, Quase Exaustão e Exaustão); os principais tipos de sintomas: físicos e psicológicos. Assim, a sistematização destes dados, foi aplicado o método científico, conforme diretrizes do Manual do Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos (ISSL), desenvolvido por Marilda Lipp. As porcentagens dos sintomas físicos (F1) e psicológicos (P1) foram calculadas com base nos *scores* brutos (SB) de cada uma das fases (Alerta; Resistência; Quase Exaustão; Exaustão), tal como preconiza o referido Manual.

QUADRO 3.2

Avaliação do *Stress*: percentis das fases e sintomas

No. de questionário	FASE DE ALERTA			FASE DE RESISTENCIA			FASE DE EXAUSTÃO			Tem stress?		Tipo de sintoma principal	
	Quadro 1			Quadro 2			Quadro 3			Sim	Não	Físico	Psicolog.
	F1 (%)	P1 (%)	SB (%)	F2 (%)	P2 (%)	SB (%)	F3 (%)	P3 (%)	SB (%)				
Q1f	0	0	0	0	0	0	8	0	0		X		
Q2m	91	33	67	70	60	58	58	72	47	X		X	
Q3m	0	0	0	0	0	0	8	0	0		X		
Q4f	8	0	0	30	40	8	8	18	0	X			X
Q5f	0	0	0	20	40	8	8	18	0	X			X
Q6f	18	0	0	30	40	17	0	27	0	X			X
Q7m	0	0	0	10	0	0	0	0	0		X		
Q8m	16	0	0	10	0	0	0	9	0		X		
Q9m	0	0	0	10	20	0	0	18	0		X		
Q10f	16	0	0	30	0	0	0	9	0		X		
Q11m	0	0	0	0	0	0	8	9	0		X		
Q12f	58	0	11	60	40	42	41	45	13	X		X	
Q13f	8	0	0	20	0	0	16	27	0		X		
Q14m	8	0	0	10	20	0	16	18	0		X		
Q15m	25	100	0	20	66	8	8	45	0	X			X
Q16m	0	66	10	10	20	0	8	0	0		X		
Q17m	25	0	0	30	20	8	16	18	0	X		X	
Q18m	0	0	0	0	0	0	0	0	0		X		
Q19m	0	0	0	10	0	0	8	0	0		X		
Q20m	0	33	0	10	0	0	0	18	0		X		
Q21m	0	0	0	0	0	0	0	0	0		X		
Q22m	0	0	0	0	0	0	8	0	0		X		
Q23m	0	0	0	0	0	0	0	0	0		X		
Q24f	16	0	0	60	0	25	8	9	0	X		X	

Dentre dos docentes estressados, 1 dos 8 docentes, o caso **Q2m**, corresponde a 4.16% do total de 24 sujeitos da amostra (Quadro 2). Este apresenta **stress em fase de quase exaustão**. A porcentagem do valor do *score* bruto da fase de quase exaustão, conforme Manual de Lipp é de 47%. O mesmo apresenta sintomatologia física como a manifestação principal do *stress*.

Os demais 7 docentes estressados (29.17%) apresentam **stress em fase de resistência** (os *scores* brutos da fase de resistência, segundo Manual de Lipp, dos questionários **Q4f**, **Q5f**, **Q6f**, **Q12f**, **Q15m**, **Q17m** e **Q24f** são respectivamente: 8%, 8%, 17%, 42%, 8%, 8% e 25%). Nesses casos, 3 deles (12,5%) apresentam o percentil do valor predominância da sintomatologia física, e os outros 4 docentes (16.6%) apresentam sintomatologia psicológica como manifestações principais do *stress*.

Não foi identificado nenhum professor com *stress* nas fases de Alerta e de Exaustão. Mais adiante, detalharemos melhor.

3.4. Dados sobre o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ20)

Neste estudo prospectivo de abordagem quantitativa, realizado com os docentes, como havíamos apontado, se utilizou como um dos instrumentos de coleta de dados, inserido na Parte B do Questionário (item 1), uma versão adaptada do *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ20), criado por Harding et. al. (1980). Este tem sido utilizado para mensuração e rastreamento de Transtornos Mentais Comuns (TMC).

Os TMCs são considerados distúrbios mentais não psicóticos. A versão brasileira adaptada (PALÁCIOS, JARDIM, RAMOS, SILVA FILHO, 1997) compreende de 20 questões de tipo sim/não, das quais quatro são sobre sintomas físicos, e 16 sobre distúrbios psicoemocionais. A aplicação do SRQ-20 é validada em diversos países do mundo. Sendo que, no Brasil, a avaliação do desempenho do SRQ-20 ainda é relativamente restrita.

As 20 perguntas do SRQ-20 são as seguintes:

1. Tem dores de cabeça frequente?
2. Tem falta de apetite?
3. Dorme mal?
4. Assusta-se com facilidade?
5. Tem tremores nas mãos?
6. Sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)?
7. Tem má digestão?
8. Tem dificuldade de pensar com clareza?
9. Tem-se sentido triste ultimamente?
10. Tem chorado mais do que costume?
11. Tem dificuldade de realizar com satisfação atividades diárias?
12. Tem dificuldades para tomar decisões?
13. Seu trabalho é penoso, difícil ou lhe causa sofrimentos?
14. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?
15. Tem perdido o interesse pelas coisas?
16. Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?
17. Tem tido ideia de acabar com a vida?
18. Sente-se cansado o tempo todo?
19. Você se cansa com facilidade?
20. Tem sensações desagradáveis no estômago?

Julgou-se importante traçar o perfil dos docentes afetados pelos Transtornos Mentais Comuns (TMC), posteriormente realizar entrevistas semiestruturadas, predominantemente com os que tivessem *score* indicativo de tais transtornos (7 ou mais assinalamentos “sim” às perguntas) e/ou *stress*. Sem embargo, com as entrevistas é possível melhor elucidar e compreender a psicodinâmica relacionada a tais processos de *stress* e/ou adoecimento. Ainda, identificar tais transtornos nos servidores pode contribuir para construção de estratégias de manutenção da integridade da saúde mental destes trabalhadores.

Apresentamos, no Gráfico 3.12, o resultado geral dos dados do SRQ-20 na amostra dos 24 docentes:

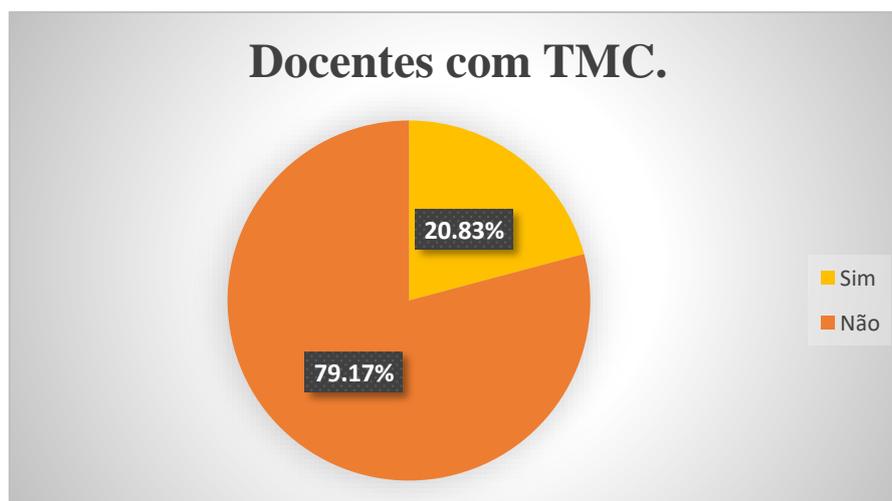


Gráfico 3.12 – Percentis dos Docentes **Com** e **Sem** Transtornos Mentais Comuns (TMC)

Verificou-se que, um total de 24 docentes, 19 (79,17%) sem TMC, e 5 docentes (20,83%) como suspeitos de TMC.

Depois, no Gráfico 3.13 é exibida a distribuição das respostas” Sim” dos professores em relação a cada uma das 20 questões:

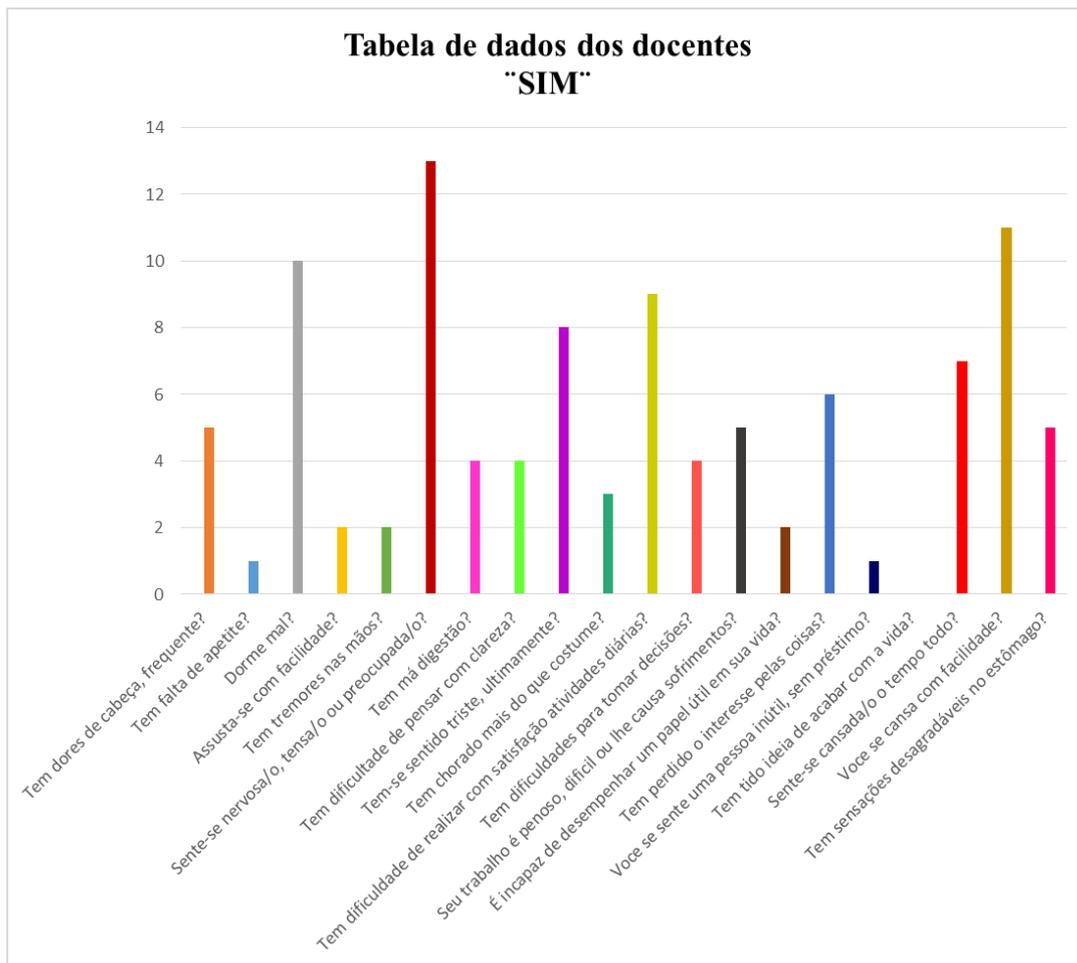


Gráfico 3.13- Percentis dos docentes: Respostas SIM aos 20 itens do SRQ-20

Os entrevistados (Gráfico 3.13) deram respostas em graus variados, positivas e negativas às vinte perguntas do SRQ-20. Como se evidencia, a maior barra estatística diz respeito à questão “sente-se nervoso, tenso ou preocupado”. Seguida de: “você se cansa com facilidade” e “dorme mal”; ou seja, justamente itens relacionáveis diretamente ao *stress* (que no ISSL são indicados como irritabilidade, cansaço e insônia). “Além destas três respostas mais assinaladas, se destacaram, num segundo bloco: “tem dificuldade de realizar com satisfação atividades diárias”; tem se sentido triste ultimamente”; “sente-se cansado o tempo todo”; “tem perdido interesse pelas coisas”. O que nos dá dicas relativas a possíveis causas de transtornos mentais comuns relacionadas à atividade por excelência do ser social (o trabalho), sendo cabível pensar sua associação tanto com o *stress* como com o humor depressivo (“perda do interesse pelas coisas”). Ainda, no terceiro bloco temos: “tem dores de cabeça frequentes”; “seu trabalho é penoso, difícil ou lhe causa sofrimento” e “tem sensações desagradáveis no estômago”. Novamente uma questão

relacionada ao trabalho e duas outras aos aspectos físicos (dor de cabeça) e psicológicos ou psicossociais (sofrimento).

Podemos considerar que cada conjunto de perguntas menciona determinados aspectos específicos de distintos TMCs. Alguns relacionáveis a sintomas de humor, outros a mescla de componentes depressivo-ansiosos, assim como podemos apontar para sintomas indicativos de decréscimo de energia vital e sintomatologia física. Por conseguinte, à síndrome de adaptação (SELYE, 1965) ou dialética do desgaste biopsíquico e sócio institucional (SILVA, 2005), isto é, ao *stress*.

QUADRO 3.3

Respostas positivas aos itens do SRQ agrupadas, idades e gênero

Humor depressivo-ansioso	Número de respostas "sim"	Idade, número e percentil do item mais assinalado	Gênero
Sente-se nervoso, tenso ou preocupado?	13	30-50 anos, 6 docentes (25.00%); 51-+60 anos, 4 docentes (16.66%), e ND, 3 docentes (12.50%)	Feminino 6; Masculino 7
Assusta-se com facilidade?	2		
Sente-se triste ultimamente?	8		
Tem chorado mais do que costume?	3		
Sintomas somáticos			
Tem dores de cabeça, frequentemente?	5		
Você dorme mal?	10	30-50 anos, 8 docentes (33,3%); 51- +60 anos, 2 docentes (8.3%)	Feminino 3; Masculino 7
Tem sensações desagradáveis no estomago?	5		
Tem má digestão?	4		
Você tem falta de apetite?	1		
Tem tremores nas mãos?	2		
Decréscimo de energia vital			
Você se cansa com facilidade?	11	30-50 anos, 6 docentes (25%); 51- +60 anos, 4 docentes (16.67%); e ND, 1 docente (4.17%)	Feminino 5; Masculino 6
Tem dificuldade em tomar decisão?	4		
Tem dificuldade de realizar com satisfação atividades diárias?	9		
Seu trabalho é penoso, difícil ou lhe causa sofrimentos?	5		
Sente-se cansado o tempo todo?	7		
Tem dificuldade de pensar com clareza?			
Pensamentos depressivos			
É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	2		
Tem perdido o interesse pelas coisas?	6	30-50 anos, 4 docentes (16.67%); e ND, 2 docentes (8.34%)	Feminino 3; Masculino 3
Tem pensado em dar fim à sua vida?	0		
Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	1		

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: ND = não declaram.

Outra sistematização que fizemos, foi no sentido de organizar as repostas, desta feita não pelo conjunto de especificidades dos distintos TMCs, mas sim em relação a cada

um dos 24 sujeitos. As Quadros a seguir expressam essa organização no tocante as 20 perguntas do SRQ-20:

QUADRO 3.4

Perguntas do SRQ-20 – Respondentes Q1 a Q24

No. de questionário	Tem dores de cabeça?		Tem falta de apetite?		Dorme mal?		Assusta-se com facilidade		Tem tremores nas mãos?		Sente-se nervos@, tens@ ou preocupad@?		Tem má digestão?	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Q1f		X		X		X		X		X		X		X
Q2m	X		X		X		X		X		X			X
Q3m		X		X	X			X		X		X		X
Q4f		X		X		X		X		X	X		X	
Q5f		X		X		X		X		X	X			X
Q6f	X			X		X		X		X	X			X
Q7m		X		X		X		X		X	X			X
Q8m	X			X		X		X		X		X		X
Q9m		X		X		X		X		X	X			X
Q10f	X			X		X		X		X	X			X
Q11m		X		X	X			X		X	X			X
Q12f		X		X	X		X		X		X		X	
Q13f	X			X	X			X		X	X		X	
Q14m		X	X		X			X		X		X		X
Q15m		X		X	X			X		X	X			X
Q16m		X		X		X		X		X		X		X
Q17m		X		X		X		X		X	X			X
Q18m		X		X		X		X		X		X		X
Q19m		X		X				X		X		X		X
Q20m		X		X	X			X		X	X			X
Q21m		X		X		X		X		X		X		X
Q22m	X			X	X			X		X	X			X
Q23m		X		X		X		X		X		X		X
Q24f		X		X	X			X		X		X	X	
Total	6	18	1	23	10	14	2	22	2	22	14	10	4	20

No. de questionário	Tem dificuldade de pensar com clareza?		Tem-se sentido triste, ultimamente?		Tem chorado mais do que costume?		Tem dificuldade de realizar com satisfação atividades diárias?		Tem dificuldades para tomar decisões?		Seu trabalho é penoso, difícil ou lhe causa sofrimentos?		É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Q1f		X		X		X		X		X		X		X
Q2m	X		X		X		X		X		X		X	
Q3m		X		X		X		X		X		X		X
Q4f	X		X			X		X		X		X		X
Q5f		X	X			X	X			X		X		X
Q6f		x		x		X		X	X			X		X
Q7m		X		X		X		X		X		X		X
Q8m		X		X		X		X	X			X		X
Q9m		X	X			X		X		X		X		X
Q10f		X		X		X	X			X	X			x
Q11m		X	X			X		X		X		X		X
Q12f	X		X			X	X			X	X			X
Q13f	X			X		X	X		X		X			X
Q14m		X		X		X	X			X		X		X
Q15m		X	X		X		X				X		X	
Q16m		X	X			X		X		X		X		X
Q17m		X		X		X		X		X		X		X
Q18m		X		X		X		X		X		X		X
Q19m		X		X		X		X		X		X		X
Q20m		X		X	X		X			X		X		X
Q21m		X		X		X		X		X		X		X
Q22m		X		X		X		X		X		X		X
Q23m		X		X		X		X		X		X		X
Q24f		X		X		X	X			X		X		X
Total	4	20	8	16	3	21	9	15	4	20	5	19	2	22

No. de questionário	Tem perdido o interesse pelas coisas?		Voce se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?		Tem tido ideia de acabar com a vida?		Sente-se cansado o tempo todo?		Voce se cansa com facilidade?		Tem sensações desagradáveis no estômago ?		Sim	Não
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não		
Q1f		X		X		X		X	X			X	1	19
Q2m	X		X			X	X		X		X		17	3
Q3m		X		X		X		X		X		X	1	19
Q4f		X		X		X	X		X		X		7	13
Q5f	X			X		X		X		X		X	4	16
Q6f	X			X		X	X		X			X	6	14
Q7m		X		X		X		X		X		X	1	19
Q8m		X		X		X	X		X			X	4	16
Q9m		X		X		X		X		X		X	2	18
Q10f		X		X		X		X		X		X	4	16
Q11m		X		X		X		X		X		X	3	17
Q12f	X			X		X	X		X		X		12	8
Q13f		X		X		X		X		X	X		9	11
Q14m	X			X		X		X	X			X	4	16
Q15m	X			X		X	X		X			X	11	9
Q16m		X		X		X		X	X			X	2	18
Q17m		X		X		X		X		X		X	1	19
Q18m		X		X		X		X		X		X	0	20
Q19m		X		X		X		X		X		X	0	20
Q20m		X		X		X		X	X			X	5	15
Q21m		X		X		X		X		X		X	0	20
Q22m		X		X		X		X		X	X		4	16
Q23m		X		X		X		X		X		X	0	20
Q24f		X		X		X	X		X			X	5	15
Total	6	18	1	23	0	24	7	17	11	13	5	19		

Fonte: elaborada pela autora.

3.5. Demais dados do Questionário.

3.5.1 – Quadro dos dados sobre oito situações de trabalho (item II da parte B do questionário).

Apresentam-se os dados relativos à parte B do questionário - Saúde, trabalho e família, item II (vide Apêndice). A distribuição dos assinalamentos nos apontou para importantes direções de análise, fornecendo-nos boas pistas para compreensão qualitativa e dinâmica do fenômeno *stress*, assim como para sua recapitulação teórica e conceitual.

No Quadro 3.5 mostramos a distribuição dos assinalamentos, por alternativas fornecidas, tanto em números absolutos como em valores percentuais.

Quadro 3.5

Situações vivenciadas no trabalho

No. de questionário	Realização	Satisfação	Exitação	Irritação	Conflito	Agressividade	Frustração	Sofrimento
Q1f	X	X		X			X	
Q2m	X	X		X	X	X	X	X
Q3m		X		X				
Q4f	X	X						
Q5f	X	X						
Q6f		X		X			X	
Q7m	X	X		X				
Q8m	X	X						
Q9m		X						
Q10f	X	X		X			X	
Q11m	X			X				
Q12f				X	X			X
Q13f	X				X			
Q14m		X		X	X			
Q15m					X	X	X	
Q16m	X	X						
Q17m	X	X						
Q18m	X	X						
Q19m	X	X						
Q20m	X	X	X	X			X	
Q21m	X	X						
Q22m	X	X			X			
Q23m	X	X	X					
Q24f	X	X						
Total	18	20	2	10	6	2	6	2
%	75.0	83.3	8.3	41.7	25.0	8.3	25.0	8.3

Fonte: elaborada pela autora.

No Quadro 3.5, os dados obtidos sobre as principais situações vivenciadas no trabalho e suas causas, conforme respostas dos 24 docentes, revelaram o seguinte:

Nos aspectos positivos, as alternativas mais respondidas foram: “satisfação”, 20 docentes (83.3%); “realização”, 18 docentes (75%). Prevaleram com porcentagens maiores, em comparação às outras situações de trabalho.

Entretanto, houve assinalamentos relativos às situações de trabalho desfavoráveis. O aspecto negativo mais assinalado, foi a “irritação”, referida por 10 docentes (43.6%). Um quarto dos docentes, assinalaram a opção “conflito”, 6 docentes (25%), outro quarto assinalou “frustração”.

Houveram casos de sujeitos identificados como estressados, que mencionaram as seguintes situações no cotidiano de trabalho cujos resultados de percentagens foram iguais, tais como: “agressividade”, 2 docentes (8.3%), “sofrimento”, 2 (8.3%), e “excitação” 2 docentes (8.3%).

Os sujeitos **Q20m** e **Q23m** responderam principalmente aspectos positivos, como “satisfação”, “realização”, entre outros. Além disso, indicaram aspectos negativos, como “irritação” e “frustração” (sujeito Q20m) e “excitação” (ambos). Vale ressaltar que a excitação, embora possa ser prazerosa, também pode ser geradora de *stress*.

O que se verifica é que 13 respondentes assinalaram, somente, aspectos positivos. Depois 9 assinalaram ambos aspectos, positivos e negativos. Portanto, fica para melhor elucidar nas entrevistas, a aparente contradição de respostas que indicam, por exemplo, satisfação e frustração (sujeitos números 1, 2, 6, 10 e 20). Ademais, há dois sujeitos (12 e 15) que assinalaram aspectos negativos. Destaca-se que 10 sujeitos dos 24 assinalaram “irritação”, 6 “conflito” e 6 “frustração”. Embora, predominem assinalamentos de aspectos positivos, é significativo o número de respostas negativas que não podem ser desconsideradas. Retomaremos tal questão na análise das entrevistas, sendo que do ponto de vista teórico, se relaciona ao par contraditório prazer-sofrimento (DEJOURS, 2004a, 2004b). Como veremos no capítulo seguinte, muitas vezes a questão da frustração se relaciona aos conflitos e discordâncias nas relações de trabalho.

3.5.2 - Dados sobre trabalho, saúde e vida familiar (item III da parte B do questionário):

A análise quantitativa das 11 perguntas do item III da parte B foi construída pelo orientador e a orientanda. As perguntas eram afirmativas que podiam ser respondidas com “sim”, “não” ou “em termos”. Por meio destas pudemos mapear alguns aspectos pessoais, psicossociais, familiares e conjugais e suas relações com o trabalho.

As afirmações eram as seguintes, que ora numeramos para que o leitor melhor acompanhe os dados a ser apresentados nos Quadros:

1. Você considera seu trabalho prejudicial à sua saúde?
2. Sente-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação?
3. Eventuais preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa?

4. Eventuais preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho?
5. Alimenta-se de forma saudável?
6. Você faz exercícios físicos regulares?
7. Você possui círculo de amigos ou familiares com quem se relaciona regularmente?
8. Você trabalha nos finais de semana?
9. Você considera sua vida sedentária?
10. Toma medicamento diariamente?
11. Você está com algum problema de saúde?

As afirmações e respostas assinaladas apresentaram variações. Na questão 1, “Você considera seu trabalho prejudicial à sua saúde”, somente dois sujeitos, **Q13f** e **Q15m** responderam “sim”. Mas 5 indicaram “em termos”. Na questão sobre uso de medicamento e problema de saúde, o “sim” foi respectivamente assinalado por 11 e 9 sujeitos. Além disso, destacamos que nas questões 3 e 4, o “sim” e o “não” foram assinalados por, respectivamente, 11 e 15 sujeitos. Quer dizer, que a metade afirma que os problemas no trabalho prejudicam as relações familiares, ao passo que os problemas familiares não são considerados pela maioria, 15 sujeitos, como prejudiciais ao trabalho. Ainda, destacamos que 15 docentes responderam “sim” à afirmação de que trabalham nos fins de semana. Assim mesmo, retomaremos na análise das entrevistas, mas podemos considerar de pronto que há um número significativo de docentes que trabalham nos finais de semana, apresentam problemas de saúde, usam medicamentos e consideram o trabalho prejudicial às relações familiares. Apesar da referida resposta da questão 1 e de respostas no geral mais positivas “em termos” de alimentação, exercícios físicos e círculo de amigos.

QUADRO 3.6

DADOS DA PARTE B do QUESTIONÁRIO (item 3)

No de Questionário	Pergunta 1			Pergunta 2			Pergunta 3			Pergunta 4			Pergunta 5			Pergunta 6		
	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos
Q1f			X		X			X			X			X	X			
Q2m			X		X		X				X			X	X			
Q3m		X			X		X			X			X					X
Q4f		X			X			X	X			X					X	
Q5f		X			X		X			X			X		X		X	
Q6f			X		X		X				X		X			X	X	
Q7m		X			X		X			X			X			X	X	
Q8m		X			X		X			X			X			X	X	
Q9m		X			X		X			X			X			X		
Q10f		X			X		X			X			X			X	X	
Q11m		X			X		X			X			X					X
Q12f			X		X		X			X			X			X		
Q13f	X			X			X			X			X			X		
Q14m		X			X		X			X			X			X		
Q15m	X				X		X			X			X		X		X	
Q16m		X			X		X			X			X			X	X	
Q17m		X			X		X			X			X			X		
Q18m		X			X		X			X			X			X		
Q19m		X			X		X			X			X			X		
Q20m			X		X		X					X		X			X	
Q21m		X			X		X			X			X					X
Q22m		X			X			X				X		X			X	
Q23m		X			X		X			X			X			X		
Q24f		X			X		X			X			X			X		
Total	2	17	5	1	20	3	11	11	2	5	15	4	16	5	3	12	9	3
%	8.333	70.83	20.8333	4.167	83.33	12.5	45.83	45.83	8.33333	20.83	62.5	16.6667	66.67	20.83	12.5	50	37.5	12.5

No de Questionário	Pergunta 7			Pergunta 8			Pergunta 9			Pergunta 10			Pergunta 11		
	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos	Sim	Não	Em termos
Q1f	X			X				X			X		X		
Q2m	X					X		X		X			X		
Q3m	X					X			X		X			X	
Q4f	X				X		X				X			X	
Q5f	X			X				X		X			X		
Q6f			X			X		X			X			X	
Q7m		X				X		X		X			X		
Q8m		X		X					X		X			X	
Q9m		X		X				X		X				X	
Q10f	X			X			X				X			X	
Q11m		X				X	X			X			X		
Q12f		X		X				X		X				X	
Q13f	X			X				X		X			X		
Q14m	X			X				X			X		X		
Q15m			X	X			X			X				X	
Q16m	X				X		X				X			X	
Q17m	X					X		X		X			X		
Q18m	X					X		X			X			X	
Q19m	X			X				X		X			X		
Q20m	X			X			X				X			X	
Q21m		X		X		X			X		X			X	
Q22m	X			X				X			X			X	
Q23m	X			X				X			X			X	
Q24f	X			X			X			X			X		
Total	16	6	2	15	2	8	7	14	3	11	13	0	9	15	0
%	66.67	25	8.33333	62.5	8.333	33.3333	29.17	58.33	12.5	45.83	54.17	0	37.5	62.5	0

Fonte: elaborada pela autora.

No Quadro de acima, notamos os dados a maior porcentagem de resposta “não”, na segunda pergunta (sente-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação?). Foram 20 docentes (83.33%). Somente 1 docente (4.16%) respondeu “sim” e três (12.5%) “em termos”.

Na primeira pergunta (considera seu trabalho prejudicial à sua saúde?), como comentado, vários docentes responderam “não”: mais precisamente, dezessete (70.83%). Dois (8.3%) deles responderam “sim” e cinco (20.83%) “em termos”.

Dados positivos sobre alimentação e sociabilidade encontram-se em mais da metade dos respondentes: na quinta pergunta (alimenta-se de forma saudável?), dezesseis (66.7%) responderam “sim”, cinco (20.83%) “não”, três (12.5%) “em termos”; e na sétima pergunta (possui círculo de amigos ou familiares com quem se relaciona regularmente?) dezesseis (66.7%) “sim”, seis (25%) “não”, dois (8.3%) “em termos”.

De mesma forma, na oitava pergunta (trabalha nos finais de semana?), quinze (62.5%) responderam “sim”, dois (8.3%) “não”, oito (33.3%) “em termos”; e no caso, da nona pergunta (considera sua vida sedentária?) responderam quatorze (58.3%) “não”, sete (29,16%) “sim”, três (12,5%) “em termos”.

Como antecipamos, mais do que a metade das respostas dos trabalhadores foram negativas na pergunta quatro (eventuais preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho?): quinze docentes (62.5%) responderam “não”, cinco (20.83%) “sim”, quatro (16.67%) “em termos”; e na décima primeira pergunta (está com algum problema de saúde?) quinze (62.5%) “não”, mas nove (37.5%) “sim”.

Metade dos docentes, 12, assinalaram, na sexta pergunta (faz exercícios físicos regulares?) “sim”, nove (37.5%) “não” e três (12.5%) “em termos”. Porém, pouco mais da metade de respostas de docentes na décima pergunta, relativa a uso de medicamento, 13 (54.2%) indicaram “não”, e onze (45.83%) “sim”.

Na terceira pergunta (eventuais preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa?), onze (45.83%) “sim”, onze (45.83%) “não”, dois (8.3%) “em termos”.

No final dos questionários, solicitamos que cada docente respondesse se disporia a conceder entrevista para aprofundar as questões respondidas, dez (41.6%) docentes responderam “sim” e quatorze (58.3%) “não”.

A seguir, apresentaremos algumas correlações do conjunto de dados do Questionário apresentados até aqui.

3.6 - Correlações dos dados do Questionário

Neste item apresentamos novos Quadros e cruzamentos de dados, de modo a indicar algumas de suas correlações, e apresentar conclusões da análise do Questionário.

3.6.1 - Correlações dos dados do ISSL e SRQ-20:

Primeiramente apresentaremos sistematizações que aglutinam dados do ISSL e do SRQ-20. O Quadro 3.8 amostras em cada um dos sujeitos da pesquisa, indicados pelo código correspondente (no qual “f” diz respeito às mulheres e “m” aos homens), que apresentam *stress*, em qual fase, sintoma prevalente (psicológico ou físico) e se tem ou não indício de transtorno mental comum (TMC).

Neste estudo, se definiu como nota de corte do SRQ-20 (indicador de TMC) o *score* 7 ou mais. Como mencionado anteriormente dos 24 sujeitos, 8 apresentavam *stress* e 5 *scores* igual ou maior que 7 no SRQ-20 (**Q4f** *score* 7; **Q2m** *score* 17; **Q12f** *score* 12; **Q13f** *score* 9; e **Q15m** *score* 11).

Na maior parte dos 5 casos com *score* 7 ou mais no SRQ-20, os sujeitos apresentavam *stress*, precisamente, 4 deles: 3 deles na fase de “resistência” (**Q4f**, **Q12f** e **Q15m**) e 1 na fase “quase-exaustão” (**Q2m**). Dentre estes casos, o único que não apresentava *stress* era o sujeito **Q13f**. Mas vale ressaltar que esta professora assinalou nas partes II (sintomas experimentados na última semana) e III (sintomas apresentados no último mês) do ISSL, *scores*, respectivamente, 2 (*score* para indicar *stress* em fase de resistência seria 3 ou mais) e 5 (*score* para indicar *stress* em fase de exaustão seria 8 ou mais). Isto significa uma condição perto do limite, mas não suficiente, para indicação de *stress*, conforme os critérios do ISSL.

Portanto, a condição de TMC se associa à condição de *stress*. O inverso não se verificou com a mesma grandeza: do total de 8 sujeitos com *stress*, metade não apresentava TMC (**Q5f**, **Q6f**, **Q17m** e **Q24f**). Não obstante, não é desprezível o fato de que a outra metade dos estressados (**Q2m**, **Q4f**, **Q12f** e **Q15m**) apresentava indicativo de TMC. O dado sugere que há uma tendência de que estressados possam desenvolver formas de adoecimentos reconhecidamente explicitados em códigos de diagnósticos, ainda que isto não necessariamente ocorra. Visto que, no Capítulo 1, o *stress* é uma síndrome de adaptação, e não uma doença. Síndrome esta que torna o sujeito propenso, porém, ao adoecimento.

QUADRO 3.7

STRESS, FASES E TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM DOCENTES.

Sujeitos da pesquisa (Q1 a Q24; feminino (f); masculino (m))	Apresenta stress?	Se sim, qual fase?	Prevalecem sintomas psicológicos ou físicos?	Apresenta Transtorno Mental Comum?
Q1f	Não	-	-	Não
Q2m	Sim	Quase Exaustão	Físico	Sim *17
Q3m	Não	-	-	Não
Q4f	Sim	Resistencia	Psicológico	Sim *7
Q5f	Sim	Resistencia	Psicológico	Não
Q6f	Sim	Resistencia	Psicológico	Não
Q7m	Não	-	-	Não
Q8m	Não	-	-	Não
Q9m	Não	-	-	Não
Q10f	Não	-	-	Não
Q11m	Não	-	-	Não
Q12f	Sim	Resistencia	Físico	Sim *12
Q13f	Não	-	-	Sim *9
Q14m	Não	-	-	Não
Q15m	Sim	Resistencia	Físico	Sim *11
Q16m	Não	-	-	Não
Q17m	Sim	Resistencia	Físico	Não
Q18m	Não	-	-	Não
Q19m	Não	-	-	Não
Q20m	Não	-	-	Não
Q21m	Não	-	-	Não
Q22m	Não	-	-	Não
Q23m	Não	-	-	Não
Q24f	Sim	Resistencia	Físico	Não

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: Q1 a Q24 – Números dos Questionários; m = gênero masculino (m) e f = gênero feminino(f). *Correspondem ao total dos itens com resposta “Sim” do SRQ-20.

Apresentamos, no Quadro 3.9 em percentis estas correlações de dados entre coincidência ou não de sujeitos estressados e com TMC. Os percentis gerais são relativos à amostra de 24 sujeitos (exemplos: 8 em 24 sujeitos são estressados, o que implica num percentil de 33.33% da amostra; 5 em 24 sujeitos apresentavam indicativo de TMC, o que corresponde a 20.83% da amostra).

Os percentis parciais são relativos aos 8 sujeitos identificados como estressados. Como referido, dos 8 sujeitos, 4 apresentavam TMC e outros 4 não. Ainda, no Quadro 3.9 indicamos tais percentis em cada fase do *stress*.

QUADRO 3.8

PERCENTIS GERAIS e PERCENTIS RELATIVOS do *STRESS*, suas FASES e TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS (TMC).

PERCENTIS GERAIS: TOTAL DE SUJEITOS DA PESQUISA					
Estressados	Fase de Alerta	Fase de Resistência	Fase de Quase exaustão	Fase de Exaustão	Transtornos Mentais Comuns (TMC)
8 docentes (33,33%)	Nenhum (0%)	7 Docentes (29,16%)	1 Docente (4,16%)	Nenhum (0%)	5 Docentes (20,83%)
PERCENTIS RELATIVOS: GRUPO DE SUJEITOS IDENTIFICADOS COM <i>STRESS</i>					
Estressados	Fase de Alerta	Fase de Resistência	Fase de Quase exaustão	Fase de Exaustão	Transtornos Mentais Comuns (TMC)
8 docentes (100%), sendo que 4 deles (50%), não apresentam TMC	Nenhum (0%)	7 docentes (87,5%)	1 Docente (12,5%)	Nenhum (0%)	5 docentes (100%), sendo que 4 deles (80%) apresentam <i>stress</i> .

Para uma abordagem mais detalhada dos resultados obtidos no Questionário, apresenta-se, no Quadro 3.10, as correlações entre algumas variáveis como gênero, estado civil, idade, tempo de trabalho na Universidade, média de tempo de trabalho diário durante a semana, número médio de disciplinas por semestre na graduação e na pós-graduação, com a indicação, nas duas últimas colunas, da presença ou não do *stress* e do TMC. Apresentamos a seguir:

QUADRO 3.9

Variáveis do Perfil Docente, Carga de Trabalho, Stress e TMC									
No. de questionário	Gênero	Estado Civil	Idade (anos)	Tempo de trabalho na Universidade (anos)	Tempo de trabalho por dia (horas)	Disciplinas por semestre na graduação	Disciplinas por semestre na pós-graduação	Tem stress	Tem TMC
Q1f	Feminino	Casada	45	15	8	2	1	NÃO	NÃO
Q2m	Masculino	Casado	39	10	8	2	1	SIM	SIM
Q3m	Masculino	Casado	65	13	8	2	1	NÃO	NÃO
Q4f	Feminino	Casada	55	32	8	2	ND	SIM	SIM
Q5f	Feminino	ND	ND	34	8	2	1	SIM	NÃO
Q6f	Feminino	ND	ND	13	8	3	1	SIM	NÃO
Q7m	Masculino	Casado	61	20	6	1	1	NÃO	NÃO
Q8m	Masculino	Casado	54	17	9	2	1	NÃO	NÃO
Q9m	Masculino	ND	ND	17	8	2	ND	NÃO	NÃO
Q10f	Feminino	Divorciada	52	17	12	2	ND	NÃO	NÃO
Q11m	Masculino	Casado	44	16	8	2	1	NÃO	NÃO
Q12f	Feminino	Solteira	34	5	9	2	1	SIM	SIM
Q13f	Feminino	Solteira	47	15	8	2	1	NÃO	SIM
Q14m	Masculino	Casado	41	9	8	2	1	NÃO	NÃO
Q15m	Masculino	Casado	39	9	15	2	1	SIM	SIM
Q16m	Masculino	Casado	60	13	6	2	1	NÃO	NÃO
Q17m	Masculino	Casado	56	32	8	2	1	SIM	NÃO
Q18m	Masculino	ND	ND	10	10	2	1	NÃO	NÃO
Q19m	Masculino	Viuvo	61	30	8	1	1	NÃO	NÃO
Q20m	Masculino	Solteiro	45	16	8	2	2	NÃO	NÃO
Q21m	Masculino	Casada	59	1	ND	ND	ND	NÃO	NÃO
Q22m	Masculino	Casado	41	10	16	2	1	NÃO	NÃO
Q23m	Masculino	Casado	56	ND	ND	ND	ND	NÃO	NÃO
Q24f	Feminino	Casada	71	37	10	ND	1	SIM	NÃO

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: ND= não declarou/ 0= não tem disciplina

Acima, no modelo se depreende dos dados, o participante (**Q6f**) que declarou ministrar o maior número de disciplinas por semestre (4), considerando graduação e pós-graduação, apresenta *stress*. Já os dois outros (**Q7m** e **Q19m**) que ministram o menor número médio de disciplinas por semestre (2), considerando graduação e pós-graduação, não apresentam *stress* nem TMC. Alguns não declaram o número de disciplinas na graduação e/ou pós-graduação. Os demais que declaram, todos ministram 3 disciplinas em média por semestre nos dois níveis (graduação e pós-graduação). Sete (7) deles

apresentam *stress* e/ou TMC (os outros dois que apresentam *stress* e/ou TMC, **Q4f**, *stress* e TMC, e **Q24f**, *stress*, não declararam, respectivamente, número de disciplinas médio por semestre na pós-graduação e na graduação). E outros 9 sujeitos que ministram total médio de 3 disciplinas, não apresentam *stress* e TMC. Ainda pode-se verificar que dentre 6 sujeitos que ministram total de três disciplinas e apresentam *stress* e/ou TMC, metade é do gênero feminino (**Q5f** *stress*, **Q6f** *stress* e **Q13f** TMC), e outra metade do gênero masculino (**Q2m**, **Q12m** e **Q15m**), sendo que os três apresentam tanto *stress* como TMC.

Os dados tem relevância qualitativa, ainda que haja uma distribuição desigual dos percentis relativos aos estressados segundo a variável gênero (vide Gráficos 3.10 e 3.11). Também, outros dados sobre a variável gênero constam nos Quadros 3.10 e 3.11, e no Gráfico 3.14 a seguir. As entrevistas poderão elucidar os dados quantitativos ora sistematizados. Podemos dizer, há uma complexidade de variáveis que concorrem para a presença ou não do *stress* e TMC que nos exige uma análise mais ponderada. A variável gênero não pode ser tomado por si mesmo como fator explicativo, mesmo porque o gênero é uma relação social.

3.6.2 Outras correlações dos dados do Questionário:

A seguir apresentamos dados sobre presença ou não de *stress*, fases do *stress* e situações de trabalho (realização, satisfação, excitação, irritação, conflito, agressividade, frustração e sofrimento) de docentes mulheres (Quadro 3.11) e homens (Quadro 3.12). Ademais, na sequência, o Gráfico 3.14 é comparado os dados apresentados de forma separada por gênero.

QUADRO 3.10

Gênero Feminino - *Stress*, Fases de *Stress* e Situações do Trabalho.

DOCENTES MULHERES												
No. de questionário	Fases de stress			Tem stress		Situações do trabalho						
	Alerta	Resistência	Exaustão	Sim	Não	Realização	Satisfação	Excitação	Irritação	Conflito	Agressividade	Frustração
Q1 feminino					X	X	X		X			X
Q4 feminino		X		X		X	X					
Q5 feminino		X		X		X	X					
Q6 feminino		X		X			X		X			X
Q10 feminino					X	X	X		X			X
Q12 feminino		X		X					X	X		
Q13 feminino					X	X				X		
Q24 feminino		X		X		X	X					
Total		5		5	3	6	6	0	4	2	0	3

Fonte: elaborada pela autora.

Mostra-se no Quadro 3.10 os resultados gerais das respostas do total de 8 docentes do gênero feminino, as quais 5 apresentam *stress* (62.50%), e 3 mulheres não apresentam *stress* (37.50%).

Por outro lado, nas situações do trabalho, verifica-se que 6 mulheres marcaram “realização” (75.00%) e “satisfação” (75.00%), mesmo 3 delas apresentando *stress*. Ademais, nenhuma delas assinalou “excitação” e “agressividade”. Da mesma forma, obteve-se 4 mulheres (50.00%) com “irritação” (mas 3 delas sem *stress*), e 2 (25.00%) assinalaram “conflito” (2 sem *stress*). Ainda, “frustração” 3 (37.50%), mas só 1 delas com *stress*. Além disso, “sofrimento” 1 mulher (12.5%), e sem *stress*.

Quer dizer, não há uma linearidade dos dados e nos parece que somente o procedimento qualitativo (análise das entrevistas) possa elucidar aparentes contradições (exemplo 3 de 4 respostas “irritação” não serem provindas de professoras estressadas).

QUADRO 3.11

Gênero Masculino - *Stress*, Fases de *Stress* e Situações do Trabalho.

DOCENTES HOMENS													
No. de questionário	Fases de stress				Tem stress		Situações do trabalho						
	Alerta	Resistência	Exaustão	Sim	Não	Realização	Satisfação	Excitação	Irritação	Conflito	Agressividade	Frustração	Sofrimento
Q2 masculino		Quase exaustão		X		X	X		X	X	X	X	X
Q3 masculino					X		X		X				
Q7 masculino					X								
Q8 masculino					X	X	X						
Q9 masculino					X		X						
Q11 masculino					X	X			X				
Q14 masculino					X		X		X	X			
Q15 masculino		X		X						X	X	X	
Q16 masculino					X	X	X						
Q17 masculino		X		X		X	X						
Q18 masculino					X	X	X						
Q19 masculino					X	X	X						
Q20 masculino					X	X	X	X	X			X	
Q21 masculino					X	X	X						
Q22 masculino					X	X	X			X			
Q23 masculino					X	X	X	X					
Total		2		3	13	11	13	2	5	4	2	3	1

Fonte: elaborada pela autora.

O Quadro 3.11 apresenta o total de 16 docentes do gênero masculino, os quais 3 homens (18,75%) tem *stress* e 13 não tem *stress* (81,25%). No caso nas situações do trabalho, marcaram “excitação” dois homens (12,50%), “frustração” três (18,75%), “sofrimento” 1 homem (6,25%) e “conflito” 4 homens (25%).

A situação de trabalho mais assinalada foi a de “realização”: 11 docentes (68,75%); a segunda foi a “satisfação”, por 13 homens (81,25%). Já a situação de “agressividade” no trabalho dos homens é referida por 12,50% (2) do gênero masculino, e ausente (0%) no gênero feminino. Dentre aspectos negativos a “irritação” foi a que prevaleceu no gênero masculino, ainda em que menor percentil em comparação às mulheres: 31,25% dos homens, e 50,00% das mulheres. Também no caso dos homens, não houve uma correspondência entre *stress* e este assinalamento de “irritação”, pois dos 5 que assinalaram, somente 1 apresentava *stress*.

Também, destaca-se que daqueles 2 docentes do gênero masculino com *stress* nas fases de resistência (Q15m e Q17m), 1 deles (Q15m) indica situações de trabalho desfavorável, como “conflito”, “agressividade” e “frustração”. Ademais, o outro docente

assinhalou “realização” e “satisfação”. Por último, o docente (**Q2m**) apresenta sintomas de *stress* na “fase quase exaustão”, com referências às seguintes situações de trabalho: realização, satisfação, irritação, conflito, agressividade, frustração e sofrimento.

Portanto, temos que ter em conta o percentil geral de 33,33% estressados, 12,50% que corresponde aos (3) homens e 20,83% às (5) mulheres (12,50% + 20,83% = 33,33%).

Sem embargo, dentre os 8 estressados, 5 (62,50%) são mulheres e 3 (37,50%) são homens. Indicamos no Gráfico 3.14, segundo o gênero, a comparação *stress* e situações de trabalho dos docentes.

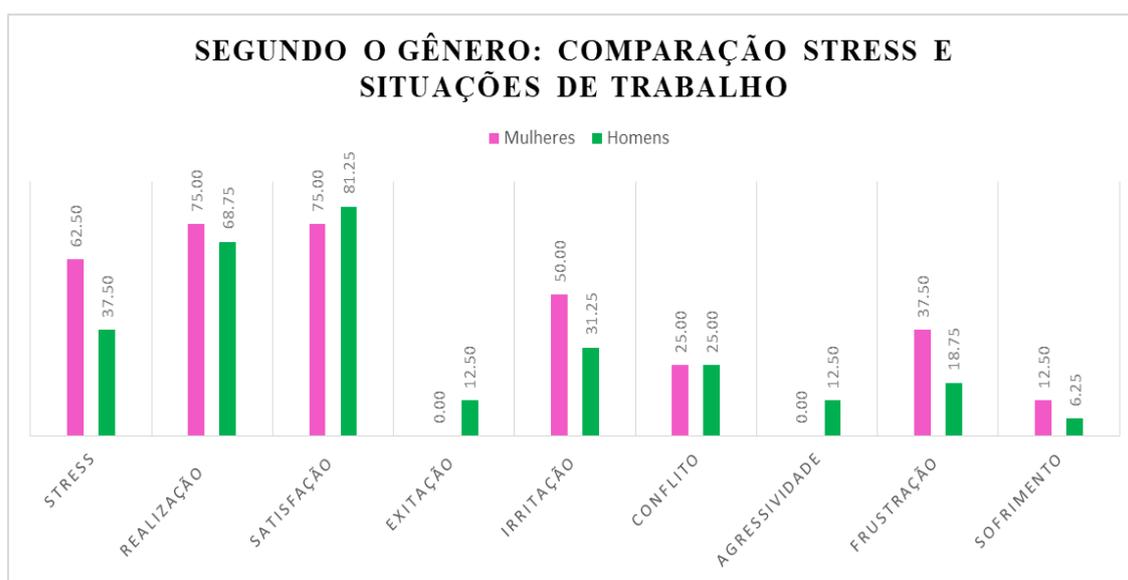


Gráfico 3.14 – Segundo o Gênero: Comparação Stress e Situações de Trabalho

Observam-se no Gráfico 3.14 as diferenças entre situações vividas no trabalho dos docentes, mulheres e homens. As duas primeiras barras se referem aos percentis por gênero dos identificados como estressados: mulheres 62,50% com *stress*, e homens 37,50%. Os percentis das demais barras são também de cada grupo (exemplos: “irritação” referida por 4 dentre 8 mulheres corresponde a 50%, e referida por 5 dentre 16 homens corresponde a 31,25%).

Os altos valores de realização e satisfação predominam em ambos os gêneros. Os homens ficam ligeiramente mais satisfeitos, também menos realizados que as mulheres; a satisfação e realização estão em iguais porcentagens no caso dos docentes do gênero feminino.

Observa-se que os homens apresentam somente 1/8 de respostas relativas à situação de “excitação” no trabalho, ao passo que as mulheres mostram valores nulos. Os mesmos valores ocorrem no caso das situações de “agressividade” no trabalho.

As mulheres apresentam maior “irritação” que os homens e o dobro de “frustração” e “sofrimento”.

Os homens e mulheres apresentam “conflito” nas situações de trabalho, tendo como resultado o mesmo valor percentil.

Os dados mostram que as mulheres são mais estressadas que os homens, ademais, referem percentis elevados e similares aos dos homens, no que tange às situações de realização e satisfação no trabalho. O conflito é uma situação de trabalho vivenciada por quantidade relativamente significativa de homens e mulheres: atinge $\frac{1}{4}$ dos dois gêneros. As demais situações assinaladas apresentam variações intrigantes a ser elucidadas. A irritação é mais significativa nas mulheres, dado que é referida pela metade das respondentes. Mas não é nada desprezível nos homens, pois seu percentil (31,25%) é o maior dentre os aspectos negativos, assinalados por eles, e supera o $\frac{1}{4}$ da situação de conflito. As respostas de “frustração” e “sofrimento” apresentam percentis mais baixos comparados às demais em ambos os gêneros, mas são maiores nas mulheres. As respostas com mais baixos percentis foram “excitação” e “agressividade”, sendo nulas nas mulheres, mas presentes em 1/8 dos homens.

No Quadro 3.13 apresentamos a relação dos homens e mulheres identificados como estressados e a cotejamos com outras variáveis, como estado civil, fase do *stress*, presença ou não de TMC, idade, tempo de trabalho na instituição, número disciplinas por semestre na graduação e pós-graduação e concordância ou não em conceder entrevista.

QUADRO 3.12

Total de docentes : Homens e mulheres estressados e outras variáveis									
No. de questionário	Estado Civil	Fase de stress	Tem TMC	Idade (anos)	Tempo de trabalho na Universidade (anos)	Tempo de trabalho por dia (horas)	Disciplinas por semestre na Graduação	Disciplinas por semestre na Pós-Graduação	Aceita entrevista
Q2m	Casada	Quase exaustão	SIM	39	10	8	2	1	SIM
Q12f	Solteira	Resistência	SIM	34	5	9	2	1	SIM
Q4f	Casado	Resistência	SIM	55	32	8	2	ND	NÃO
Q5f	ND	Resistência	NÃO	ND	34	8	2	1	NÃO
Q6f	ND	Resistência	NÃO	ND	13	8	3	1	NÃO
Q15m	Casado	Resistência	SIM	39	9	15	2	1	NÃO
Q17m	Casado	Resistência	NÃO	56	32	8	2	1	SIM
Q24f	Casada	Resistência	NÃO	71	37	10	ND	1	NÃO

Fonte: elaborada pela autora.

Legenda: ND= não declarou

No Quadro 3.12, amostra as seguintes informações sobre os 8 docentes de ambos gêneros, identificados como estressados:

- ❖ 5 participantes (62.50%) são casados (**Q2m stress**, **Q4f stress**, **Q15m stress**, **Q17m stress**, **Q24f stress**); 1 (12.50%) é solteira (**Q12f stress**), e o resto (25%) não declararam (**Q5f stress**, **Q6f stress**).
- ❖ 7 docentes (87.50%) apresentam a Fase de *stress* –Resistência e 1 docente (**Q2m stress**) fase quase exaustão (12.50%), porém, nenhum docente apresentou *stress* na fase de Alerta e Exaustão (0% em cada um deles).
- ❖ 3 docentes (37.50%) que apresentam o TMC se situam na faixa dos 30 a 40 anos de idade (**Q2m stress**, **Q12f stress**, **Q15m stress**), e 1 (**Q4f stress**) que apresenta TMC (12.50%) se situa na faixa de 50 anos ou mais. O restante dos avaliados 50% se dividem: 2 (25%) de meia idade (**Q17m stress**, **Q24f stress**), no rango de idade (50 anos ou mais) não apresentaram indicação de TMC; enquanto, os outros 2 (25%) não declararam a idade.
- ❖ No rango de 0 a 8 anos de trabalho na universidade tem 1 docente (**Q12f stress** e TMC), 12.50%; 9 a 17 anos de trabalho, 3 docentes (**Q2m stress** e TMC, **Q6f stress**, **Q15m stress** e TMC) 37.50%;18 anos a mais de trabalho, 4 (50%) docentes (**Q4f stress** e TMC, **Q5f stress**, **Q17m stress** e **Q24f stress**).

- ❖ Um docente (Q15m *stress* e TMC) tem tempo de trabalho diário de 15h, enquanto, 5 docentes trabalham com uma jornada de 8 horas diárias à semana (Q2m *stress* e TMC, Q4f *stress* e TMC, Q5f *stress*, Q6f *stress*, Q17m *stress*); duas mulheres, as quais são (Q12f *stress* e TMC) trabalham 9h diárias por semana, e a outra (Q24f *stress*), 10h diárias por semana.
- ❖ Dos oito docentes participantes (Q6f *stress*) declarou ministrar o maior número de disciplinas por semestre (4), considerando graduação e pós-graduação; enquanto, (Q4f *stress* e TMC e Q24f *stress*) não declararam o número de disciplinas na graduação e/ou pós-graduação. O restante (Q2m *stress* e TMC, Q12f *stress* e TMC, Q5f *stress*, Q15m *stress* e TMC, Q17m *stress*) que declararam, ministram 3 disciplinas em média por semestre nos dois níveis (graduação e pós-graduação).
- ❖ Depois de preencher os questionários, os docentes que aprovaram ser “entrevistados” foram (Q2m *stress* e TMC, Q12f *stress* e TMC, Q17m *stress*), e os outros negaram (Q4f *stress* e TMC, Q6f *stress*, Q24f *stress*). Mas uma vez, encaminhados os resultados de *stress* dos questionários para cada um dos docentes via e-mail, alguns mudaram de opiniões e decidiram ser entrevistados (Q5f *stress*, Q15m *stress* e TMC, Q17m *stress*).

CAPÍTULO IV: TRABALHO INTENSIFICADO, *STRESS* E PROCESSOS DE SAÚDE-DOENÇA: ASPECTOS SÓCIO-INSTITUCIONAIS E PSICOSSOCIAIS

Neste capítulo, apresentamos de forma preliminar uma Síntese das Entrevistas com alguns destaques, comentários e indicações de categorias preliminares (pré-categorias) suscitadas pela transcrição, leitura-releitura e sistematizações dos relatos das entrevistas. A seguir, apresentamos análise das entrevistas com base no processo de categorização-recategorização resultada em duas categorias que denominamos: Categoria A: Trabalho intensificado; Categoria B: Sofrimento, *stress* e adoecimento. Finalmente, apresentamos análise integradora, intitulada “O *stress* no trabalho docente: desgaste biopsíquico e relações com o trabalho intensificado e dinâmica institucional da universidade”.

4.1 Caracterização e justificativa da realização das entrevistas:

No capítulo precedente apresentamos os dados e análise dos questionários aplicados à amostra de 24 docentes. Os dados indicaram um percentil de 33,33% de docentes estressados e 20,83% com transtorno mental comum (TMC). É possível relacionar esses dados às circunstâncias do trabalho na universidade. Ao mesmo tempo que temos que considerar que há sujeitos não estressados e que não apresentam TMC. Há dados contrastantes. Foi possível identificar um grau significativo de docentes que responderam se sentir satisfeitos no trabalho. Também, apontam dificuldades de realizar com satisfação atividades diárias e irritação. Refere-se ao nervosismo, tensão, preocupação, dores de cabeça, problemas de sono e tristeza, entre outros aspectos (vide: Quadro 3.4 – Perguntas do SRQ; Quadro 3.5 – Situações vivenciadas no trabalho). Os dados se relacionam às análises das entrevistas. Consideramos essencial a escuta do relato dos docentes (selecionamos 7 dos 24 sujeitos da amostra) para aprofundar a compreensão das relações entre trabalho, saúde e subjetividade. Portanto, nos parece importante o seguinte questionamento: Como compreender trabalho e saúde dos docentes da pós-graduação se não perguntamos e escutamos seus relatos? Desse modo, visando aprofundamento qualitativo dos dados obtidos por meio do Questionário, buscamos elucidar como vivenciam os hipotéticos processos de sofrimento, *stress* e adoecimento, relativamente comprovados na etapa preliminar dessa pesquisa.

Neste sentido, tendo por base o modelo de pesquisa preconizado, adotamos a perspectiva analítica de dar a palavra aos docentes, para que por si mesmos nos dissessem

a maneira pela qual, objetiva e subjetivamente, lidam com as condições e cotidiano de trabalho, as demandas institucionais e suas múltiplas exigências. Portanto, nesta pesquisa o uso de entrevistas possibilitou a obtenção de depoimentos orais dos docentes que resultaram em dados significativos para elucidar e aprofundar os dados obtidos por meio do Questionário (vide Roteiro do Questionário no Apêndice 1).

Sendo assim, realizamos entrevistas com sete (7) docentes, todos eles credenciados como permanentes de um Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado, nota 7 na CAPES), a partir de um roteiro de perguntas semiestruturadas (Apêndice 2). O tema geral da entrevista foi o *stress* no trabalho do docente da Pós-Graduação. Os professores-pesquisadores foram interrogados sobre: trajetórias acadêmica e profissional; cotidiano social e laboral; condições e relações de trabalho na universidade; condições de realização do trabalho; relações entre o trabalho e os processos de saúde-doença. Não foi objetivo da proposta de pesquisa analisar os efeitos da pandemia sobre o trabalho e saúde do docente. Mas, como as entrevistas ocorreram nesse período, inevitavelmente os docentes se referiram aos acontecimentos dela derivados e suas influências na sua vida cotidiana e no trabalho.

Ao convidarmos os docentes para que concedessem entrevista áudio-gravada, 8 dos 24 da amostra se dispuseram. Porém, um deles, desistiu, por receio em relação à situação da pandemia. Foram realizadas 7 entrevistas. Foi solicitada a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (vide Apêndice 4). As entrevistas foram gravadas em áudio e se garantiu aos entrevistados sigilos e anonimatos, respeitando as prescrições da ética em pesquisa - o Projeto de Pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar. As entrevistas foram transcritas e preliminarmente sintetizadas. Realizamos categorização e recategorização, após leitura e releitura e chegamos à definição das Categorias A e B acima indicadas.

Consideramos que houve entre os que se dispuseram, uma boa distribuição em relação ao gênero (4 mulheres e 3 homens) uma vez que o *stress* na amostra prevaleceu entre as mulheres: do total de 8 estressados, 5 eram mulheres (62,50%) e 3 eram homens (37,50%). Ademais, 1 entrevistado homem não apresentava *stress*. Também, 1 entrevistada mulher não apresentava. O que nos pareceu importante incluir, para que não entrevistássemos somente os casos de estressados. Entre os estressados (5 dos 7 entrevistados), 4 apresentavam *stress* em fase de resistência (fase prevalente no caso dos estressados) e 1 apresentava quase exaustão. Destaca-se que 2 sujeitos (1 mulher e 1

homem) além da condição, respectivamente, de *stress* em fase de resistência e quase exaustão, apresentavam TMC. Nas entrevistas se evidenciou que realizam acompanhamento psiquiátrico e psicoterapêutico. Portanto, obtivemos um número suficiente de entrevistados e com uma diversidade em relação ao gênero, *stress*, fase do *stress* e TMC. No Quadro a seguir organizamos as informações dos sujeitos entrevistados.

Quadro 4.1. Informações sobre as entrevistas realizadas com as docentes da Pós-Graduação

Entrevistado(a)	Fases de stress	Tem TMC	Data	Local	Duração
Q1f	—	Não	28/8/2020	Remoto	1h11min18s
Q2m	Quase exaustão	Sim	25/9/2020	Sala de trabalho	1h26min42s
Q5f	Resistência	Não	18/9/2020	Parque	28min22s
Q12f	Resistência	Sim	16/10/2020	Remoto	1h07min44s
Q14m	—	Não	4/9/2020	Remoto	1h08min12s
Q17m	Resistência	Não	2/10/2020	Remoto	1h09min12s
Q24f	Resistência	Não	16/10/2020	Remoto	51min58s

4.2. – Sínteses das entrevistas: destaques, comentários e categorias preliminares

Seguem as sínteses de cada uma das 7 entrevistas com alguns destaques e comentários preliminares. Indicamos as categorias preliminares levantadas de cada uma das entrevistas. Os trechos mais longos dos relatos e o conjunto da análise das entrevistas conforme Categorias A e B serão apresentados, após as sínteses. Ressaltamos que as sínteses relativas aos Questionários de cada um desses 7 entrevistados foram apresentadas no item 3.2 do Capítulo 3. Os códigos utilizados são indicados (abaixo) nas sínteses das entrevistas.

Entrevista 1 – Profa. Q1f (sem *stress*, sem TMC)

A entrevistada, conforme dados do Questionário, não apresenta *stress* e nem TMC. Não obstante, identificam-se que há aspectos que geram insatisfação, como a sobrecarga de trabalho e redução do tempo de convívio com a família. De modo geral, tem relacionamentos saudáveis com a família e seu trabalho. Admite que há momentos em que sente irritada no trabalho, mas que é controlável. Refere-se insatisfação em relação à redução de oferta e possibilidade de obtenção da bolsa produtividade oferecida pela CAPES. Demonstra orgulho por pertencer à renomada universidade e se refere

positivamente às relações com os estudantes. Lamenta não produzir como antes de se casar e ter família. Comenta da universidade, não reconhece os aspectos familiares e pessoais em seus processos de progressão na carreira profissional. Diz que não se consideram as diferenças existentes entre os docentes. Considera que há maior facilidade de produção e de atingir metas de produtividade por parte dos docentes homens e que isso é ignorado e não levado em conta pela administração universitária e processos avaliativos. Finalmente, participa do ambiente e vida acadêmica, ademais considera reduzidas relações de amizade, competitividade e exigências elevadas de produção e desempenho.

A primeira leitura da entrevista da **Profa. Q1f** nos permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde-doença); Insatisfação com avaliação do trabalho (pela CAPES); Género; Ambiente acadêmico; Vida familiar e cotidiano.

TRABALHO INTENSIFICADO:

Conta: “A maior parte das pessoas com que eu convivo reclama né? De ter um tempo de ócio. Então, eu não tenho”.

“Eu queria mais horas, porque me faltam muito mais tempo, incomoda”.

Comenta que: “Trancada com trabalhos” (situação da pandemia) e receber cobranças dos familiares (redução do tempo com a família para “dedicar muito ao trabalho”).

Alega: “Universidade exige muito, sobretudo na área de pesquisa”.

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), *STRESS* E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

Refere-se às discussões no Instituto: “Eu consigo controlar minha irritação”.

Conta que gosta da “interação com as pessoas” e da “sala de aula” para o “trabalho de interação”; “trocar ideias”.

Menciona prazer frente ao reconhecimento e desprazer quando não há o reconhecimento.

INSATISFAÇÃO com avaliação do trabalho pela CAPES:

Refere estar num “programa de excelência” que é “exigente”. Atualmente, compara recursos e bolsas no passado, comenta redução.

Comenta na atualidade: “Bolsa produtividade” é “quase impossível”.

Refere critérios subjetivos e mutantes adotados pela CAPES: “A gente não se sente segura com os critérios da CAPES”.

GÊNERO: critério da publicação “acaba desvalorizando às mulheres”.

AMBIENTE ACADÊMICO: “O ambiente acadêmico não é de amigos”; “poucas pessoas são amigas na vida acadêmica”; “ficamos fechados”, “cada pessoa fica em sua salinha”.

Entrevista 2 – Prof. Q2m (stress quase exaustão, com TMC)

O docente, conforme dados do Questionário, apresenta a fase de *stress* quase exaustão com TMC. A entrevista foi presencial, na própria sala de estudos do docente na universidade e que participou da entrevista mais minutos. Comenta que gosta de estar na universidade e reclama do ambiente familiar. O trabalho parece ser uma forma de evitar os problemas conjugais. Ademais, menciona ter dificuldades no relacionamento conjugal que é compensado pelo bom relacionamento com o filho, interesse e desenvolvimento pelo trabalho. Apesar de sofrer de depressão, comenta que seu filho lhe motiva e ajuda a buscar melhorias no relacionamento conjugal. Além de considerar, o trabalho como algo de seu interesse, relata que no cotidiano há discussões políticas que não o agradam no instituto na qual trabalha. Queixa-se das posições ideológicas de esquerda ou direita, assim como das posições partidárias que teriam os docentes com quem convive. Não obstante, admite uma separação da ciência. Argumenta que se deve pensar na ciência e educação que sejam qualificadas, diz que há muitas pessoas que não tem a “mínima competência”. Menciona haver trabalhos nos quais tem dificuldades para se realizar e outros que lhe geram satisfação, considerando que há momentos de “calma” e outros “horríveis”. O que mais lhe motiva são as atividades de ensino. Refere desgaste relacionado ao trabalho, problemas de saúde física e psicológica. Menciona que busca relaxamento de tensões com uso de bebida alcoólica, mas está em tratamento psicoterapêutico e psiquiátrico.

A leitura preliminar da entrevista da **Prof. Q2m** nos permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde-doença); Relações de trabalho; Relações familiares e conjugais.

TRABALHO INTENSIFICADO

Refere-se que o TRABALHO tem momentos de “calma” e outros “terríveis”. Trabalhos nos quais se depara com dificuldades para se realizar.

Considera haver “reuniões saturadas”.

Reclama um “desmonte” do “sistema de Pós-Graduação”.

Em geral, queixa-se da “ciência brasileira e a educação”, mas ressalta: “não tenho nenhuma política partidária na minha atuação pública, meu partido é o Instituto”. Acrescenta que “não importa quem está em cima”, que o que lhe importa é a “defesa da instituição”.

Crítica “pessoas que tem visões, ideologias, em vez de visões científicas, com coisas absolutamente inaceitáveis”. Também, insinua que se “julga mérito científico acadêmico” não só pautados pelos aspectos científicos.

Considera haver docentes que não recebem recursos e “ficam chateados, incomodados”, “com atitudes diferentes, comportamentos da direita e esquerda”.

Segundo ele, “tem que desaparecer a desigualdade, seja o governo liberal de direita ou esquerda”. Ao que acrescenta: “O que se tem que pensar é na ciência, educação, e que existem pessoas altamente qualificadas”.

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), STRESS E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

Afirma ter “depressão”, assim como problemas familiares e eventual uso abusivo do álcool, controlado em relação a etapas anteriores de vida.

Comenta: “trabalho para esquecer problemas familiares”.

Demanda programas voltados à saúde mental dos docentes, e refere gastar muito dinheiro com tratamentos de saúde. Relata ter consultas com “psiquiatra” e “psicólogo”: “recebo terapias e controle, porque quase todo o dia chorava muito, sofro depressão”.

Declara apoio do filho: “tenho um filho que me dá força para seguir com bons ânimos”; também, comenta ter apoio da mulher. Diz “não sinto aquela paixão como no começo, estou com ela por meu filho, tentando me enamorar dela, não é fácil”. Considerou que o “psicólogo” lhe “ajuda para estar” com sua “família”.

No que diz respeito às **RELAÇÕES DE TRABALHO** considera que a interação com estudantes é positiva, prazerosa (diminuiu na pandemia). Em relação ao trabalho na pandemia afirma: “Saudades dos estudantes”, “sem interação é muito triste o desenvolvimento no ensino”; “estar conectado não tem um tipo de interação que gosto”. Refere gostar das aulas: “o prazer é ensinar”.

Menciona ser o trabalho desgastante. Relata que nos dias posteriores aos das aulas não consegue se concentrar por ter dormido mal: “não durmo”.

Considera ser docentes somente “colegas”, “não amizades”.

Comenta ao respeito às **RELAÇÕES FAMILIARES e CONJUGAIS**: “Tenho um filho que me dá força para seguir com bons ânimos e uma mulher que a verdade, não sinto aquela paixão como no começo”. Além disso, comenta da sua família: “Estou com ela por meu filho, tentando me enamorar dela, não é fácil, mas o psicólogo me ajuda para estar com minha família.

Entrevista 3 – Profa. Q5f (stress resistência, sem TMC)

A trabalhadora apresenta no Questionário *stress* na fase de resistência e ausência de TMC. Afirma não ficar nas “quatro paredes” (encerrada na sua casa), porque prefere estar fazendo suas atividades fora de casa. Sem embargo, sente saudades por não fazer o que mais gosta, por exemplo, sair de casa, ter convivência social e no trabalho. Neste tempo da pandemia, necessita tomar cuidados. A entrevista foi realizada em um parque porque ela se sentia mais confortável em torno da natureza. A docente foi reservada no que tange às questões de sua vida familiar. A docente comenta que trabalha muito e que “gostaria de desistir”, ou seja, estar um tempo fora do trabalho, ou de férias. Percebe que, as atividades de trabalho estão mudando, em função do uso mais intenso da tecnologia. Refere sentir-se manipulada pela tecnologia e sem a possibilidade de dominá-la, tal como os professores mais jovens. Considera que tal contexto favorece a ocorrência do *stress*. Ademais, relata que cada docente possui vínculo com determinada agência de fomento como são FAPESP, CNPq e/ou CAPES, segue suas normas e exigências, como produção de artigos em revistas qualificadas e internacionalmente renomadas, derivados de

pesquisas. Declara: “Tudo está dado pela burocracia, interesses e conveniência”. A trabalhadora poderá se aposentar em período relativamente breve, antes mesmo da idade mínima. Considera que o trabalho envolve muitas exigências e que foi intensificado com o uso das tecnologias. Também, diz não ter amizades na universidade. Tem problemas de saúde corporal como diabetes. As mãos e pés tremem (observação feita pela pesquisadora em todas as entrevistas). Refere tomar medicamentos.

A leitura preliminar da entrevista da **Profa. Q5f** permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde-doença); Relações de trabalho e/ou ambiente.

TRABALHO INTENSIFICADO

Comenta: “Às vezes tenho vontade de fugir de tudo”, “fico preocupada pelas coisas que não consigo finalizar”.

Refere trabalho: “Árduo”, que sente “passar o tempo” e não conseguir dar conta de todas as tarefas programadas a se realizar.

Relata que tem “preocupação” para se “atualizar” e ter que “pensar em vários assuntos”.

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), STRESS E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

Declara **STRESS** no contexto da pandemia. Considera desgastante de aprendizagens e as novas demandadas que está na etapa de vida.

Critica uso desmedido do computador, considerando que há efeitos prejudiciais e até mesmo impeditivos do exercício do raciocínio.

No **AMBIENTE** e **RELAÇÕES DE TRABALHO**: “Não tenho amizades, só companheiros de trabalho”.

Menciona desgaste ou dificuldades com a memória.

Entrevista 4 – Profa. Q12f (stress resistência, com TMC)

A entrevistada apresenta *stress* na fase de resistência com TMC. Os fatores estressores foram comentados pela entrevistada. Relata que preencheu outros questionários relacionados à pandemia, mas não havia respondido o inventário sobre *stress*, utilizado em nossa pesquisa. Neste tempo, a docente sente-se com maiores ânimos

de produtividade para o trabalho remoto e uso de plataformas para o ensino e aprendizagem dos discentes. Diz que gosta mais de ficar em casa, trabalhar com a tecnologia do que estar no convívio com as pessoas e colegas na universidade. Comenta sobre problemas pessoais, familiares e do trabalho. Afirma ter tratamento de transtorno de pânico com um psicólogo. O psiquiatra que a medicou indicou alguns medicamentos não faziam efeitos em o seu organismo, com o tempo teve mal-estar tal como teve na adolescência, e assim buscou um novo psiquiatra, que lhe ajuda muito na melhoria da sua saúde.

Comenta ter uma relação estável e ter ajuda do parceiro nos momentos da saúde. Tem cuidados, como alimentação vegana, mas quando os fatores estressores se ativam bebe álcool e fuma o cigarro. Comenta que não tem desejo sexual, que se sente cansada pelo trabalho e fica preocupada por não satisfazer o seu parceiro. Afirma: “Tenho pensamentos irracionais em que posso perder ele [...]”.

No trabalho, a entrevistada diz ficar irritada nas reuniões, porque os docentes não chegam a um acordo e as decisões são tomadas de forma burocrática, o que leva a um maior trabalho acadêmico. Como diz: “Fazer, fazer!”. Ao que complementa: “[...]tem mais homens, falam questões machistas, cria certo *stress*”. Ainda, com orgulho, diz que não trabalha com a agência CAPES nem CNPq, “só com a FAPESP”. Não tem amizade com os colegas, somente os respeita e com eles conversa na própria universidade. Enquanto os orientandos são selecionados em entrevistas por ela, e com eles cria uma amizade. Considera o seu ritmo de trabalho “excessivo”, como diz: “Praticamente voltado tudo na ponta do lápis”, ao se referir ao “trabalho diário” de “mais de 12h” em diversas atividades, por exemplo: participar de comissão, corrigir atividades, organizar evento, preparar aulas, pesquisar, atender alunos, entre outros. Refere-se a acontecimentos positivos e negativos no trabalho. Sente-se realizada e com satisfação, mas afirma que docentes não tem união como “arroz e feijão”.

Comenta que tem depressão e ansiedade, mas segue tratamento. Na entrevista, diz estar um pouco nervosa e observou-se que suas mãos suam.

A leitura preliminar da entrevista da **Profa. Q12f** nos permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Agências de fomento; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde-doença); Gênero e Relações de trabalho.

TRABALHO INTENSIFICADO

Explana cumprir longas jornadas de trabalho de 12 a 14h diárias. Considera que o trabalho demanda tempo excessivo. Relata exercer muitas atividades, que por serem complexas, demandam tempo prolongado para cumpri-las.

Comenta das “reuniões tediosas”.

Comenta ter insegurança em relação ao objetivo de crescer na carreira, alçar à condição de docente titular.

Especifica excessos de trabalho burocrático, e considerou que criam entraves para fazer atividades que gosta com qualidade, tal como um “bom curso”, uma “boa pesquisa”.

Relata sobre as **AGÊNCIAS DE FOMENTO** e considera que há “grupos de elite que são beneficiados: “Preferidos” e definidos”.

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), STRESS E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

Refere-se “ansiedade”, “depressão” e crises de “pânico”. Ainda, uso do álcool quando tem *stress*.

Ansiedade relativa ao trabalho foi verbalizada da seguinte forma: “Tenho que fazer, fazer, fazer”.

Sobre o “pânico”, relaciona aos “vizinhos” que fazem “barulho” e prejudicam sua “produtividade”. Comenta ter sentido “ataques de pânico”; feita em sala de aula: “Começaram em 2015, quando entrei numa sala de aula; dependendo da turma, se eu não tenho assertividade, pipoco, me falta ar”, acrescenta o dia que saio da sala de aula para atendimento médico, mas que alunos não souberam disso, apenas lhes falou que se sentiu mal e parou a aula.

Expressa a questão de **GÊNERO** ao apontar que há muitos homens na área de Ciências Exatas de forma a se referir ao “machismo”, com o qual inevitavelmente se defronta de forma a se “estressar”.

Também, comenta que há certo isolamento no trabalho: “o trabalho é sozinho com meus orientandos”.

Considera que nas **RELAÇÕES DE TRABALHO** há “falta de união”. Acrescenta que não há uma “divisão igualitária do trabalho: “Infelizmente poucos fazem muito e muitos fazem pouco”.

Relata ter **PRAZER** nas orientações, pesquisa e estudos, mas **DESPRAZER** diante de “turmas apáticas” e “orientandos que não se conectam”.

Refere “cansaço”, “irritação” e “preocupação”.

Considera que há questões pessoais e conjugais relativas aos processos de saúde-doença: “Desinteresse sexual e receio de perder o companheiro”.

Revela ser fumante.

Relata sobre o trabalho na pandemia, contrariamente ao da maioria (vide, Entrevista 7 – Q24f), considera que foi positivo: “Utilizar o celular, computador, foi proveitoso, gostei”; “a conexão com meus alunos pelo WhatsApp, acabou sendo mais dinâmica”

Entrevista 5 – Prof. Q14m (sem *stress*, sem TMC)

Docente sem *stress*, e sem TMC. Sente-se incomodado pelas circunstâncias da pandemia, não fica acostumado com o isolamento. A pesquisador apresentou o questionário respondido, isso o ajudou a responder as questões da entrevista. Em relação ao convívio na universidade, afirma: “Tenho conflitos com meus colegas”. Fica irritado dentro da universidade. Os colegas brigam e têm medo de falar com ele.

Sente-se satisfeito pelo trabalho e pelo financeiro. Nunca teve longo tempo de desemprego em sua trajetória profissional. Considera que antes havia mais oportunidades que hoje em dia. Trabalha com pesquisadores estrangeiros, viaja para encontros e eventos. Refere independência com seu trabalho. Nota-se alegria no seu corpo ao comentar os trabalhos de pesquisa fora do Brasil. Não obstante, comenta que incomoda que na universidade não seja feito um trabalho de verdade, porque ultimamente, em sua visão, se trabalha de modo burocrático. Refere-se a uma frase: “Lei para inglês para ver”.

Por conseguinte, diz de forma ambígua, ser o seu trabalho cansativo, mas não desgastante, alegando gostar do que faz: “O trabalho é como um jogo que cansa, mas eu gosto”. Considera-se menos estressado que os seus outros amigos das distintas carreiras profissionais.

No familiar, com a sua mulher decidiram não ter filhos. Cada vez que coordenam para passear, ele fica cansado, e não sabe a causa.

A leitura preliminar da entrevista da **Prof. Q14m** nos permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Avaliação; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde doença); Relações de trabalho e Desgaste.

TRABALHO INTENSIFICADO

Conta ter uma grande quantidade de trabalho. Menciona: “Tenho muitos alunos de mestrado, doutorado e Iniciação Científica, o seja “oriento mais do que a média”.

Narra trabalhar 8h diárias e trabalhar, também nos fins de semana e à noite.

Ainda, comenta que tem “publicações acima da média”, mas sem conseguir apoio financeiro do CNPq (obtem da FAPESP). Declara as **AVALIAÇÕES**: “Muitos deveriam ter e não têm” (financiamentos).

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), STRESS E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

O entrevistado: “Minha irritação é dentro da Universidade com os colegas”. Refere-se ao desgaste nas **RELAÇÕES DE TRABALHO**: “Conflitos com colegas” e “problemas pessoais com algumas pessoas”. O entrevistado se sente “irritado” com “coisas do cotidiano”.

Relata que com os discentes tem boas relações de interação social e acadêmica. Também, prazer com resultados de trabalho de pesquisa que desenvolve com pesquisador estrangeiro.

Conta do **DESGASTE**, mas revestido de certa ambivalência em torno do trabalho/cansaço: “É como um jogo que cansa, mas eu gosto”. Depois, acrescenta: “Eu percebo que eu preciso descansar”.

Relata frequentar Congressos e realizar com regularidade várias viagens; ocorre o mesmo com a sua esposa e comenta que é docente: “Nos encontramos no fim de semana”.

Conta ter ficado doente nas férias e em passeios com esposa. A sua esposa comenta que ele “não está acostumado a ficar calmo”. Sorri ao contar que discorda. Além disso, afirma

que as viagens do casal “são movidas para trabalhar”. Finalmente, diz sofrer de insônia desde quando era estudante universitário.

Entrevista 6 – Prof. Q17m (stress resistência, sem TMC)

Docente apresenta *stress* na fase de resistência e ausência de TMC. Empático na entrevista comenta: “Neste tempo, estou ficando em casa, ainda sem sair de casa pela idade que tenho”. O docente é um homem perto a aposentar-se e com medo pelos acontecimentos da pandemia. Fala dos pontos negativos dessa realidade que não sabe quando acabará. Sem embargo, tenta fazer exercícios e se alimentar bem. Comenta sobre o seu trabalho. Diz que se relaciona bem com os docentes e que cada um é independente na sua sala. Refere que mudaram muitas coisas no trabalho e se intensificou o ensino. Em relação à saúde, diz: “As doenças estão chegando na minha vida”. O docente não domina as atualizações da tecnologia e os novos usos de plataformas. Afirma: “Meu papel como professor foi ótimo antes, mas com o que mudou é um pouco difícil pensar se estão gostando os alunos. Então, acho que meus alunos não conseguem entender minha aula remota”. No trabalho, incrementaram as horas para os terceirizados, afirma: “A crise econômica para a remuneração docente vai tendo efeitos do incremento de horas e as remunerações entraram a um ciclo inferior, estão entrando jovens no campo universitário e ainda com ferramentas digitais que a maioria de docentes que trabalham há mais de 30 anos, não estamos manejando do jeito que o setor do Instituto está pedindo”.

O docente fica muito tempo sentado quando trabalha. Diz que não faz exercícios equilibrados como gostaria. Fica preocupado e ansioso por não cumprir as tarefas planejadas. Sofre de hipertensão e desgaste físico.

A leitura preliminar da entrevista do **Prof. Q17m** nos permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde doença); Relações de trabalho e desgaste mental.

TRABALHO INTENSIFICADO

Apresenta longo tempo de docência na Universidade. Compara situações passadas e o presente como o “incremento de horas de trabalho”; “remunerações que entraram num ciclo inferior”.

Afirma quantidade grande de tarefas, longas jornadas, e encontrar dificuldades: “Eu tenho que fazer muitas coisas e fico pensando em um só assunto”.

Menciona ter tempo “excessivo de trabalho”; “muito tempo sentado”.

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), STRESS E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

Confessa que tem “insônia”; “pressão alta” e “desgaste físico”.

Também, tem boas relações de trabalho com os docentes: “Cada um na sua oficina”, acrescenta que busca ajudar: “Os que precisam”.

Entrevista 7 – Profa. Q24f (stress resistência, sem TMC)

A trabalhadora na entrevista, empática e duvidosa, com uma mirada fixa em meus olhos, comenta sentir-se boa em casa, já que antes o seu ritmo de trabalho na universidade era intenso e ficava pouco em casa. Comenta que não eliminou problemas relativos ao *stress*, somente os “conflitos presenciais”. A trabalhadora sente-se mal por não ter contato com as suas amigas, família (filhos), alunos e netos. Além disso, quando era jovem tinha muitas atribuições atípicas, de Diretora, Vice-diretora, entre outros. Os seus trabalhos geravam um *stress* diferente do atual. Diz que as coisas mudaram. Ademais, é muito requisitada por sua experiência, e afirma: “Vai acumulando experiências na sua vida e é solicitado para muitas coisas”. Assim, seu trabalho se acumula, diz: “Trabalha, trabalha!”. Ademais, tem preocupações familiares e comenta da sua família, sentindo alegria ao lembrar deles, mas tristeza de não se encontrar pelo isolamento da pandemia. A docente é aposentada, mas trabalha em projetos e pela experiência precisam da sua ajuda os docentes jovens que estão entrando como substitutos no departamento. Admira e gosta de trabalhar. Comenta como sua rotina antes da pandemia: “Minha rotina era ir para escola e dar aula, ter encontro com bolsistas, alunos de doutorado, visitantes estrangeiros, sobretudo gosto de estrangeiros peruanos”. Trabalha com a agência FAPESP e comenta sobre a estrutura das outras agências que trabalhou durante anos. Refere ter tido problemas com as agências. Comenta ocasião na qual submeteu projeto de pesquisa para um edital de cooperação para o qual havia poucas vagas. Considera que concentrar projetos aprovados em uma única universidade é problemático. Pondera que há aspectos positivos e negativos no financiamento de pesquisa e que as agências são riquezas do país e tem uma história importante. Assim, argumenta que devemos ficar atentos para que o governo não destrua a ciência de nosso país. A entrevistada sente prazer quando trabalha com a pesquisa e adora dar aula. O que menos sente prazer são atividades administrativas que envolvem conflitos pessoais. Ademais, explica o sofrimento e

situações que envolvem conflitos entre colegas e entorno do trabalho. Finalmente, diz que pela idade que possui não mais aceita cargos maiores porque sofre de pressão alta e considera que gera *stress*.

A leitura preliminar da entrevista da **Profa. Q24f** nos permite destacar as seguintes pré-categorias: Trabalho intensificado; Agências de fomento; Sofrimento (prazer x desprazer); *Stress* e adoecimento (processos de saúde-doença); Relações de trabalho.

TRABALHO INTENSIFICADO

Confessa intensidade das tarefas, após se aposentar.

Confirma diminuição dos recursos provindos das **AGÊNCIAS DE FOMENTO**. Ademais, problemas do governo: “Ficar atentos para que o governo não destrua a ciência de nosso país”. Afirma “os processos de avaliação são complicados”; “você seleciona os que têm méritos e entram, logo deixa fora os outros, na mesma forma, tiveram mérito”.

Refere tarefas que são solicitadas às pessoas mais velhas com experiência e considera inevitável ter que assumir muitas vezes: “Tenho que fazer, certo”?

A entrevistada diz que o “acúmulo de trabalho é grande”; “o *stress* vem daí” e completa que “trabalha, trabalha, trabalha”, “e nunca acaba”,

SOFRIMENTO (prazer x desprazer), STRESS E ADOECIMENTO (processos de saúde-doença)

Atualmente, considera ser o *stress* que vivência em outras etapas de sua carreira, sobretudo no cargo que exerceu na Direção.

Narra “o que menos gosto são reuniões científicas, porque causam *stress*”. Em seguida, esclarece que não é estressante por conta da dimensão científica em si, mas sim que são os aspectos da “gestão” das atividades científicas que são estressantes. Geralmente tratados em reuniões.

Refere ter **PRAZER** com “aulas” e “pesquisa”, e **DESPRAZER** com “atividades administrativas” e “conflitos pessoais”.

Em **RELAÇÃO AO TRABALHO** durante a pandemia, o seu relato é *sui generis*, porque sente estar melhor: “Ficar mais em casa”, e verbaliza: “Não eliminei problemas relativos ao *stress*”, “mas eliminei os conflitos presenciais”.

4.3 – Análise Categoria A: Trabalho intensificado

Neste item apresentamos a análise da Categoria A: Trabalho intensificado. Procuramos tecer considerações gerais, comparativas e singulares de cada entrevistado. Denota-se nas comparações convergências e divergências dos conteúdos e discursos de distintos subgrupos dos sujeitos da pesquisa.

Iniciamos com a apresentação do Quadro 4.2 abaixo, no qual indicamos algumas falas emblemáticas dos sujeitos da pesquisa relacionadas à intensificação do trabalho.

Quadro 4.2 – Trabalho intensificado

Sujeitos	Categoria A: Trabalho intensificado
E1Q1f	<p>“A maior parte das pessoas com que eu convivo reclama né? De ter um tempo de ócio. Então, eu não tenho”</p> <p>“A universidade exige muito, sobretudo na área de pesquisa”.</p> <p>“Acaba desvalorizando as mulheres, porque os homens trabalham mais na produção do que as mulheres”.</p>
E2Q2m	<p>“No trabalho sinto calma por alguns momentos, depois terrível, por monte de trabalhos que não sei como começar, me organizar”</p>
E3Q5f	<p>“Hoje em dia, tenho que ter conhecimento sobre tecnologia, e nesta idade [semblante preocupada] é muito complicado”.</p> <p>Eu não consigo aprender rápido o ensino da tecnologia, técnicas e estratégias das formas de uso das plataformas [...]</p> <p>“Fico preocupada pelas coisas que não consigo finalizar”.</p>
E4Q12f	<p>“O trabalho diário passa mais de 8 horas [...] 12 ou 14 horas de trabalho.</p> <p>“Infelizmente poucos fazem muito e muitos fazem pouco”.</p>
E5Q14m	<p>“Tenho muitos alunos de Mestrado, Doutorado e Iniciação Científica [...] oriento mais do que a média”.</p> <p>[Viagens do casal – ambos professores] “São movidas para trabalhar”.</p>

E6Q17m	<p>“Meu papel como professor foi ótimo antes, mas mudaram as coisas, é um pouco difícil pensar se os alunos estão gostando das minhas aulas remotas”.</p> <p>“O trabalho aumentou” [aposentadorias, uso de tecnologia, capacitações, etc.]</p> <p>A crise econômica para a remuneração docente vai tendo efeitos do incremento de horas e as remunerações entraram a um ciclo inferior”.</p>
E7Q24f	<p>“Tenho que ensinar em aulas com mais de 60 alunos”</p> <p>“O ritmo de trabalho não diminui” [...] “O acúmulo de trabalho é grande [...]” “Trabalha, trabalha, trabalha e nunca acaba”</p> <p>“Tive problemas com as agências, aconteceram vários casos” [...].</p>

A seguir apresentamos algumas considerações da visão de cada sujeito da pesquisa sobre o trabalho intensificado e aspectos relacionados com algumas comparações.

E1Q1f -Trabalho intensificado

A entrevistada relata: “Tem muita gente que fala ou prefere olhar outros nomes dos docentes com maioria de publicações, livros, revistas, artigos e acaba desvalorizando as mulheres, porque os homens trabalham mais na produção que as mulheres”. A docente considerou que “as relações sociais de trabalho” se tornaram “frágeis e instáveis”. Considerou que a ética e o respeito à dignidade humana ocupam posição cada vez menor no cotidiano social.

Atualmente é possível mostrar o avanço atemorizador de outra precarização: que invade a identidade e a própria subjetividade. O pai da psicodinâmica analisa essa incorporação, uma “*introjeção mental*” que passa a pautar as condutas e, ao mesmo tempo, a reverter valores e sentimentos relacionados ao respeito humano (DEJOURS, 1992, p.25).

E2Q2m- Trabalho intensificado

O entrevistado afirma que “há, coisas absolutamente inaceitáveis! Quando julga o mérito científico acadêmico que sempre se pautou o CNPQ”. Apontou “comentários dos colegas” que ficariam negados. Também, “chateados, incomodados, com atitudes diferentes, comportamentos da direita e esquerda. Isso me incomoda!”.

O docente se referiu ao trabalho intensificado da seguinte forma: “No trabalho sinto calma por alguns momentos, depois terrível, por monte de trabalhos que não sei como começar, me organizar, mas, prefiro estar ensinando”.

Os docentes julgam o mérito científico acadêmico, tem diferentes atitudes, e comportamentos, enfrentam obstáculos em seus trabalhos e se opõe nas suas ideologias políticas. Alguns dos docentes avançaram suas atualizações no setor privado ao longo da reestruturação produtiva conforme princípios do neoliberalismo. A obsessão de compatibilizar a maximização de todas as vantagens com o mínimo de custos (prazos mais curtos) caracteriza a perspectiva neoliberal que, em grande medida, é internalizada pelos docentes. As vantagens ambicionadas são financeiras (lucros) e ligadas ao domínio do mercado. A forma de administração do setor privado penetra no setor público, que deveria estar preservado das disputas do mundo dos negócios. Administradores passam a considerar mais desejáveis os resultados contábeis que os resultados sociais.

O sociólogo ao abordar o gerencialismo e as novas patologias de saúde relacionadas à intensificação do trabalho, afirma: “Agora é todo o aparelho do Estado que se encontra contaminado” (GAULEJAC, 2007, p.261).

Outros autores (DARDOT E LAVAL, 2016, p.361) apresentam críticas semelhantes e dizem que: “A liberdade tornou-se uma obrigação de desempenho. Normalmente, não é mais o domínio e a regulação das pulsões, mas sua estimulação intensiva como principal fonte de energia”. Ao que acrescentam: “O trabalho não é castigo, é gozo de si por intermédio do desempenho que se deve ter” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 373). Não é que os trabalhadores no neoliberalismo não estejam assujeitados às suas normas de funcionamento, mas esse assujeitamento não é mais visto como domínio ou imposição. O desejo dos sujeitos se correlaciona ao que está codificado no *modus operandi* do sistema econômico, que se beneficia de todos os comportamentos de autossuperação buscado por esses sujeitos.

E3Q5f- Trabalho intensificado

A docente relatou: “Hoje em dia, tenho que ter conhecimento sobre tecnologia e nesta idade [preocupada], muito complicado”. Disse enfrentar dificuldades em aprender com rapidez o que se exigia no contexto da pandemia: “Eu não consigo aprender rápido o ensino da tecnologia, técnicas e estratégias das formas de uso das plataformas, não consigo aprender rápido”. Ela criticou o uso desmedido ou intenso da tecnologia: “Tudo

é feito pelo computador! Já nada é para pensar, não gosto desse jeito, o computador é manipulador do cérebro”.

A docente, como antes indicado, apresentou *stress* na fase de resistência. É dizer que passou pela primeira fase (fase de alarme), caracterizada como uma a reação de alarme que produz súbita descarga de adrenalina na circulação sanguínea e tônus muscular, para adentrar à segunda fase de tentativa de adaptação (resistência) à reação de luta e/ou fuga. A entrevistada passa por um trabalho de preocupação, complicação pelos fatores laborais que tem que cumprir, por isso se sentia em uma situação estressante. Caso esta fase se prolongue permanecerá o desequilíbrio ou esgotamento, chamada exaustão, passível de se configurar como *Burnout*. Apontamos que altas exigências favorecem fatores estressantes. No caso da terceira fase (exaustão), há prejuízos em várias direções, fisiológicos, cognitivos e emocionais, e se há fatores sociais e institucionais relacionados, o apoio social pode prefigurar como aspecto protetor (vide mais adiante análise da Categoria B).

E4Q12f- Trabalho intensificado

A docente se reclama as posturas de alguns docentes homens: “Tem muitos mais homens que mulheres em reuniões, tem mais homens que falam questões machistas e criam certo *stress*. Acabo sendo chata pela postura que tenho e é estressante”.

A docente que iniciou seu trabalho na instituição em período recente trabalha mais de 9h diárias e nos fins de semana (vide Síntese do Questionário), anseia o desenvolvimento na sua carreira: “O que vislumbro é a extensão da carreira”, e lamenta ser a questão de gênero um aspecto que dificulta. Seu desejo relativo à carreira docente se estabelece no contexto das políticas públicas derivadas da Reforma do Estado, no qual há uma articulação entre intensificação e precarização das condições de trabalho. Mencionou haver redução de concursos públicos, assim como das oportunidades de se desenvolver na carreira. Deseja se tornar titular, mas ainda não lhe é possível. Trata-se de dois pontos importantes: o primeiro, relacionado à sua condição de mulher; o segundo ao formalismo abstrato e dificuldades para o avanço na carreira docente.

Em face da realidade das políticas públicas derivadas da Reforma do Estado, o *produtivismo acadêmico*, produzido pela burocracia estatal como pilar central da instituição universitária, tende a ser internalizado pela docente na forma de desejo pela carreira. A docente pesquisadora comenta não ter tempo para o lazer nem suficiente descanso no final de semana. “As atividades de trabalho invadem e ocupam seu cotidiano,

o que nos remete ao trabalho como espécie de droga cotidiana” (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2018, p. 53).

A menção ao trabalho intensificado se evidenciou em sua fala:

Eu vou para minha casa e tudo é Universidade. Para fazer direto tudo; por exemplo, participar de uma comissão, organizar algum evento, preparar as aulas, pesquisar propriamente, corrigir atividades, atender aos alunos, ir onde precisam os alunos, propriamente voltado tudo na ponta do lápis, faz que o trabalho diário meio passe mais de 8 horas, faz mais de 12 ou 14 horas de trabalho. A jornada são mais de 8 horas, é muito! (E4Q12f).

A docente, quando se reúne com mais homens do que mulheres na universidade, sente os impactos deformantes do trabalho sobre a identidade feminina. O desgaste muitas vezes associado ao sofrimento mental e alterações fisiológicas origina “doenças psicossomáticas a partir de um *stress* continuado” (SELIGMANN SILVA, 2011, p. 153).

Apresenta *stress* relacionado à “sobrecarga quantitativa e qualitativa” do trabalho (SELIGMANN SILVA, 2011, p.126) que compreende: preparar aulas, ministrá-las, corrigir trabalhos de estudantes, atividades de pesquisa, reuniões, entre outras. Ademais, há a procura do reconhecimento e a preocupação de como os docentes de seu departamento a veem, colegas, familiares, a população, entre outros. Assim, relacionamos o *stress* à neurose de excelência e à intensificação no trabalho e medo de não ser avaliada dentro dos padrões considerados de excelência. As dificuldades encontradas tendem a gerar dinâmicas subjetivas degradantes e desgastantes da autoimagem e autoconfiança

Também, confirma trabalhar mais de 12 ou 14 horas diárias. A entrevistada disse trabalha na universidade e dentro da casa: “Propriamente voltado tudo na ponta do lápis”. As causas são devidas aos fatores estressores detalhados e relacionados às exigências das tarefas.

Além disso, queixa-se de que o trabalho é administrado de forma burocrática, assim como da existência de horários de trabalho inconvenientes, ambos apontados por como fatores estressores (SELIGMANN-SILVA, 2011, p.126).

E5Q14m-Trabalho intensificado

O entrevistado relata boa situação financeira: “Financeiramente, nós [família] estamos em uma situação muito boa! Isso significa que tenho satisfação”. Mas pondera:

“Mas realização não pode ser muito boa, porque a Universidade traz problemas e pode afetar no psicológico sobretudo dentro do departamento”

Diz:

Tenho problemas pessoais com algumas pessoas dentro do departamento e conflitos com colegas. Minha irritação é dentro da Universidade, com meus colegas. A pessoa tem briga comigo e acho que as pessoas comigo tem medo de falar. Você vê que é um processo muito superficial, ruim, fazer um trabalho, não de verdade, senão burocrático que existe uma expressão que é “lei para inglês ver” (E5Q14m).

A análise *dejouriana* aplica a questão do prazer e sofrimento da carga psíquica com as concepções de Marty (1998) aos estudos de Psicopatologia do Trabalho e a Psicodinâmica do Trabalho, assim faz assinalar que existem consideráveis diferenças entre as pessoas, quanto ao tipo de trabalho que lhes proporciona satisfação psicossomática e da perspectiva do desgaste mental (DEJOURS,1986). Na afirmação da entrevista que toma como foco sentir “satisfação no trabalho”, “problemas pessoais com algumas pessoas dentro do departamento e conflitos com colegas”, demonstraram interessantes aspectos da economia psicossomática do trabalho de risco, gerador de descarga de adrenalina (substância biológica) integrada no elemento fundamental do *stress* (DEJOURS, 1994, p.21-32). Tais aspectos serão retomados na análise da Categoria B.

E6Q17m- Trabalho intensificado

O docente ressalta aspecto do trabalho intensificado e relacionado às condições de trabalho:

A crise econômica para a remuneração docente vai tendo efeitos do incremento de horas e as remunerações entraram a um ciclo inferior. Estão entrando jovens no campo universitário e ainda com ferramentas digitais que na maioria de docentes que trabalham mais de 30 anos não estamos manejando do jeito que o setor do Instituto está pedindo. Precisa maior união entre os professores para trabalhar da melhor maneira, mas cada um está por seu próprio lado.

Nestes tempos se deram mudanças e o trabalhador menciona a crise econômica e pandemia, e a necessidade de adaptar-se à quarta revolução industrial, que o docente comenta: “Os que trabalham mais de 30 anos não estamos manejando do jeito que o setor do Instituto está pedindo”. Observa-se a evolução da tecnologia, utilizada pelo neoliberalismo para intensificar a dominação, expandir outros tipos de assalariados e expropriar a subjetividade. O processo de produção *toyotista* combina com o modelo administrativo que exalta a excelência: ambos prometem uma superação do taylorismo e uma liberdade que não se concretizam. Por isso, o setor do Instituto (administração) sofre mudanças, sem importar o psíquico e físico dos docentes. Existe a ocultação das relações do poder, escondendo a submissão forçada do trabalhador.

Esses princípios das relações do poder estão ligados ao gerencialismo que ganharam tamanho vulto e estão, cada vez mais, entrelaçados no tecido social. A sociedade se mobiliza a serviço da economia e a família é encarregada de produzir indivíduos autônomos, empregáveis e a educação deve satisfazer às necessidades do mercado. O homem deve transformar-se em um capital escravo e terceirizado: “Todos os aspectos da existência humana são apreendidos no registro da gestão. Da infância à aposentadoria, a gestão de si mesmo torna-se uma necessidade para se integrar” (GAULEJAC, 2007, p. 311).

O docente afirma: “Precisa maior união entre os professores para trabalhar da melhor maneira”. Consideramos pertinente aqui apontar para o sentido do trabalho na perspectiva de Lukács conforme comenta Antunes (2009). O trabalho é compreendido como atividade vital do ser social e reprodução da humanidade. Ato produtivo dos bens materiais e simbólicos socialmente necessários. Quando se procura compreender o sentido mais profundo do trabalho, podemos o considerar como protoforma da atividade humana. Uma construção humana, inevitável para a vida em sociedade. Significa dizer que, quando houver sociedade humana, haverá exercício de atos colaborativos e interativos. Justamente essa maior interatividade colaborativa é reclamada pelo docente, assim como por outros entrevistados.

E7Q24f - Trabalho intensificado

O docente enfatiza questões e dificuldades relativas à pesquisa ao comentar sobre o trabalho intensificado:

Tive problemas com as agências, aconteceram vários casos; por exemplo, submeter [projeto de pesquisa a um edital] que não é um edital de cooperação e o número de projetos [a ser contemplados] é muito pequeno... concentrar-se em uma única Universidade, existe problemas. Cada uma delas [agências de fomento] tem aspectos positivos e negativos. As agências são riquezas do país e tem uma história tradicional. Assim que, devemos ficar atentos para que o governo não destruía a ciência de nosso país (E7Q24f).

Neste contexto, o comentário da trabalhadora: “Tive problemas com as agências, aconteceram vários casos”, refere-se *prática universitária* que pode significar formas de efetiva materialização das políticas oficiais para a educação superior pública, por um lado, via redução de financiamento, constrangimentos da carreira docente, medidas de restrição do quadro docente, achatamento do salário, sobrecarga de trabalho, desorganização do trabalho, aumento da produção científica. Se induz o trabalho de precisa ter motivações e facilidades para prestação de serviços extra regime de trabalho, visando complementações salariais. relaxamento sem pressões e ameaças no trabalho para uma dedicação exclusiva, entre outros. Da mesma forma, “entendemos a relevância como cada instituição incorpora as políticas oficiais, dado ter cada qual sua própria densidade histórica já apropriada pelos seus professores” (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2018, p. 11).

Assim que, aponta a trabalhadora: “Devemos ficar atentos para que o governo não destruía a ciência de nosso país”, isso significa que nas universidades públicas aparecem ataques ideológicos e tendências privatistas. O projeto Future-se é exemplar, vem como um instrumento e significado de extermínio para as universidades, se apresenta como segmento da universidade de América, mas vemos um desmonte da Tecnologia, Ciência e dos Direitos do Trabalho Humano. O que precisamos é, como afirma a entrevistada, “ficar atentos” a correlação do Brasil, relações internacionais e o enfraquecimento da esfera pública.

A última entrevistada na psicometria resultou com *stress* na fase de resistência e sem TMC, comentou: “Teve problemas com as agências”, entre outras problemas do trabalho. Nesse processo, verifica-se em certas circunstâncias, uma desorganização progressiva no funcionamento psicossomático. A Saúde Mental Relacionado ao Trabalho

(SMRT) constata que existem consideráveis diferenças entre as pessoas, quanto ao tipo de trabalho que lhes proporciona “satisfação psicossomática” (DEJOURS, 1986, p. 128).

4.3.1 – Comparação da visão dos entrevistados sobre a intensificação do trabalho

Conforme o caso, a questão da intensificação do trabalho foi referida de forma relacionada, tais como: precarização do trabalho, gênero, relações de trabalho, ambiente acadêmico e universitário, falta de tempo para família ou vida social, entre outras. De modo geral, ao analisarmos a Categoria A, se observa que todos os entrevistados aludiram ao **Trabalho intensificado**. Ressaltamos que este se caracteriza por sobrecarga de trabalho e exigências no desenvolvimento das atividades de pesquisa, o que traz consequências como a vulnerabilidade ao *stress* e redução considerável do tempo para a convivência com a família, amizades e lazer, entre outros. Identificamos a intensificação e precarização das condições de trabalho docente, fomentadas pelo *produtivismo* acadêmico. Este *intensifica* e *extensifica* o trabalho docente, dotando-os de uma sociabilidade produtiva³. Compreende-se implicar em entrelaçamento de alienação e adoecimento. Como descrevem os autores que pesquisaram o tema: “o tempo da economia tende a tornar-se o tempo da produção acadêmica”, assim “o pesquisador que busca fazer ciência no tempo da ciência não tem mais lugar dentro desta nova universidade” (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009, p. 213).

Em termos comparativos, especificamos os seguintes aspectos:

- ✓ Destaca-se, os entrevistados (Q1f, Q2m, Q5f, Q12f, Q14m, Q17m e Q24f) apresentaram as pré-categorias **Relações de Trabalho e/ou Ambiente de trabalho**. Foram relatadas distintas situações, desde aquelas que envolvem conflitos e irritabilidade, que caracterizam o ambiente acadêmico como avesso às amizades, até outras nas quais houve consideração à existência de que existem amistosidades e respeito entre colegas - mas ressaltamos que foi apontado que cada um fica na sua própria sala, de forma independente, sem interação. A interação foi referida com maior frequência nas relações com estudantes e orientandos.

³ “A sociabilidade produtiva é a nova forma de ser do professor-pesquisador e do cidadão, com as formas atualizadas de exploração da mais-valia relativa e absoluta, leva o professor-pesquisador à exaustão por vontade própria” (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009, p. 47).

- ✓ Um motivo de problemas entre os trabalhadores docentes se relaciona à pré-categoria **GÊNERO** feminino (**Q1f**, **Q12f** e **Q24f**), que implica em desigualdades na carreira acadêmica, conflitos interpessoais, exigências similares para condições distintas de se poder atendê-las e falta de acordos entre homens e mulheres. Foram referidas posturas machistas por parte de alguns docentes homens da instituição
- ✓ Alguns docentes (**Q5F**, **Q17m** e **Q24f**) mais próximos da aposentadoria manifestaram problemas relativos à pré-categoria: **Relações de Trabalho e/ou Ambiente**, associados ao uso intenso da tecnologia. Uso de plataformas são exigidos sem que docentes as dominem. A globalização das novas configurações do trabalho, gera processos de manipulação da subjetividade, relativamente reforçados no contexto da pandemia, embora sejam relativos ao contexto geral de crescimento do capitalismo financeiro a nível mundial.
- ✓ Também, os entrevistados (**Q1f**, **Q12f**, **Q14m** e **Q24f**) ressaltaram a pré-categoria **Avaliação**. Foram feitas algumas críticas às condições de trabalho, como estancamento/redução de postos de trabalho docente e referências a grupos de elite, preferidos e definidos pelas agências de fomento. Também, injunções do modelo CAPES de avaliação, que segundo nosso entendimento naturalizam o produtivismo acadêmico no trabalho docente e exigências de quantidades elevadas de publicações, participações em bancas e organização de eventos científicos. Destacamos que a entrevistada **Q24f** proferiu frase que os docentes e discentes devem tomar em conta: [...] devemos ficar atentos para que o governo não destrua a ciência de nosso país”. Sua consideração nos remete à nossa preocupação com a educação superior, já que o neoliberalismo tende a convertê-la, de direito social e individual subjetivo, a um serviço de mercado. À vista disso, as transformações das universidades públicas se dão por intermédio de “uma privatização branca, dissimulada ou ‘por dentro’, e com a privatização propriamente dita, com vários níveis de adesão da educação ao mercado” (DIAS SOBRINHO, 2005, p. 79). A frase desse autor, mantém relação com a obra literária “Ensaio sobre a cegueira” do Prêmio Nobel de Literatura em 1988, José Saramago, que diz:

(...) a sua casa começava a cobrir a noite e ficava coberto de escuridão

(...). Tive que pensar que a escuridão em que o cego vivia, não era

mais que a ausência de luz do que chamamos cegueira, algo que se limita a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos traz um véu preto⁴ (SARAMAGO JOSÉ, 1998, p. 14).

- ✓ Uma minoria de homens **Q2m, Q14m** refere ser o trabalho cansativo, mas não desgastante. A pré-categoria **Desgaste** foi evidenciada no relato de docentes jovens. Tal categoria nos parece promissora para análise articulada das Categoria A (Trabalho intensificado) e Categoria B (*Stress*, sofrimento e adoecimento).

4.4 – Análise Categoria B: *Stress*, sofrimento e adoecimento

Neste item, seguimos o mesmo procedimento adotado na análise da categoria anterior: considerações gerais, comparativas e singulares de cada entrevistado.

Iniciamos com a apresentação do Quadro 4.3 (abaixo), no qual indicamos algumas falas emblemáticas dos sujeitos relacionadas ao *stress*, sofrimento e adoecimento.

Quadro 4.3 – *Stress*, sofrimento e adoecimento

Sujeitos	Categoria A: <i>Stress</i> , sofrimento e adoecimento
E1Q1f	<p>“O fato de ficar em casa e não ter vida social é bastante cansativo. Sinto falta de conviver com as pessoas, isso me incomoda muito”.</p> <p>“O ambiente acadêmico não é de amigos [...] poucas pessoas são amigas na vida acadêmica [...] ficamos fechados, cada pessoa fica em sua salinha”.</p>
E2Q2m	<p>“Tenho terapias e controle, porque todo o dia eu chorava muito, sofro depressão”.</p> <p>“Tenho saudades dos estudantes, não tenho com quem falar, sem interação é muito triste”.</p>
E3Q5f	<p>Nossa, aqueles tempos... Acho que não voltarão... Não temos interação social, não se tem abraço, beijo entre amigos [...]. Assim, ficaremos ainda mais com <i>stress</i>.</p> <p>“Não tenho amizades, só companheiros de trabalho”.</p>

⁴ Tradução e reescrita livre da autora com base na obra: “Ensayo sobre la ceguera” (SARAMAGO, 1998, p.14).

E4Q12f	<p>“Tinha uma ansiedade extrema, taquicardias de dizer: ‘tenho que fazer e fazer, fazer’. Às vezes tenho abusos do álcool, quando fico com <i>stress</i>, sou fumante” [...].</p> <p>“Numa sala de aula, dependendo da turma, se eu não tenho assertividade, pipoco, me falta ar”.</p>
E5Q14m	<p>“Eu tenho problemas para dormir” [insônia].</p> <p>“Eu não fico preocupado, fico mais irritado com coisas de trabalho cotidiano. [...] quando me sinto irritado, me sinto mais angustiado”.</p> <p>“Minha irritação é dentro da universidade, com os colegas”.</p>
E6Q17m	<p>“Você acredita que na idade que tenho possa ter uma aprendizagem do jeito que se tem que trabalhar? Eu acho que isso gera <i>stress</i>”.</p> <p>“Quando não consigo escrever o que organizei fico ansioso, preocupado [pensativo]. O sofrimento é que não consigo dormir do jeito que quero, tenho insônia, pressão alta continuada que não posso curar”.</p> <p>“Nestes tempos negativos, a pressão ainda vai ser maior, sofro hipertensão e desgaste físico”.</p>
E7Q24f	<p>“O ritmo de trabalho não diminui, também não eliminei problemas relativos ao <i>stress</i>”.</p> <p>“Agora é ruim não ter contato com pessoas, não encontro com meus filhos, amigos, alunos, netos, esse aspecto não é bom, [...]”</p> <p>“O acúmulo de trabalho é grande, e o <i>stress</i> vem daí. Trabalha, trabalha, trabalha! Está atrasado, trabalha, trabalha, trabalha e nunca acaba”.</p>

A seguir, apresentamos algumas considerações da visão de cada sujeito da pesquisa sobre as relações entre trabalho, sofrimento, stress e adoecimento. Posteriormente tecemos algumas comparações.

E1Q1f - Stress e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

A docente comenta acerca da pandemia: “O fato de ficar em casa e não ter vida social é bastante cansativo, sinto falta de conviver com as pessoas, isso me incomoda muito”. Porém, menciona aspecto negativo nas interações no trabalho: “O ambiente acadêmico não é de amigos [...] poucas pessoas são amigas na vida acadêmica”. Também, afirma acerca do machismo na relação com colegas e desigualdades de gênero no tocante à possibilidade de atender aos critérios de produção, tal como antes apontamos. Embora,

não apresente *stress*, refere algumas situações de irritação e restrições para desfrutar maior tempo de lazer e com a família. Podemos dizer ser a universidade fator de exigência de um corpo produtivo.

O pesquisador francês no seu livro “A loucura do trabalho”, contribui para analisar o sofrimento humano pessoal e do trabalho, demonstrando o impacto sobre o aparelho psíquico: “O corpo só pode ser aceito no silêncio dos órgãos; somente o corpo que trabalha, o corpo produtivo do homem, o corpo trabalhador da mulher são aceitos; tanto mais aceitos quanto menos se tiver necessidade de falar deles” (DEJOURS,1992, p.32).

O aparelho mental dos trabalhadores é atingido pela insatisfação e ansiedade. A docente se manifesta de sobrecarga e atividades não concretizadas, em função de sobrecarga. A docente não apresenta descompensações neuróticas e psicóticas que dependem da estrutura das personalidades formadas muito antes do engajamento do trabalhador no sistema produtivo. O francês, defende que, quando há descompensação, a chefia deva intervir para garantir a eliminação da manifestação do sofrimento, indicando a importância da diminuição das pressões ou exigências: “Basta diminuir a pressão organizacional para fazer desaparecer toda manifestação do sofrimento” (DEJOURS, 1992, p.120).

E2Q2m- *Stress* e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

O docente declara: “Estou indo ao psiquiatra e tenho um psicólogo. Tenho terapias e controle, porque todo o dia chorava muito, sofro depressão”. Durante entrevista se percebeu que tremiam suas mãos, que também suavam. Também, o docente lamentou a situação da pandemia e da falta de interação com estudantes: “Tenho saudades dos estudantes, não tenho com quem falar, sem interação é muito triste”.

O entrevistado foi avaliado com *stress* e com transtorno mental comum. Na perspectiva teórica do *stress* de vários autores se identificaram diferentes estressores que podem prejudicar o equilíbrio psico-orgânico, inclusive em nossa parte psíquica e fisiológica, respectivamente, distúrbios afetivos e do humor, e danos nos sistemas, hormonais e órgãos. O trabalhador fica silenciado, com atitude passiva diante de certas situações no trabalho, vida familiar e cotidiano - como doença, sofrimento, injustiças, entre outros. O docente relaciona sentimentos de tristeza aos relacionamentos pessoais e familiares. O trabalho serve como atividade que o alivia da tensão de casa. Refere gostar de estar em sua sala de trabalho. Apesar da pandemia, frequentava a universidade, onde foi realizada a entrevista.

E3Q5f -*Stress* e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

A docente comenta sobre o trabalho na situação da pandemia: “Nossa, aqueles tempos [nostálgica]. Acho que não voltarão!”. E acrescenta: “Não temos interação social, não tem abraço, beijo entre amigos”. Ao considerar tais aspectos, diz: “Ficaremos ainda mais com *stress*”.

A docente lembra tempos antes do isolamento e lamenta não viver com a mesma intensidade de interação social. As mudanças no comportamento forjadas pela situação da pandemia, repercussões nas emoções e sentimentos se sente no corpo (mãos e pés trêmulos e com suor) e implica, em desgaste, que, segundo a abordagem integradora de Seligmann-Silva (1986), pode ser compreendido como uma perda da capacidade potencial, corporal e psíquica. Na situação de desgaste pode haver também corrosão dos laços da solidariedade. Podemos considerar a dimensão do desgaste concreto, orgânico, assim como o desgaste da esperança, a mutilação da personalidade, deterioração de autoestima e autoimagem.

Além disso, a trabalhadora comenta que treme e suam as mãos e os pés, os níveis de desgaste são orgânicos, mentais e físicos. O desgaste orgânico é um desgaste neurotóxico, mas tal dimensão não pode ser separada da dimensão psíquica.

E4Q12f -*Stress* e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

A trabalhadora diz: “Tinha uma ansiedade extrema, taquicardias de dizer: Tenho que fazer e fazer, fazer!”. Ao que acrescenta: “Às vezes faço abuso do álcool, quando fico com *stress*, sou fumante”.

Em relação à dimensão familiar, diz: “Sinto uma união com minha mãe, mas não como melhor amiga, porque é distante (...) ela não tem tempo para mim, fica ocupada. Eu também, nossa relação é superficial”.

No caso da saúde da docente foram confirmados o *stress* na fase de resistência com TMC, tendo ansiedade extrema cada vez que lembra “tenho que fazer e fazer”, relato que pode ser vinculado ao desgaste, ao consumo do substrato e energias vitais do trabalhador. O conceito de desgaste se fundamenta no materialismo histórico-dialético. Nas análises da produção de desgaste mental no trabalho se focaliza a dominação, superando as limitações dos estudos convencionais do *stress*, uma vez que são consideradas as determinações sociais dos processos de saúde-doença (LAURELL; NORIEGA, 1989).

O resultado positivo no inventário do stress e no TMC, indicam relação entre adoecimento e *stress*. As relações entre trabalho e desgaste mental são consideradas por distintos referenciais teóricos e modelos. Consideramos alguns referenciais e modelos no campo da saúde mental relacionada ao trabalho. Conforme especialista em saúde pública, o modelo do *stress* apresenta-se como uma “perspectiva positivista dominante nos estudos da medicina” (visão behaviorista), tais estudos, porém, tendem a desenvolver, mais recentemente, modelos mais complexos (SELIGMANN SILVA, 2011, 127).

A docente se sente distante pela falta de confiança, carinho e sem poder falar com pessoa significativa, sua mãe. Lamenta não poder comentar os seus problemas e fatores estressores vividos que implicam em “abusos do álcool e cigarro”.

A situação do desgaste inclui elementos que podem ser compreendidos em suas correlações, de modo a podermos articular e integrar contribuições do modelo de *stress* à PDT. A dinâmica do reconhecimento está inter-relacionada à subjetividade que se articula ao mundo social. No caso da docente podemos apontar para o estreitamento da vida afetiva ou até mesmo à *normopatia*, relacionada com a desafetação e alexitimia, à economia psíquica na qual vínculos afetivos estão ausentes (FERRAZ, 2002).

E5Q14m -Stress e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

O docente diz: “Eu tenho problemas para dormir [insônia]” e “necessidade de dormir”. Comenta (quando levado à entrevistada a notar seu corpo): “Minhas mãos tremem e suam e são frias. Também meus pés são frios, mas não tremem”.

Diz: “Quase sempre que queremos passear [se refere a ele e sua esposa] por algum lugar, sempre fico doente” [sorri].

Refere irritação e tende a considerá-la distinta da preocupação: “Eu não fico preocupado, fico mais irritado com coisas de trabalho cotidiano [...] Quando me sinto irritado, me sinto mais angustiado”.

Trata-se de um docente que utiliza defesas psicológicas na entrevista. Tende a alegar estar bem. Menciona raiva, mas considera não se “envenenar” por ela. Como foi expressado: “Eu não fico preocupado, fico mais irritado”. Não obstante, manifesta percepção de um sofrimento psíquico.

Nesse sentido, notemos que o entrevistado afirma ter problemas, fica angustiado quando tem irritação que afeta o psíquico e fisiológico pelos sofrimentos de não conseguir dormir. O docente refere sentimentos de tristeza e irritação, o que implica em modificações somáticas e cognitivas que pode afetar a capacidade individual e desempenho.

A existência do sofrimento se revela quando diz que sai para “passear” com sua mulher “por algum lugar” e sempre fica “doente”. Considerando a dimensão ontológica, podemos considerar que não se está conhecendo a ele mesmo e sua natureza. Tende a negar problemas de existência de saúde, vida pessoal, sofrimento psicológico e relacionamento, não está no horizonte de preocupações de seu próprio ser.

A resposta das causas de transtornos no corpo está descrita nas características no fisiológico como comenta: “Minhas mãos tremem e suam e são frias” e “meus pés são frios”. Estão relacionados a *autorrepressão*, ou seja, ao bloqueio à expressão dos próprios sentimentos. A irritação pode constituir risco para a progressão na carreira profissional. A irritação evolui com a fadiga que pode ser despertada por circunstâncias das atividades de trabalho, também por situações conflituosas com outras pessoas. A *autorrepressão*, o nervosismo, o estado fisiológico e os sintomas revelam o desgaste da sua saúde. Indicam uma energia esgotável que mostra mal-estar-problema em expansão no dia de hoje, referente aos trabalhadores adoecidos que escondem sintomas, temerosos de perder o emprego (LINHART, 2009).

E6Q17m- Stress e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

O trabalhador diz: “Você acredita que na idade que tenho possa ter uma aprendizagem do jeito que se tem que trabalhar? Eu acho que isso gera *stress*. Sim, hipertensão, desgaste físico”.

As manifestações relatadas “hipertensão, desgaste físico”, nesses casos formam, situações típicas da *síndrome de fadiga* e problemas correlacionados ao aumento da jornada de trabalho. Cansaço e prejuízos orgânicos que descreve o trabalhador. Por isso, o resultado deu positivo na avaliação do *stress* (fase de resistência).

Frequentemente, pode ser constatado a exacerbação de problemas de saúde preexistentes, provocada pela intensificação das atividades e pelo aumento de tensões derivadas da própria vida laboral, como descreve o docente: “Precisa maior união entre os professores para trabalhar da melhor maneira, mas cada um está por seu próprio lado”.

Porém, um autor propõe um modelo tridimensional do ambiente psicossocial de trabalho com três eixos básicos: as exigências do trabalho, os níveis de apoio social ao executante das tarefas e os níveis de controle do trabalhador. Comenta as teorias de *stress* com avanços e insuficiências que podemos mencionar como fatores psicossociais, fatores de risco e fatores mentais. Desse modo, o conceito integrado de *stress* articula-se com outros modelos. O autor abre perspectiva valiosa para o desenvolvimento de pesquisas

sobre determinações macrossociais e organizacionais. Também, Seligmann-Silva afirma que o termo *coping* é comum e designa as estratégias para lidar com os fatores estressores.

O modelo psicanalítico se propõe uma dinâmica contextualizada que se considera os processos psicossociais, tendo em conta a dinâmica psíquica, onde pode haver um bloqueio da criatividade, a partir de fontes organizacionais. O desgaste mental pode ser compreendido como derivado de paradigmas de excelência, ressalta-se a questão de ressentimento na subjetividade, relações de trabalho e no coletivo. Também, acontece vergonha silenciosa, que tende a ficar encerrada (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Além disso, ressaltamos o poder econômico e político; o poder econômico induz o uso máximo de potenciais e capacidades; o político, docilidade e sujeição. Desse modo, processos de saúde-doença se relacionam à injustiça social, alienação, fetichismo, sujeitos em relação reificados (LAURELL, 1983; NORIEGA, 1989).

E7Q24f- Stress e/ou Adoecimento (processos de saúde doença)

A trabalhadora relata: “Então, o acúmulo de trabalho é grande, e o *stress* vem daí: trabalha, trabalha, trabalha! Está atrasado, trabalha, trabalha, trabalha e nunca acaba...”. Ao que acrescenta: [muita] exigência.

Refere preocupação e irritação: “Talvez, preocupada se tenho muitas tarefas, irritada quando não prestam atenção sobre minha opinião ou não concordo com propostas que foram aprovadas nas reuniões”. Indica sintoma físico característico do *stress*: “Sim, tenho pressão alta”.

Desse modo, a entrevistada faz uma análise: “O acúmulo de trabalho é grande, e o *stress* vem daí” propiciando uma opinião de que há muitas forças contribuindo para as situações de sofrimento no trabalho. O sofrimento é muitas vezes provocado pelo próprio estado mental do trabalhador e não apenas por forças externas. Vários autores nos ensinam a refletir sobre a necessidade de pesquisar sobre a saúde e qualidade de vida no trabalho, como o ratifica (DEJOURS, 1992): “Nós procuraremos divulgar aquilo que, no afrontamento do homem com sua tarefa, põe em perigo sua vida mental”.

Ainda, afirma a entrevistada: “Preocupada se tenho muitas tarefas, irritada[...]”, causada pela ansiedade e as relações de trabalho. Podemos relacionar às metas da produtividade, manipulações psicológicas, competições grupais ou individuais, entre outros. A ansiedade pode ser relacionada à degradação do mental e do equilíbrio psicoafetivo (DEJOURS, 1992).

Porém, no comentário da docente se conclui que há uma dimensão ética e política do sofrimento e/ou adoecimento, intrínsecas à condição institucional da universidade,

características de suas transformações. Conforme aponta Silva (2013), as subjetividades forjadas na sociabilidade produtiva, ainda que possam ser refratárias aos seus ditames desumanizantes, também são refratadas de seus ideais éticos e políticos, devido à condição objetiva, limitada, de sua atividade laborativa (SILVA,2013).

Finalmente, a trabalhadora diz “Não concordo com propostas que foram aprovadas nas reuniões”. Significa haver contrariedades da trabalhadora com as mudanças na universidade, repercussões da expansão e reestruturação da educação superior pública, que criam uma rotina marcada por precarização e intensificação no cotidiano laboral.

4.4.1 – Comparação dos entrevistados em termos do *Stress*, sofrimento e adoecimento

Os aspectos da saúde foram referidos e relacionados ao trabalho, vida familiar, vida social, gênero, ambiente acadêmico e universitário, assim como a aspectos relacionados à categoria anterior (Trabalho intensificado), como dificuldade para organizar o tempo ou realizar todas as tarefas demandadas no trabalho, falta de tempo para família ou vida social, entre outras. Ademais, as questões de saúde foram mencionadas com alusão a uma variedade de sintomas, como: cansaço, tristeza, depressão, angústia, falta de excitação ou entusiasmo, ansiedade, sentimentos contraditórios, prazer-desprazer, oscilações do humor (bipolaridades), irritação, frustração. Ou seja, uma série de aspectos que já haviam sido detectados nos dados dos Questionários e que na entrevista puderam ser melhor elucidados.

Em termos comparativos, relacionamos os seguintes aspectos:

- ✓ Todos os entrevistados (Q1f, Q2m, Q5f, Q12f, Q14m, Q17m e Q24f) apresentaram as pré-categorias: **Sufrimento** (prazer x desprazer); **Sufrimento e adoecimento** (processos de saúde-doença); **Vida familiar e cotidiano**. Apresentam *stress* em diferentes fases: o Q2m a fase de quase exaustão, Q5f a **fase de resistência**, Q12f a **fase de resistência**, e o Q24f a fase de resistência, também foi avaliado o TMC nos entrevistados (Q2m e Q12f);
- ✓ Também, os trabalhadores (Q2m, Q5f, Q12f, Q14m, Q17m e Q24f) apresentaram problemas de saúde, sendo medicados. Foram evidenciadas as seguintes pré-categorias: **Sufrimento e adoecimento** (processos de saúde-

doença), diabetes, taquicardia, pressão alta, insônia, transtorno, depressão e desgaste físico;

- ✓ A maioria dos entrevistados (**Q1f, Q2m, Q12f, Q14m e Q24f**). apresentaram as pré categorias prazer, desprazer e sofrimento: **prazer** pelo envolvimento com a pesquisa, estudos e relações com estudantes; **desprazer** pela irritação, oscilações do humor, frustração, nervosismo que pudemos relacionar à intensificação do trabalho, dentre outros fatores (vide **Gráfico 3.13**); **Sufrimento e adoecimento** (processos de saúde-doença); desgaste físico e mental;
- ✓ Vários docentes confirmaram (**Q2m, Q12f, Q14m e Q17m**) que quando apresentam problemas familiares ou conjugais, preferem estar na universidade (próprias salas) ou na sua casa encerrados.
- ✓ No caso dos entrevistados (**Q2m e Q12f**) seguem tratamento psicoterápico relacionado às seguintes pré categorias: **Sufrimento e adoecimento** (processos de saúde-doença), já que sofre o primeiro docente de depressão e a segunda docente de transtorno de pânico e ansiedade, ambos tendem a sentir **prazer** pelos estudos e pesquisas (ter reconhecimento); **Sufrimento e desprazer**, pela angústia, causa do uso do álcool e cigarro;
- ✓ Finalmente, dos entrevistados, 1 dos 8 docentes (**Q2m**), apresenta fase avançada de *stress*, chamada quase exaustão, ressaltando a pré categoria: **desprazer** pela depressão, relacionada aos problemas familiares. A única alternativa é o seu filho, que lhe motiva a seguir em frente. Por isso, podemos considerá-lo como em situação próxima ao do *burnout*, com o tempo pode apresentar manifestações da fase de exaustão que eclode de modo aparente e brusco, sob a forma de crise e de desequilíbrio psicossomático.

4.5 – O *stress* no trabalho docente: desgaste biopsíquico e relações com o trabalho intensificado e dinâmica institucional da Universidade.

As análises das duas Categorias (A e B) realizadas com base nos dados dos questionários e das entrevistas comprovam a importância do aspecto socioinstitucional na psicodinâmica do *stress* ou desgaste biopsíquico. O corpo biológico do docente, as respostas corporais patológicas, podem ser compreendidas como reações frente à condição ontológica do trabalho e cotidiano laboral.

O contexto laboral sofre determinações da sociabilidade produtiva, das determinações da sociedade capitalista sobre o Estado, políticas educacionais e universidade. A realidade concreta do trabalho e do cotidiano social e laboral são perpassadas por relações de dominação, poder e *desgaste* socio institucional. O poder não somente se caracteriza por ação repressiva ou controle, ele induz à internalização, pelos docentes, dos objetivos institucionais de alta produtividade, cujo objetivo é econômico e sociopolítico.

Consideramos que a realidade socioinstitucional deva ser compreendida por uma abordagem interdisciplinar, com ênfase no conceito integrador do *desgaste*. Considerar o *desgaste* como biopsíquico e socioinstitucional implica em compreender que no trabalho incidem aspectos biopsicossociais determinantes dos processos de saúde- doença. Ademais, “o conceito foi construído tendo em base o materialismo histórico” para a compreensão do adoecimento e apresenta uma perspectiva dos impactos do trabalho dominado sobre a saúde dos trabalhadores (SELIGMANN SILVA, 2011, p.135).

Portanto, considerando-se o que foi apontado nas análises precedentes das Categorias A e B e dos dados dos questionários e entrevistas, podemos indicar a existência de uma relação significativa entre *stress* e o *desgaste* da realidade da dinâmica institucional da Universidade, a saber: a sobrecarga de trabalho em função do acúmulo de atividades dos trabalhadores; formas de avaliação individualizadas com base no gerencialismo, incitadoras do produtivismo acadêmico, competitividade e enfraquecimento dos laços coletivos de trabalho; irritabilidade familiar, social e burocrática do trabalho. Do ponto de vista do adoecimento, podemos apontar para falta de excitação, transtornos (ansiedade; depressão), hipertensão, entre outros agravos psicossomáticos.

Dejours (1993) compreende que trabalhar é uma forma de relação social, como a nossa sociedade é marcada pela desigualdade, pelo poder e dominação, pela hierarquia, logo, esses elementos estão todos presentes no trabalho. O autor procura indicar a importância dos aspectos sociais e da gestão e organização do trabalho tanto para as situações de adoecimento como para as situações da manutenção do equilíbrio psicossomático. Nossa pesquisa demonstrou que os processos avaliativos e de financiamento de pesquisas são fatores indutores de uma sociabilidade produtiva e da intensificação do trabalho. Esta tende a ser internalizada pelos docentes e acarretar em sofrimento e *stress*; também, em adoecimento de parte deles. As situações familiares e outras podem reforçar o sofrimento, *stress* e/ou problemas de saúde relacionados ao

trabalho e dinâmica universitária.

Portanto, as transformações nas condições de trabalho dos docentes investigados resultam na intensificação do trabalho, no *produtivismo acadêmico* e na vulnerabilidade ao *stress*, e em alguns casos, ao *burnout* ou adoecimento. O aumento da carga de trabalho docente, a pressão por produtividade científica e o estímulo à competição universitária são aspectos relacionados ao desgaste (Seligmann-Silva,1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da pesquisa, de investigar a psicodinâmica do *stress* e possíveis implicações para a saúde e subjetividade de docentes de um Programa de Pós-Graduação de renomada Universidade pública do Estado de São Paulo, foi atingido. Pudemos apontar para a relação entre o trabalho intensificado e o *stress* que foi identificado em 33,33% dos docentes da amostra. A fase de resistência do *stress* foi a mais evidenciada nos casos dos sujeitos estressados.

Foi comprovada a hipótese da existência de docentes (homens e mulheres) com *stress*, sendo que dentre os sujeitos por nós pesquisados prevaleceu o caso de mulheres. Também, a intensificação do trabalho se expressou em casos de sofrimento relacionado ao trabalho, irritação, conflitos, frustração etc. O sofrimento psíquico nem sempre redundava em *stress*, nem em Transtornos Mentais Comuns (TMCs), ainda que tais situações tenham sido identificadas. Há situações de sujeitos estressados sem TMC, de sujeitos estressados com TMC e de sujeitos com TMC sem *stress*. Também, docentes que preservam sua saúde mental, mas não ficam imunes a desenvolver tais problemas. Ademais, não são apartados do cotidiano social e laboral que os torna vulneráveis ao sofrimento, *stress* e/ou adoecimento.

Pudemos apresentar uma análise e crítica dos modelos de avaliação e do gerencialismo, de modo a demonstrar repercussões negativas ao trabalho e saúde docente. As metas e objetivos exigidos em contextos e relações de trabalho avessos à sua concretização tendem a gerar os referidos sofrimentos patogênico, *stress* e/ou adoecimento. Não obstante, há também referência ao prazer no trabalho. Em alguns casos certa fetichização do prazer. Identificamos relatos defensivos e de negação do sofrimento em alguns casos nos quais foi identificado *stress* e/ou TMC.

Demonstramos haver uma correlação de inúmeros fatores na causa do *stress*, desde os mais amplos (sociais, institucionais e organizacionais) até os relacionados às situações vivenciadas no trabalho e cotidiano. Há um conjunto de interação de aspectos físicos, psicológicos e psicossociais na determinação do *stress*.

Algumas questões podem vir a ser aprofundadas por outros estudos, como a questão do reconhecimento, as formas de manipulação da subjetividade e os aspectos éticos e políticos que podem constituir formas de fortalecimento dos professores frente às adversidades da intensificação do trabalho e da dinâmica produtivista das práticas universitárias.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2.ed. São Paulo, SP: Boitempo. 258p., 2009.

ARANTES, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha; VIEIRA, Maria José Femenias. **Estresse**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, Coleção Clínica Psicanalítica. 142p., 2010.

ARAÚJO, José Newton Garcia de. **Trabalho e usos da subjetividade**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, v.64(2), p.35-46, 2012.

BARBOSA, João Ilo Coelho. **Sinto-me estressado por não saber dizer não**. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org.). **O stress está dentro de você**. 2.ed. São Paulo, SP: Contexto, p.97-112, 1984/2000.

BERNARDES, Kionna Oliveira; ARAÚJO, José Newton Garcia de., Tânia Maria de; PINHO, Paloma de Sousa; CONCEIÇÃO, Ana Cláudia. Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20). **Revista Baiana Saúde Pública Miolo**, v.34, n.3, p.544-560, 2010.

BIAGGIO, Angela Maria Brasil. A ansiedade do dia a dia. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org.) **O stress está dentro de você**. 2.ed. São Paulo, SP: Contexto, p.51-60, 2000.

CASADORE, Marcos Mariani. Fatores psicossociais e a complexidade do trabalho: perspectivas da Psicossociologia. In: SCHMIDT, Maria Luiza Gava; CASTRO, Matheus Fernandes de; CASADORE, Marcos Mariani (orgs.). **Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho: aspectos teóricos, metodológicos, interventivos e preventivos**. São Paulo: FiloCzar, capítulo 2, p.29-40, 2018.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 611p., 2001.

CASTRO, Fernando Gastal de; ZANELLI, José Carlos. *Burnout* e perspectiva clínica: contribuições do Existencialismo e da Sociologia Clínica. **Psicologia: Organização e Trabalho**, 10 (2), p.38-53, 2010.

CODO, Wanderley; VASQUES–MENEZES, Iône. Burnout: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. São Paulo, **Caderno de Saúde do Trabalhador**. INST/CUT, p.29-32, 2000.

CODO, Wanderley, JACQUES, Maria de Graça (org.). **Saúde mental e trabalho: leituras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 420p., 2002.

CUNHA, Marília Aparecida de Souza. **Aplicação do SRQ-20 e protocolo de avaliação psicológica em pacientes com Hanseníase**. Uberlândia, MG; Universidade Federal de Uberlândia (Mestrado em Ciência da Saúde), 2014.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian; **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo, SP: Boitempo. 416p.,2016.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea.** São Paulo, SP: Boitempo. 206p., 2008.

DEJOURS, Christophe. **Travail vivant 2: travail et émancipation.** Editorial: Payot & Rivages, Paris, 2009.

_____. O trabalho como enigma. In: LANCMAN, Selma & SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, p.127-140, 2004a.

_____. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: LANCMAN, Selma & SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, p.141-155, 2004b.

_____. **O fator humano.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1997.

_____. 2.ed. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo, Atlas, 145p., 1994.

_____. Inteligência operária e organização do trabalho: o propósito do modelo japonês de produção. In: Hirata, Helena (org.). **Sobre o modelo japonês: automatização, novas formas de organização do trabalho e de relações de trabalho.** São Paulo: Edusp, p.281-309, 1993.

_____. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** São Paulo, SP: Cortez. 168p., 1992.

_____. **O corpo entre a biologia e a psicanálise.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 183p., 1988.

_____. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional,** São Paulo, v.14, n.54, 1986.

DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 258 p.

ENRIQUEZ, Eugene. **A organização em análise.** Petrópolis, RJ: Vozes. 301p., 1997a.

_____. O indivíduo preso na armadilha da estrutura estratégica. **Revista de Administração de Empresas (RAE),** São Paulo, v. 37, n.1, p. 18-29, jan./mar., 1997b.

FACAS, Emilio Peres. Avaliações de risco psicossociais no trabalho: contribuições da Psicodinâmica do Trabalho. In: SCHMIDT, Maria Luiza Gava; CASTRO, Matheus Fernandes de; CASADORE, Marcos Mariani (orgs.). **Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho: aspectos teóricos, metodológicos, interventivos e preventivos.** São Paulo: FiloCzar, capítulo 3, p.41-53, 2018.

FELTON, James. Burnout as a clinical entity: its importance in healthcare worker. **Occup. Med.,** v.48, n4, p. 237-250, 1998.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Normopatia: sobreadaptação e pseudonormalidade.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 148p., 2002.

FREITAS, Luis Carlos. Políticas de avaliação no Estado de São Paulo: o controle do professor como ocultação do descaso. São Paulo, **Educação e Cidadania,** v.8, n.1, p. 59-66, 2009.

FREUD, Sigmund. **Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v.3, p.115-132, 1895.

_____. **O mal-estar na civilização**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v.21, p.73-171, 1930/1990.

GAULEJAC, Vincent de. **A gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, SP. Ideias & Letras. 307p., 2007.

GLINA, Débora Miriam Raab. Modelos teóricos de estresse e estresse no trabalho e repercussões na saúde do trabalhador. In: GLINA, Débora Miriam Raab; ROCHA, Lys Esther (orgs.). **Saúde mental no trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2010.

GUIMARAES, Suely Sales. Valores e princípios: aprendi assim. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org.). **O stress está dentro de você**. 2ed. São Paulo: Contexto, p. 61-74, 2000.

GONÇALVES, Daniel Maffasioli; STEIN, Airton Tetelbon; KAPCZINSKI, Flavio. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. Rio de Janeiro, **Revista Cad. Saúde Pública**, v.24, n.2, p.380-390, fev., 2008.

HARDING, Thomas W.; DE ARANGO, M. V.; BALTAZAR, J.; CLIMENT, C. E.; IBRAHHIM, H. H. A.; LADRIDO-IGNACIO, L.; SRINIVASA MURTHY, R; WIG, N. N. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. **Psychol. Med.**, 10: 231-41, 1980.

HELOANI, José Roberto. **Gestão e organização no mundo globalizado: a história da manipulação psicológica no mundo trabalho**. São Paulo, SP, Atlas, 240p., 2003.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. **Stress, appraisal and coping**. 1st Edition, Springer Publishing Company. New York, 1984.

LAURELL, Ana Cristina; NORIEGA, Mariano. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo, SP: Hucitec. 333p., 1989.

LÉDA, Denise Bessa; RIBEIRO; Carla Vaz Santos; SILVA, Eduardo Pinto e. A expansão da educação superior pública e suas implicações no trabalho docente. Natal, **Revista Educação em Questão**, v.51, p.147-174, 2015.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina, RODRIGUES, Luiz Avelino. **Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática**. 2.ed. São Paulo, SP: Atlas, 154p., 1999.

LINHART, Danièle. Modernização e precariedade da vida profissional. **Papeles do CEIC**, Universidade de Paris. Volumen.1, n.43, p.1-19, março, 2009.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org.). **O stress no Brasil: pesquisas avançadas**. Campinas, SP: Papirus. 223p., 2004.

_____ (org.). O que tenho é *stress*? De onde ele vem? In: **O stress está dentro de você**. 2ed. São Paulo: Contexto, p. 9-18, 2000a.

_____ (org.) O círculo vicioso: todos se estressam na família. In: **O stress está dentro de você**. 2ed. São Paulo: Contexto, p. 169-182, 2000b.

_____ (org.). Fácil para os outros, difícil para mim. Por quê? In: **O stress está dentro de você**. 2ed. São Paulo: Contexto, p. 183-196, 2000c.

_____ (org.). O stress do professor da pós-graduação. In: **O stress do professor**. Campinas, SP: Papyrus, p.55-62, 2002.

_____ (org.). **Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; GUEVARA, Arnoldo J. de Hoyos. Validação empírica do Inventário de Sintomas de Stress (ISS). Campinas, SP: **Estudos de Psicologia**, 11 (3), p.43-49, 1994.

MALAGRIS, Lucia Emmanuel Novaes. Correr, competir, produzir e se estressar. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org.). **O stress está dentro de você**. 2ed. São Paulo, SP: Contexto, p. 19-32, 2000.

MARGIS, Regina; PICON, Patrícia; COSNER, Annelise Formel; SILVEIRA, Ricardo de Oliveira. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Rev. Psiquiatria**, 25 (1), p.65-74, 2003.

MARTY, Pierre. **Mentalização e psicossomática**. 1.ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. 55p., 1998.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. 1.ed São Paulo, SP: Boitempo. 132p., 2013.

MASSINI, Vitoria Nonato. **Estudo das cardiopatias coronárias sob o ponto de vista da lei de acidentes do trabalho**. Tese de Livre-Docência. Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 1984.

OIT (2010). **Lista de enfermidades profissionais de la OIT**. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---safework/documents/publication/wcms_125164.pdf. Acesso em: 10 junho, 2020.

OPAS (2018). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5694:saud-e-mental-e-necessario-aumentar-recursos-em-todo-o-mundo-para-atingir-metas-globais&Itemid=839. Acesso em: 17 agosto, 2020.

PALÁCIOS, Marisa; JARDIM, Silvia Rodrigues; RAMOS, Andréia; SILVA FILHO, João Ferreira da. Validação do Self-Report. Questionnaire-20 (SRQ-20) numa população de trabalhadores de um banco estatal no Rio de Janeiro, Brasil. In: Silva Filho João Ferreira da; Jardim S. (org.). **A danação do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, p.225-241, 1998.

REINHOLD, Helga Hinkenickel. O burnout. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (org). **O stress do professor**. Campinas, SP: Papirus, cap.5, p 63-80, 2002.

RUZA, Fabio Machado. **Trabalho e subjetividade do professor da pós-graduação da UNESP: o sentido do trabalho e as relações entre sofrimento e prazer**. 296p. Tese de Doutorado em Educação- Linha de Pesquisa: Estado, Política e Formação Humana- Universidade Federal São Carlos, São Carlos. 2017.

RUZA, Fabio Machado; SILVA, Eduardo Pinto e. As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho está suspenso? **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 16 (1): 91-103, abril, 2017.

SARAMAGO, José. **Ensayo sobre la ceguera**. 4^{ta} Edición, Editorial Seix Barral/Biblioteca Breve, 334 p., Lima-Perú,1998.

SATO, Leny. Trabalho como categoria explicativa dos problemas psicossomáticos e de saúde mental. In: VOLICH, Rubens Marcelo., FERRAZ, Flavio Carvalho.; ARANTES, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha (org.). **Psicossoma II: psicossomática psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo,1998.

SCHAWAB, Klaus (2016). Disponível em: <https://www.startse.com/noticia/nova-economia/industria-4-0-entenda-o-que-e-quarta-revolucao-industrial>. Acesso em: 23 outubro, 2020.

SCHMIDT, Maria Luiza Gava; CASTRO, Matheus Fernandes de; CASADORE, Marcos Mariani. **Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho: aspectos teóricos, metodológicos, interventivos e preventivos**. São Paulo: Filo Czar, 455p., 2018.

SCHMIDT, Maria Luiza Gava; BARBOSA, Walnei Fernandes; PRADO, Juliana de Almeida; BERTOLOTE, José Manoel; SILVA, Fabiana Travaglini de Abreu; ARCOS, Vânia de Lourdes; TOLEDO, Maria Luisa Moura Bresigghello. Estabelecimento denexo de causalidade entre trabalho e adoecimento mental: impacto de fatores psicossociais. In: SCHMIDT, Maria Luiza Gava; CASTRO, Matheus Fernandes de; CASADORE, Marcos Mariani (orgs.). **Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho: aspectos teóricos, metodológicos, interventivos e preventivos**. São Paulo: FiloCzar, capítulo 17, p.419-443, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Edith. Psicopatologia e psicodinâmica do trabalho. In: MENDES, Rene (org.). **Patologia do Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Ateneu, p. 122-310, 1995.

_____. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez. 622p., 2011.

SELYE, Hans. A syndrome produced diverse nocuous agents. **Nature**, v. 138, n. 32, 1936.

_____. The general adaptation syndrome and the diseases of adaptation. **Journal of Clinical Endocrinology**, n.6, 1946.

_____. The story of the adaptation syndrome- evolution of the stress concepts. Purely descriptive characterization of the adaptation syndrome. **Montreal: Acta Inc Medical Published**, 1952.

SELYE, Hans. **Stress: a tensão da vida**. 2^{da} Edição. São Paulo, SP: Ibrasa. 351p., 1965.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JUNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico**. Primeira Edição Eletrônica. Uberlândia: Navegando Publicações. 300p., 2018.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JUNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã. 265p., 2009.

SIEGRIST, Johannes. Adverse health effects of high-effort/low-reward conditions. **Journal Occup Health Psychol**, v.1, p.27-41, 1996.

SILVA, Eduardo Pinto e. Intensificação do trabalho, manipulação da subjetividade e adoecimento: implicações das políticas educacionais e do gerencialismo. São Paulo, **Revista APASE**: n.17, p. 20-31, 2016.

_____. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. São Paulo, **Revista de Psicologia: Teoria e Prática (Online)**, v. 17, p. 61-71, 2015.

_____. **Sofrimento psíquico no trabalho do professor da universidade pública**. In: FREITAS, Lêda Gonçalves de (org.). Prazer e sofrimento no trabalho docente: pesquisas brasileiras. Curitiba, PR: Juruá, p.71-92, 2013a.

_____. Subjetividade e sociabilidade: reflexões sobre o trabalho e saúde do professor universitário sob uma perspectiva freudo-marxista. Rio de Janeiro, **Advir (ASDUERJ)**, v. 30, p. 19-31, 2013b.

_____. **O stress no trabalho de guardas municipais: a dialética entre o desgaste socioinstitucional e o biopsíquico**. Campinas, SP: UNICAMP, Faculdade de Educação (Tese de Doutorado em Educação). 323p., 2005.

SILVA, Eduardo Pinto e; MANCEBO, Deise. **Subjetividade docente na expansão da UFF: criação, refração e adoecimento**. *Fractal*, Rio de Janeiro, v. 26, n.2, p.479-492, 2014.

SILVA FILHO, João Ferreira da; JARDIM, Silvia Rodrigues. **A danação do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1998.

SILVA-JUNIOR, João Silvestre; FISCHER, Frida Marina. Fatores psicossociais: desafios contemporâneos no campo da saúde mental e trabalho. In: SCHMIDT, Maria Luiza Gava; CASTRO, Matheus Fernandes de; CASADORE, Marcos Mariani (orgs.). **Fatores psicossociais e o processo saúde/doença no trabalho: aspectos teóricos, metodológicos, interventivos e preventivos**. São Paulo: FiloCzar, capítulo 1, p.11-27, 2018.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **The new brazilian university - a busca por resultados comercializáveis: para quem?** Bauru, SP: Canal 6, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO (preenchimento não obrigatório do nome ou iniciais):

Nome (ou iniciais): _____

Sexo: masculino () feminino()

Estado civil: _____

Idade: _____ anos.

PARTE A - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE STRESS

1 - Marque com um X o que você tem experimentado nas últimas **24 horas**:

- mãos ou pés frios
- boca seca
- nó no estômago
- aumento de sudorese
- tensão muscular
- ranger de dentes ou aperto de mandíbula
- diarreia passageira
- insônia
- taquicardia
- aumento do ritmo da respiração (hiperventilação)
- pressão alta repentina e passageira
- mudança de apetite
- aumento repentino de motivação
- entusiasmo repentino
- vontade repentina de iniciar novos projetos.

2 - Marque com um X o que você tem experimentado na **última semana**:

- problemas com a memória, esquecimentos
- mal estar generalizado e sem causa específica
- formigamento das extremidades (ex: dedos, mãos, pés)
- sensação de desgaste físico constante
- mudança de apetite
- aparecimento de problemas de pele ou de cabelo (problemas dermatológicos)
- pressão alta
- cansaço constante

- aparecimento de gastrite, úlcera ou indisposição estomacal prolongada
- tontura ou sensação de estar flutuando
- sensibilidade emotiva excessiva
- dúvida quanto a si próprio
- pensar constantemente em um só assunto
- irritabilidade excessiva
- diminuição do interesse sexual

3 - Marque com um X o que você tem experimentado no **último mês**:

- diarreia frequente
- dificuldades sexuais
- insônia
- náusea
- tíques
- pressão alta continuada
- problemas de pele ou cabelo prolongados (problemas dermatológicos)
- mudanças extremas de apetite
- excesso de gases
- tontura frequente
- úlcera, colite ou outro problema digestivo sério
- enfarte
- impossibilidade de trabalhar
- pesadelos
- sensação de incompetência em todas as áreas
- vontade de fugir de tudo
- apatia, depressão ou raiva prolongada
- cansaço excessivo
- pensar e/ou falar constantemente em um só assunto
- irritabilidade sem causa aparente
- angústia/ansiedade diária
- hipersensibilidade emotiva
- perda do senso do humor

PARTE B – SAÚDE, TRABALHO E FAMÍLIA

1 - Responda às seguintes perguntas sobre sua saúde:

Pergunta	Sim	Não
Tem dores de cabeça frequente?		
Tem falta de apetite?		
Dorme mal?		
Assusta-se com facilidade?		
Tem tremores nas mãos?		
Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?		
Tem má digestão?		
Tem dificuldade de pensar com clareza?		
Tem-se sentido triste ultimamente?		
Tem chorado mais do que costume?		
Tem dificuldade de realizar com satisfação atividades diárias?		
Tem dificuldades para tomar decisões?		
Seu trabalho é penoso, difícil ou lhe causa sofrimentos?		
É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?		
Tem perdido o interesse pelas coisas?		
Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?		
Tem tido ideia de acabar com a vida?		
Sente-se cansado o tempo todo?		
Você se cansa com facilidade?		
Tem sensações desagradáveis no estômago?		

2 – As situações de trabalho docente lhe causam (assinale todas possíveis):

- realização
- satisfação
- excitação
- irritação
- conflito
- agressividade
- frustração
- sofrimento

3– Dados finais sobre seu trabalho, saúde e vida familiar:

- Há quanto tempo é professor na universidade? _____ anos.
- Quantas horas você trabalha em média por dia? _____ horas.
- Quantas disciplinas você leciona em média por semestre na graduação? _____
- Quantas disciplinas você leciona em média por semestre na pós-graduação? _____

Perguntas:	Sim	Não	Em termos
Você considera seu trabalho prejudicial à sua saúde?			
Sente-se mais nervoso desde seu ingresso no programa de pós-graduação?			
Eventuais preocupações e problemas no trabalho prejudicam o clima dentro de casa?			
Eventuais preocupações e problemas em casa lhe prejudicam no trabalho?			
Alimenta-se de forma saudável?			
Você faz exercícios físicos regulares?			
Você possui círculo de amigos ou familiares com quem se relaciona regularmente?			
Você trabalha nos finais de semana?			
Você considera sua vida sedentária?			
Toma medicamento diariamente?			
Você está com algum problema de saúde?			Qual?

Você se disporia a conceder uma entrevista em outro momento para aprofundar as questões que foram aqui respondidas?

SIM ()

NÃO ()

No caso positivo, favor indicar forma de contato de preferência:

Fone _____

E-mail: _____

Obrigado por responder o Questionário.

APÊNDICE II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

TEMA GERAL: Trabalho e saúde do professor da pós-graduação: sofrimento, estresse e adoecimento.

SUB-TEMAS:

a) TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Conte-me um pouco sobre sua família e sua trajetória profissional e acadêmica.

b) COTIDIANO, CONDIÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO

Conte-me um pouco sobre seu cotidiano trabalho, ressaltando a sua rotina de trabalho e as atividades que mais e menos gosta de desenvolver;

Como você percebe as formas de avaliação de seu trabalho por parte da universidade, do Programa de Pós-Graduação, da CAPES e agências de fomento?

Como você avalia as suas condições e relações de trabalho?

Você considera seu ritmo de trabalho excessivo?

c) TRABALHO E PROCESSOS DE SAÚDE-DOENÇA

Quais situações lhe dão prazer e quais lhe causam sofrimento no trabalho?

Você considera seu trabalho desgastante?

Você se sente irritado ou excessivamente preocupado com questões relacionadas ao trabalho?

Você considera que seu trabalho interfere positiva ou negativamente na sua saúde?

Você apresenta algum problema de saúde? Qual?

APÊNDICE III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Departamento de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar

Via Washington Luís, km 235 – Caixa Postal 676

13565-905 – São Carlos – SP - Brasil

Fones: (19) 99262-9330

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Resolução 466/2012 do CNS)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “A intensificação e precarização do trabalho do professor e suas implicações: sofrimento, *stress* e adoecimento”, que tem como objetivo analisar as consequências da intensificação e precarização do trabalho na pós-graduação na saúde e subjetividade do professor universitário. Para isto, os instrumentos de coleta de dados compreenderão: a análise de documentos e dados sobre a instituição e programa de pós-graduação a ser pesquisados; resposta a um Questionário objetivo por parte dos docentes do programa, por meio do qual se buscará identificar existência de estresse e de sintomas físicos e psicológicos; e entrevistas semiestruturadas com uma amostra dos respondentes deste Questionário. Os dados serão coletados junto ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação [...] de renomada universidade pública do Estado de São Paulo.

Por este motivo, o(a) convidamos a responder um Questionário objetivo, por escrito, após o qual poderemos lhe convidar para conceder uma entrevista áudio-gravada, caso se disponibilize. Seu aceite e sua eventual participação na pesquisa são de caráter estritamente voluntário, estando livre para retirar seu consentimento a qualquer instante durante o seu desenvolvimento, sem que haja qualquer prejuízo na relação com o pesquisador e com a instituição. Ressaltamos que sua participação não ocasionará gastos financeiros e os possíveis desconfortos provenientes dela serão minimizados pelos pesquisadores por meio de algumas medidas, tais como: respeito à sua opinião e conceitos; dar-lhe a faculdade de responder tão somente às questões ao qual se dispor; e nos comprometemos com a garantia de seu anonimato ao utilizarmos pseudônimos e/ou códigos. O material relativo à entrevista será mantido em local seguro e privado, de modo a impedir seu acesso por terceiros, e serão utilizados para fins estritamente acadêmicos

(elaboração da Dissertação de Mestrado, produção de artigos e capítulos de livros). A pesquisadora responsável **Katia Miluska Díaz Dextre** fará a transcrição da fala gravada para um texto em computador e os pesquisadores discutirão esses resultados. Ao término da pesquisa, as gravações serão apagadas e os resultados poderão ser divulgados somente em encontros científicos e revistas especializadas, contendo citações anônimas, sem que seu nome apareça associado à pesquisa.

O estudo trará benefícios para todos os participantes, uma vez que privilegia a fala do trabalhador, mecanismo a qual pode resgatar a capacidade de pensar e refletir sobre o sentido de seu ofício, assim como dos elementos que lhe ocasionam sofrimento e prazer do trabalho. Além disto, os dados e análises da pesquisa, ao serem publicados, poderão propiciar uma reformulação dos procedimentos de gestão institucional e fomentar políticas mais adequadas à realidade e ao bem estar do professor do Programa de Pós-Graduação da universidade pesquisada.

Desse modo, solicitamos sua autorização para a participação na aplicação do Questionário e possivelmente na entrevista áudio-gravada, se nos for posteriormente concedida. Ressaltamos que o material será utilizado exclusivamente para fins acadêmico-científicos. Por este motivo, caso autorize, você receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido, no qual constam o telefone e o endereço dos pesquisadores, podendo retirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento.

Katia Miluska Díaz Dextre

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar

Endereço: Rua Lions Clube, 100, CEP 13566-370, São Carlos, SP.

Telefone (16) 991659687.

E-mail: miluskatia25@gmail.com

Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva - Orientador

Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar

Endereço: Av. Miguel Damha, 1400, casa 287, CEP 13565-251, São Carlos, SP.

Telefone: (16) 99718-1453. E-mail: dups02@gmail.com

A pesquisadora me informa que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Considerando os itens acima descritos, eu, de maneira livre e esclarecida, expresso o meu interesse em participar desta pesquisa.

Eu, _____, aceito participar deste estudo e, sendo minha participação voluntária, estou livre para a qualquer momento desistir de colaborar na resposta ao Questionário e na eventual entrevista, sem qualquer prejuízo para mim ou minha família.

Eu recebi uma cópia deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo.

Assinatura

entrevistado: _____

Assinatura

entrevistadora: _____

São Carlos, ____/____/____.

Entrevista no _____

Local: _____